

BURITI MAIS

LINGUAGENS

EDUCAÇÃO FÍSICA

Categoria 1: Obras didáticas por área
Área: Arte e Educação Física
Componente: Educação Física

1^o E 2^o ANOS

Anos Iniciais do Ensino Fundamental

Organizadora: Editora Moderna
Obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida pela Editora Moderna e aprovada pela Diretoria de Conteúdo da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO. VERSÃO SUBMETIDA À AVALIAÇÃO.
PNLD 2023 - Objeto 1
Código da coleção:
0014 P23 01 01 206 160





MODERNA



BURITI MAIS

LINGUAGENS

EDUCAÇÃO FÍSICA

1^o E 2^o ANOS

Anos Iniciais do Ensino Fundamental

Organizadora: Editora Moderna

Obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida pela Editora Moderna.

Editora responsável:

Marisa Martins Sanchez

Licenciada em Letras pelas Faculdades São Judas Tadeu, habilitação: Português/Francês. Professora de Português em escolas públicas e particulares por 11 anos. Editora.

Categoria 1: Obras didáticas por área

Área: Arte e Educação Física

Componente: Educação Física

MANUAL DO PROFESSOR

1ª edição

São Paulo, 2021

Elaboração dos originais:

Fabio Marchioretto

Bacharel e Licenciado em Educação Física pela Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo e Licenciado em Pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (SP). Professor de Educação Física na Educação Básica e no Ensino Superior.

Rogério Marchioretto

Licenciado em Educação Física pela Universidade de Pernambuco. Mestre em Ciências do Desporto com Especialização em Avaliação e Prescrição na Atividade Física pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (Portugal). Professor no Ensino Superior.

Murilo Leite

Bacharel e Licenciado em Educação Física pelo Centro Universitário Metropolitano de São Paulo. Especialista (MBA) em Gestão Escolar pela Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" da Universidade de São Paulo. Professor na Educação Básica.

Priscilla de Souza Mattos

Bacharela e Licenciada em Educação Física pela Escola de Educação Física e Esporte da Universidade São Paulo. Professora na Educação Básica.

Egon de Oliveira Rangel

Bacharel e Mestre em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. Professor no Ensino Superior.

Maria Aida Barroso

Bacharela em Música (Regência) e Mestra em Música (Práticas Interpretativas - Cravo) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora no Ensino Superior.

Maria Elisa Curti

Bacharela em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. Bacharela e Licenciada em Língua e Literatura Portuguesas pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora na Educação Básica.

Coordenação geral de produção: Maria do Carmo Fernandes Branco

Edição de texto: Adriana Teixeira, Roberta Lombardi Martins e Vanessa Valença

Assistência editorial: Roberta Lucas

Assessoria técnico-pedagógica: Sophia Yoshida Arns

Gerência de design e produção gráfica: Everson de Paula

Coordenação de produção: Patricia Costa

Gerência de planejamento editorial: Maria de Lourdes Rodrigues

Coordenação de design e projetos visuais: Marta Cerqueira Leite

Projeto gráfico: Megalo/Narjara Lara

Capa: Aurélio Camilo

Ilustração: Brenda Bossato

Coordenação de arte: Aderson Assis Oliveira

Edição de arte: Fábio Augusto

Editoração eletrônica: Estudo gráfico

Edição de infografia: Giselle Hirata, Priscilla Boffo

Coordenação de revisão: Camila Christi Gazzani

Revisão: Denise Ceron, Denise Morgado, Márcio Della Rosa

Coordenação de pesquisa iconográfica: Sônia Oddi

Pesquisa iconográfica: Monica de Souza, Pamela Rosa, Lourdes Guimarães, Vanessa Trindade

Suporte administrativo editorial: Flávia Bosqueiro

Coordenação de bureau: Rubens M. Rodrigues

Tratamento de imagens: Ademir Francisco Baptista, Joel Aparecido, Luiz Carlos Costa, Marina M. Buzzinaro, Vânia Aparecida M. de Oliveira

Pré-impressão: Alexandre Petreca, Andréa Medeiros da Silva, Everton L. de Oliveira, Fabio Roldan, Marcio H. Kamoto, Ricardo Rodrigues, Vitória Sousa

Coordenação de produção industrial: Wendell Monteiro

Impressão e acabamento:

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Buriti mais linguagens educação física : manual do professor / organizadora Editora Moderna : obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida pela Editora Moderna ; editora responsável Marisa Martins Sanchez. -- 1. ed. -- São Paulo : Moderna, 2021.

1º e 2º anos : ensino fundamental : anos iniciais
Categoria 1: Obras didáticas por área
Área: Arte e Educação Física
Componente: Educação Física
ISBN 978-85-16-13327-6

1. Educação física (Ensino fundamental)
I. Sanchez, Marisa Martins.

21-73739

CDD-372.86

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação física : Ensino fundamental 372.86

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Todos os direitos reservados

EDITORA MODERNA LTDA.

Rua Padre Adelino, 758 - Belenzinho
São Paulo - SP - Brasil - CEP 03303-904
Vendas e Atendimento: Tel. (0__11) 2602-5510
Fax (0__11) 2790-1501
www.moderna.com.br
2021
Impresso no Brasil

APRESENTAÇÃO

Caro colega,

Esta coleção foi elaborada para você a fim de promover o desenvolvimento do componente curricular Educação Física como integrante da área de Linguagens. Os volumes estão pautados na *Base Nacional Comum Curricular – BNCC* – e na *Política Nacional de Alfabetização – PNA* –, e se desdobram em duas partes: introdução e unidades temáticas, por sua vez, reunidas em blocos referentes a cada um dos anos iniciais do Ensino Fundamental (o volume 1 apresenta as unidades temáticas relativas aos 1º e 2º anos, e o volume 2, aos 3º, 4º e 5º anos).

Na introdução, são destacados os procedimentos pedagógicos adotados para nortear as práticas pedagógicas relacionadas ao desenvolvimento de competências e habilidades, à progressão e à avaliação. São também descritas a composição e a organização do Manual do Professor.

Nas unidades temáticas relativas aos 1º e 2º anos, são trabalhadas as práticas corporais na perspectiva dos eixos de jogos e brincadeiras, esportes, ginásticas e danças. Nas referentes aos 3º, 4º e 5º anos, a esses eixos é acrescentado o de lutas. As unidades temáticas se desenvolvem tendo como subsídios o contexto histórico, social e cultural e as habilidades e as capacidades físicas como forma de composição, expressão, manifestação e comunicação corporal.

A Educação Física, assim configurada, expande suas possibilidades de conexão com a área de Linguagens, conectando-se, sempre que possível, também a outras áreas do conhecimento. Nesse caminho, promovem-se aprendizagens que ressignifiquem sentidos e significados das práticas corporais.

Embora nesta coleção sugiram-se diversas aplicações tanto para a formação de competências e de habilidades quanto para a oportunidade de se trabalhar com temas transversais que contribuam ainda mais para a formação cidadã e para a construção de uma sociedade justa, inclusiva e democrática, o Manual do Professor possibilita que você adapte, crie ou eleja suas próprias atividades que, porventura, façam mais sentido ao contexto no qual a escola e os estudantes estão inseridos. Dessa forma, a mediação do professor é essencial para que os objetivos de aprendizagem sejam alcançados. Desejamos a você um excelente trabalho!

Os autores.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO MP006

1º ANO

UNIDADE 1 - BRINCADEIRAS E JOGOS, MP018

Proseando sobre brincadeiras e jogos, MP019

Praticando brincadeiras e jogos, MP019

ESTÁTUAMP019

Conhecendo a prática corporal MP019

Vivenciando a prática corporal MP020

Dialogando sobre a prática MP020

Registrando MP020

Avaliação MP020

AMARELINHAMP021

Conhecendo a prática corporal MP021

Vivenciando a prática corporal MP021

Dialogando sobre a prática MP022

Registrando MP022

Avaliação MP022

CINCO-MARIASMP022

Conhecendo a prática corporal MP022

Vivenciando a prática corporal MP023

Dialogando sobre a prática MP024

Registrando MP024

Avaliação MP024

ELÁSTICOMP024

Conhecendo a prática corporal MP024

Vivenciando a prática corporal MP024

Dialogando sobre a prática MP025

Registrando MP025

Avaliação MP025

PEGA-PEGAMP025

Conhecendo a prática corporal MP025

Vivenciando a prática corporal MP026

Dialogando sobre a prática MP026

Registrando MP027

Avaliação MP027

UNIDADE 2 - ESPORTES, MP028

Proseando sobre esportes, MP029

Praticando esportes, MP031

ESPORTES DE MARCAMP031

Conhecendo a prática corporal MP031

Vivenciando a prática corporal MP031

Corrida de velocidade MP031

Corrida com obstáculos MP031

Corrida de revezamento MP031

Dialogando sobre a prática MP032

Registrando MP032

Avaliação MP032

ESPORTES DE PRECISÃOMP033

Conhecendo a prática corporal MP033

Vivenciando a prática corporal MP033

Alvo fixo MP033

Alvo móvel MP033

Dialogando sobre a prática MP034

Registrando MP034

Avaliação MP034

UNIDADE 3 - GINÁSTICAS, MP035

Proseando sobre ginásticas, MP036

Praticando ginásticas, MP036

SALTOS GINÁSTICOSMP036

Conhecendo a prática corporal MP036

Vivenciando a prática corporal MP037

Dialogando sobre a prática MP038

Registrando MP038

Avaliação MP038

ROLAMENTOSMP038

Conhecendo a prática corporal MP038

Vivenciando a prática corporal MP039

Dialogando sobre a prática MP040

Registrando MP040

Avaliação MP040

UNIDADE 4 - DANÇAS, MP041

Proseando sobre danças, MP042

Praticando danças, MP042

RODAS CANTADAS	MP042
<i>Conhecendo a prática corporal</i>	MP042
<i>Vivenciando a prática corporal</i>	MP043
Peixe vivo	MP043
Ciranda, cirandinha	MP044
A canoa virou	MP044
Fui no Itororó	MP045
<i>Dialogando sobre a prática</i>	MP045
<i>Registrando</i>	MP045
<i>Avaliação</i>	MP045

ARTICULANDO LINGUAGENS, MP046

2º ANO

UNIDADE 5 - BRINCADEIRAS E JOGOS, MP050

Proseando sobre brincadeiras e jogos, MP051

Praticando brincadeiras e jogos, MP051

ESCONDE-ESCONDE	MP051
<i>Conhecendo a prática corporal</i>	MP051
<i>Vivenciando a prática corporal</i>	MP052
<i>Dialogando sobre a prática</i>	MP052
<i>Registrando</i>	MP052
<i>Avaliação</i>	MP053

CORRE CUTIA	MP053
<i>Conhecendo a prática corporal</i>	MP053
<i>Vivenciando a prática corporal</i>	MP053
<i>Dialogando sobre a prática</i>	MP054
<i>Registrando</i>	MP054
<i>Avaliação</i>	MP054

UNIDADE 6 - ESPORTES, MP055

Proseando sobre esportes, MP056

Praticando esportes, MP057

ESPORTES DE MARCA E PRECISÃO	MP057
<i>Conhecendo a prática corporal</i>	MP057
<i>Vivenciando a prática corporal</i>	MP058
Salto em distância	MP058
Boliche	MP059
<i>Dialogando sobre a prática</i>	MP060
<i>Registrando</i>	MP060
<i>Avaliação</i>	MP060

UNIDADE 7 - GINÁSTICAS, MP061

Proseando sobre ginásticas, MP062

Praticando ginásticas, MP062

O MUNDO DE PONTA-CABEÇA	MP062
<i>Conhecendo a prática corporal</i>	MP062
<i>Vivenciando a prática corporal</i>	MP063
Vela	MP063
Ponte	MP063
Parada de mãos	MP064
<i>Dialogando sobre a prática</i>	MP065
<i>Registrando</i>	MP065
<i>Avaliação</i>	MP065

EQUILIBRANDO JUNTOS

MP066

<i>Conhecendo a prática corporal</i>	MP066
<i>Vivenciando a prática corporal</i>	MP066
Avião	MP066
Tartarugas	MP067
De mãos dadas	MP067
<i>Dialogando sobre a prática</i>	MP068
<i>Registrando</i>	MP068
<i>Avaliação</i>	MP068

UNIDADE 8 - DANÇAS, MP069

Proseando sobre danças, MP070

Praticando danças, MP070

BRINCADEIRAS RÍTMICAS	MP070
<i>Conhecendo a prática corporal</i>	MP070
<i>Vivenciando a prática corporal</i>	MP070
Samba Lelê	MP070
Borboletinha	MP071
Palma palma pé	MP072
<i>Dialogando sobre a prática</i>	MP073
<i>Registrando</i>	MP073
<i>Avaliação</i>	MP073

ARTICULANDO LINGUAGENS, MP074

REFERÊNCIAS, MP078

INTRODUÇÃO



“Você já parou para pensar?” Essa pergunta, tão comum em nossa vida, expressa que a ideia de “pensar parado” representa uma visão cartesiana, pela qual os processos são divididos entre mentais e corporais de maneira hierarquizada.

Apesar de algumas tarefas exigirem que as pessoas estejam sentadas e concentradas, outras acontecem com elas em ação; e algumas pessoas até preferem pensar em movimento, como correr, por exemplo, para organizar os pensamentos.

Mas a questão vai além! Para nos movimentarmos, precisamos de uma série de processos mentais complexos relacionados ao nosso organismo e ao ambiente, como a percepção da relação entre espaço, tempo e objetos (estáticos e dinâmicos), para tomar decisões e executar nossas ações. Nesse sentido, a ideia de “pensar em movimento” rompe com a lógica cartesiana ao religar o pensar ao movimento.

A expressão “pensar em movimento” relaciona-se também aos aspectos da própria Educação Física, já que o movimento é a essência dessa área em suas diversas formas de concretização das práticas corporais.

Do micro para o macro, do regional para o universal, da parte para o todo, do simples para o complexo, dos aspectos biológicos aos culturais, do individual ao coletivo, as práticas corporais abrangem toda a complexidade que o estudo do movimento necessita.

Para dar profundidade aos objetos de conhecimento e compor um programa sequenciado, a construção de narrativas é fundamental, pois elas farão a integração entre os conhecimentos específicos da Educação Física e os de outras áreas. Por meio das vivências, os estudantes refletirão sobre as práticas corporais e as relacionarão à construção histórica, social e cultural, integrando-as ao mundo.

Desse modo, é imprescindível que as práticas corporais proporcionem a construção da valorização dos saberes historicamente construídos, o uso de diferentes formas de expressão da linguagem, a reflexão crítica, a valorização da diversidade de saberes, a igualdade de oportunidades, a inclusão, o respeito às di-

ferenças e a apreciação da expressão corporal. É nessa perspectiva que o principal objetivo desta obra é estabelecer a Educação Física como prática de linguagem corporal, integrando conhecimentos específicos sobre o movimento em todas as suas dimensões. O movimento não é um fim em si mesmo, mas constitui-se objeto para a construção integrada do conhecimento sobre ele em suas variadas formas: nas brincadeiras e jogos, no esporte, na dança, nas ginásticas.

É nesse sentido que não se pode esquecer da importância da experimentação e das estratégias para torná-la positiva. Por isso, é essencial cuidar do planejamento e do ambiente da aula, reforçando o espaço como um laboratório de experimentação no qual o erro é aliado da aprendizagem e o acolhimento do professor e dos colegas é fundamental para garantir o direito às aprendizagens a todos os estudantes.

As dimensões do conhecimento da Educação Física

Durante muito tempo, a Educação Física teve como referência o fazer dos estudantes, o que é inerente à área, pois, para eles aprenderem, é importante que interajam com o seu objeto, o movimento. Entretanto, devemos também proporcionar momentos nos quais os estudantes reflitam sobre o que fizeram e para que fizeram, ampliando a sua relação com saberes importantes do componente curricular. Para isso, no desenvolvimento das unidades temáticas e orientações ao professor, tomamos como base as oito dimensões do conhecimento elencadas pela *Base Nacional Comum Curricular* – BNCC:

Experimentação: refere-se à dimensão do conhecimento que se origina pela vivência das práticas corporais, pelo envolvimento corporal na realização das mesmas. São conhecimentos que não podem ser acessados sem passar pela vivência corporal, sem que sejam efetivamente experimentados. Trata-se de uma possibilidade única de apreender as manifestações culturais tematizadas pela Educação Física, e do estudante se perceber como sujeito “de carne e osso”. Faz parte dessa dimensão, além do imprescindível acesso à experiência, cuidar para que as sensações geradas no momento da realização de uma determinada vivência sejam positivas ou, pelo menos, não sejam desagradáveis a ponto de gerar rejeição à prática em si.

Uso e apropriação: refere-se ao conhecimento que possibilita ao estudante ter condições de realizar de forma autônoma uma determinada prática corporal. Trata-se do mesmo tipo de conhecimento gerado pela experimentação (saber fazer), mas dele se diferencia por possibilitar ao estudante a competência necessária para potencializar o seu envolvimento com práticas corporais no lazer ou para a saúde. Diz respeito àquele rol de conhecimentos que viabilizam a prática efetiva das manifestações da cultura corporal de movimento não só durante as aulas, como também para além delas.

Fruição: implica a apreciação estética das experiências sensíveis geradas pelas vivências corporais, bem como das diferentes práticas corporais oriundas das mais diversas épocas, lugares e grupos. Essa dimensão está vinculada à apropriação de um conjunto de conhecimentos que permite ao estudante desfrutar da realização de uma determinada prática corporal e/ou apreciar essa e outras tantas quando realizadas por outros.

Reflexão sobre a ação: refere-se aos conhecimentos originados da observação e da análise das próprias vivências corporais, e daquelas realizadas por outros. Vai além da reflexão espontânea, gerada em toda experiência corporal. Trata-se de um ato intencional, orientado a formular e empregar estratégias de observação e análise para: (a) resolver desafios peculiares à prática realizada; (b) apreender novas modalidades; e (c) adequar as práticas aos interesses e às possibilidades próprios e aos das pessoas com quem compartilha a sua realização.

Construção de valores: vincula-se aos conhecimentos originados em discussões e vivências no contexto da tematização das práticas corporais, que possibilitam a aprendizagem de valores e normas voltadas ao exercício da cidadania em prol de uma sociedade democrática. A produção e partilha de atitudes, normas e valores (positivos e negativos) são inerentes a qualquer processo de socialização. No entanto, essa dimensão está diretamente associada ao ato intencional de ensino e de aprendizagem e, portanto, demanda intervenção pedagógica orientada para tal fim. Por esse motivo, a BNCC se concentra mais especificamente na construção de valores relativos ao respeito às diferenças e ao combate aos preconceitos de qualquer natureza. Ainda assim, não se pretende propor o tratamento apenas desses valores, ou fazê-lo só em determinadas etapas do componente, mas assegurar a superação de estereótipos e preconceitos expressos nas práticas corporais.

Análise: está associada aos conceitos necessários para entender as características e o funcionamento das práticas corporais (saber sobre). Essa dimensão reúne conhecimentos como a classificação dos esportes, os sistemas táticos de uma modalidade, o efeito de determinado exercício físico no desenvolvimento de uma capacidade física, entre outros.

Compreensão: está também associada ao conhecimento conceitual, mas, diferentemente da dimensão anterior, refere-se ao esclarecimento do processo de inserção das práticas corporais no contexto sociocultural, reunindo saberes que possibilitam compreender o lugar das práticas corporais no mundo. Em linhas gerais, essa dimensão está relacionada a temas que permitem aos estudantes interpretar as manifestações da cultura corporal de movimento em relação às dimensões éticas e estéticas, à época e à sociedade que as gerou e as modificou, às razões da sua produção e transformação e à vinculação local, nacional e global. Por exemplo, pelo estudo das condições que permitem o surgimento de uma determinada prática corporal em uma dada região e época ou os motivos pelos quais os esportes praticados por homens têm uma visibilidade e um tratamento midiático diferente dos esportes praticados por mulheres.

Protagonismo comunitário: refere-se às atitudes/ações e conhecimentos necessários para os estudantes participarem de forma confiante e autoral em decisões e ações orientadas a democratizar o acesso das pessoas às práticas corporais, tomando como referência valores favoráveis à convivência social. Contempla a reflexão sobre as possibilidades que eles e a comunidade têm (ou não) de acessar uma determinada prática no lugar em que moram, os recursos disponíveis (públicos e privados) para tal, os agentes envolvidos nessa configuração, entre outros, bem como as iniciativas que se dirigem para ambientes além da sala de aula, orientadas

a interferir no contexto em busca da materialização dos direitos sociais vinculados a esse universo (BRASIL, 2018, p. 220 e 221)¹.

Progressão

A progressão constitui um importante tema a considerar na Educação Física. A evidência das aprendizagens e o seu aprofundamento ano a ano são necessários para que se dê um sentido de sistematização do conhecimento. A BNCC propõe a divisão dos anos em biênios (1º e 2º) e triênios (3º a 5º), com a proposta de “aumentar a flexibilidade na delimitação dos currículos e propostas curriculares, tendo em vista a adequação às realidades locais” (BRASIL, 2018, p. 224). Mesmo assim, estabelece alguns critérios de progressão “sinalizando tendência de organização de conhecimentos” (BRASIL, 2018, p. 219):

Brincadeiras e jogos e Danças: são organizados em objetos de conhecimento conforme a ocorrência social dessas práticas corporais, das esferas sociais mais familiares (localidade e região) às menos familiares (esferas nacional e mundial).

Ginásticas: a organização se dá com base na diversidade dessas práticas e nas suas características.

Esportes: a organização recai sobre a sua tipologia (modelo de classificação).

Avaliação

No modelo por competências, a avaliação deve investigar um modo de agir no mundo por parte dos estudantes, ou seja, o modo como eles utilizam os seus recursos internos, o seu conhecimento e o seu saber fazer para resolver determinada situação que se apresenta em sua vida. Por meio da experimentação, o resultado das ações deve levá-los a refletir se os recursos internos foram mobilizados para o sucesso da tarefa, bem como de que maneira puderam ter acesso ao conhecimento ou construí-lo.

O papel do professor é o de auxiliar o processo de reflexão sobre a prática, ou seja, incentivar os estudantes a expressarem as suas dificuldades e o seu gosto pessoal, analisarem os seus recursos internos, buscarem soluções diferentes, observarem outros modos de resolução, entre outras ações.

Importante considerar que no modelo por competências não devemos pensar em avaliação como “certo” ou “errado” ou “tudo” ou “nada”, ou seja, entre ser competente e ser incompetente, há muitas nuances que influenciam no processo.

Como avaliar?

O processo de avaliação pode conter avaliações somativas, feitas, em geral, ao final de um processo para verificar o sucesso dos estudantes. Se temos, porém, o objetivo de monitorar um processo enquanto ele ainda ocorre, observando como os estudantes interagem com o conhecimento, devemos considerar outras maneiras de avaliar.

Na Educação Física, grande parte das aprendizagens ocorre durante as atividades, pois o fazer, para nós, é um conhecimento, um processo formativo que ocorre durante as práticas e consiste em um importante recurso de investigação das aprendizagens dos estudantes.

¹ BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 5 fev. 2021.

A avaliação formativa pode ocorrer de modo informal, no qual o professor lida com os eventos inesperados, comuns durante as aulas; nela o professor intermedeia a relação do estudante com o conhecimento e realiza ajustes às tarefas, a fim de promover as aprendizagens. Se fazem parte do processo de aprendizagem, servem de parâmetros para avaliação. Para ser considerada como tal, podem-se registrar as ocorrências, as orientações do professor e as respostas dos estudantes.

Algumas formas de avaliação formativa têm se mostrado efetivas na aprendizagem dos estudantes (BLACK *et al.*, 2004)²:

Questionamento efetivo: visa a coletar informações sobre o nível atual de compreensão dos estudantes com perguntas que não pressupõem respostas diretas e demandam maior tempo de formulação de respostas, por meio das quais o professor tem uma visão ampla da compreensão dos estudantes e possibilita que eles comparem as respostas entre si.

Feedback para os estudantes: os *feedbacks* formais são mais efetivos em melhorar as aprendizagens dos estudantes. Podem ser feitos por meio de comentários escritos, em vez de notas. Quando os estudantes recebem notas e comentários, em geral não leem os comentários, aceitam a nota e seguem em frente. Em contrapartida, quando recebem apenas comentários, costumam ler e têm mais disposição para melhorar o seu desempenho.

Autoavaliação e avaliação dos pares: como os professores nem sempre têm tempo de fazer pergunta a todos os estudantes, a autoavaliação e a avaliação por pares possibilitam aos estudantes revisar as suas ideias e aprender novas propostas quando examinam a produção dos colegas. Os estudantes devem aprender a perguntar ao colega por que decidiu fazer de determinada maneira, pedir-lhe exemplos ou evidências e indicar-lhe pontos que não compreendeu, evitando fazer julgamentos de certo e errado.

Outra maneira de avaliar é solicitar aos estudantes que entreguem um “produto” do seu aprendizado. De acordo com a faixa etária, a produção pode ser mais ou menos elaborada. O importante é que o produto evidencie a aprendizagem dos estudantes em relação aos objetivos das aulas. A produção pode ser de um desenho, uma entrevista, uma pesquisa, um trabalho em cartolina, um panfleto, um vídeo, uma poesia, um *podcast*, entre outras.

Quanto mais informações houver sobre o processo de aprendizagem dos estudantes, mais completa será a avaliação. Por isso, compilar as avaliações em um portfólio possibilita analisar o avanço e as necessidades dos estudantes.

Transição da Educação Infantil para os Anos Iniciais

A fase de transição entre a Educação Infantil e os Anos Iniciais do Ensino Fundamental consiste em um momento muito importante do percurso educacional dos estudantes. Estratégias de acolhimento, adaptações das crianças aos docentes, proposição de tarefas adequadas aos estudantes, evitando-se grandes lacunas

² BLACK, Paul J. *et al.* Working inside the black box: assessment for learning in the classroom. *Phi Delta Kappan*, v. 86, n. 1, p. 9-21, 2004. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/44835745_Working_Inside_the_Black_Box_Assessment_for_Learning_in_the_Classroom>. Acesso em: 23 abr. 2021.

entre os segmentos são alguns pontos importantes a considerar nessa fase. Os eixos estruturantes da Educação Infantil são as interações e a brincadeira. É por meio desses eixos que as crianças aprendem, socializam e se desenvolvem, pois possibilitam que ajam e interajam entre si e com os adultos.

Além dos eixos estruturantes propostos pela BNCC, seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento

[...] asseguram as condições para que as crianças aprendam em situações nas quais possam desempenhar um papel ativo em ambientes que as convidem a vivenciar desafios e a sentirem-se provocadas a resolvê-los, nas quais possam construir significados sobre si, os outros e o mundo social e natural (BRASIL, 2018, p. 37).

São direitos de aprendizagem e desenvolvimento na Educação Infantil:

Direitos de aprendizagem e desenvolvimento na Educação Infantil

- **Conviver** com outras crianças e adultos, em pequenos e grandes grupos, utilizando diferentes linguagens, ampliando o conhecimento de si e do outro, o respeito em relação à cultura e às diferenças entre as pessoas.
- **Brincar** cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos), ampliando e diversificando seu acesso a produções culturais, seus conhecimentos, sua imaginação, sua criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais.
- **Participar** ativamente, com adultos e outras crianças, tanto do planejamento da gestão da escola e das atividades propostas pelo educador quanto da realização das atividades da vida cotidiana, tais como a escolha das brincadeiras, dos materiais e dos ambientes, desenvolvendo diferentes linguagens e elaborando conhecimentos, decidindo e se posicionando.
- **Explorar** movimentos, gestos, sons, formas, texturas, cores, palavras, emoções, transformações, relacionamentos, histórias, objetos, elementos da natureza, na escola e fora dela, ampliando seus saberes sobre a cultura, em suas diversas modalidades: as artes, a escrita, a ciência e a tecnologia.
- **Expressar**, como sujeito dialógico, criativo e sensível, suas necessidades, emoções, sentimentos, dúvidas, hipóteses, descobertas, opiniões, questionamentos, por meio de diferentes linguagens.
- **Conhecer-se** e construir sua identidade pessoal, social e cultural, constituindo uma imagem positiva de si e de seus grupos de pertencimento, nas diversas experiências de cuidados, interações, brincadeiras e linguagens vivenciadas na instituição escolar e em seu contexto familiar e comunitário.

Fonte: BRASIL, 2018, p. 38.

Nesta obra, especialmente para o 1º ano, procuramos evidenciar os direitos de aprendizagem e o desenvolvimento das estratégias propostas visando auxiliar os estudantes na sua adaptação ao segmento e formando a base para que avancem em suas aprendizagens.

Linguagens: uma área pedagógica

Entre outras mudanças em nossos currículos e em nossas maneiras de ensinar e de aprender na escola, a BNCC instituiu as “áreas de conhecimento” como um recurso pedagógico. Trata-se de um conjunto de campos do saber que agrupam componentes curriculares nos quais os objetos de estudo específicos, assim como as metodologias de ensino-aprendizagem a eles associadas, têm alguns elementos em comum.

O principal interesse por esses elementos está nas possibilidades que eles abrem para maneiras conjuntas e articuladas de planejar, contextualizar e otimizar o ensino-aprendizagem, tornando possível o diálogo entre componentes da mesma área.

Assim, sabendo que Educação Física faz parte da área de “Linguagens e suas tecnologias”, o docente pode articular seu planejamento de ensino e suas estratégias didáticas com Língua Portuguesa e Arte, contribuindo para a formação do estudante de uma forma integrada e eficaz.

Você já se deu conta de que Língua Portuguesa, Arte e Educação Física se referem às diferentes práticas de linguagem? Mas o que são, afinal, práticas de linguagem? São formas de interação em que os sujeitos, recorrendo a elementos como sons, cores, gestos, posturas, atitudes etc., produzem sentidos e significados que definam a forma de convívio social. Cada linguagem é, então, uma maneira particular de estabelecer vínculos entre os sujeitos. No processo de produção de sentidos, no entanto, essas práticas quase sempre mobilizam e articulam mais de uma linguagem: palavra e gesto; palavra e imagem; imagem e gesto; gesto e palavra; sons articulados, palavras, ritmos e movimentos; e assim por diante. O que evidencia a necessidade de explorar as possíveis articulações nas práticas cotidianas em uma perspectiva multissemiótica³.

Conteúdos procedimentais

Como em qualquer outra área, os conteúdos informacionais e conceituais são relevantes. No entanto, a natureza das práticas que nos interessam demanda uma metodologia de ensino que, além de não ser transmissiva, esteja centrada no ensinar/aprender a fazer, assim como na análise e na reflexão relativa aos fatos de linguagem.

Em resumo: é no interior de práticas de linguagem, é diante de problemas a serem equacionados ou resolvidos pelo aprendiz, é no contexto de projetos específicos e/ou comuns a todos os componentes da área que os conteúdos conceituais e informacionais devem ser abordados.

A lógica para o planejamento do ensino-aprendizagem será, então, a lógica da construção do saber fazer, e não a do saber quê. Os objetos informacionais e conceituais terão, certamente, o seu devido lugar nesse processo, e deverão se justificar e se organizar, nas atividades curriculares, pela contribuição que possam dar a essa empreitada.

Competências e habilidades

Uma das formas de orientar o ensino-aprendizagem de um conteúdo procedimental consiste em identificar as competências e as habilidades fundamentais que lhe são associadas,

³ Dizemos que a abordagem de uma prática de linguagem é multissemiótica quando considera, na análise dos sentidos produzidos em seu interior, o papel das diferentes linguagens em jogo.

e em organizar atividades didáticas capazes de mobilizá-las e desenvolvê-las.

Tomando como referência o conjunto de competências comuns à área de Linguagens elencadas na BNCC, o planejamento docente e as práticas de ensino-aprendizagem da área dispõem de uma primeira orientação para a articulação entre os seus componentes, tornando possível eleger, para o trabalho com Educação Física, por exemplo, práticas próprias de seu repertório que, em seu desenvolvimento, associem aos movimentos corporais o uso da língua e/ou de alguma das artes.

Educação Física na área de Linguagens

A inserção do componente na área de Linguagens e suas tecnologias deveu-se a um movimento das décadas de 1970 e 1980 que iniciou um processo de crítica ao modelo até então proposto nas escolas, que se baseava na formação de equipes esportivas e no condicionamento físico. Desse movimento crítico, surgiram várias tendências pedagógicas, chamadas de “abordagens”, que se apoiaram em diferentes referenciais teóricos para fundamentar suas propostas.

A cultura corporal de movimento, que é a abordagem proposta pela BNCC, tem seus fundamentos referenciados em princípios das disciplinas das Ciências Humanas. Na perspectiva dessa abordagem, “[...] o movimento humano está sempre inserido no âmbito da cultura” (BRASIL, 2018, p. 213), perspectiva na qual o seu ensino-aprendizagem deve se dar. Propõem-se, então, como objetos de estudo da Educação Física, as práticas corporais entendidas como práticas de linguagem, abordadas como possibilidades expressivas, moldadas pela cultura de origem e pelo contexto social em que ocorrem.

As práticas corporais visadas pela Educação Física são aquelas realizadas em momentos de lazer: brincadeiras, jogos, danças, lutas e esportes, entre outras. De acordo com a BNCC, ao participar dessas práticas corporais, os estudantes têm acesso a um tipo de conhecimento que só pode ser reconhecido por meio da experiência. Para que essa experiência seja significativa,

[...] é preciso problematizar, desnaturalizar e evidenciar a multiplicidade de sentidos e significados que os grupos sociais conferem às diferentes manifestações da cultura corporal de movimento. Logo, as práticas corporais são textos culturais passíveis de leitura e produção (BRASIL, 2018, p. 214).

Um ponto de partida para a articulação com os demais componentes

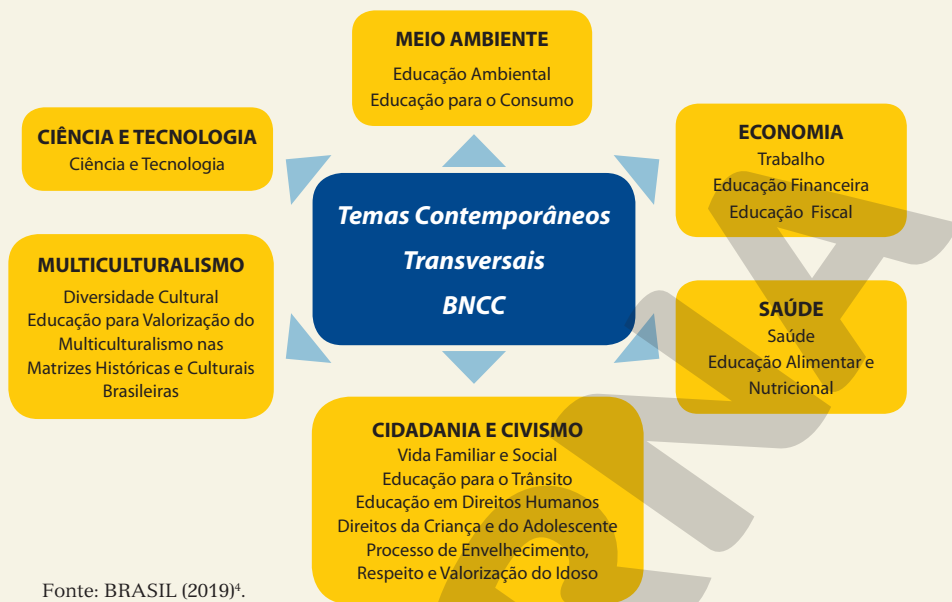
Do ponto de vista exposto, é importante que os estudantes se envolvam em práticas que possibilitem uma visão integrada da Educação Física. As propostas de ensino devem, portanto, incluir estratégias nas quais os estudantes possam perceber que as situações reais com as quais irão se defrontar no dia a dia ocorrem em um contexto complexo, que demanda saberes de outros componentes curriculares. Isso vai ao encontro de outra premissa da BNCC: considerar o aprendizado como algo integral e integrado, centrado no desenvolvimento de competências e de habilidades.

Nessa direção, uma boa perspectiva para a articulação de linguagens pode ser a dos “[...] temas contemporâneos que afetam a vida humana em escala local, regional e global, preferencialmente de forma transversal e integradora” (BRASIL, 2018, p. 19).

Afinal, eles contribuem com a contextualização do que se aprende em sala de aula e visam não só a aumentar o interesse dos estudantes pelos estudos, mas também despertar a sua consciência para a cidadania.

Para ilustrar maneiras de articular não só os componentes de Linguagens, mas os de outras áreas, pode-se recorrer a algum tema contemporâneo como referência.

O documento *Temas contemporâneos transversais na BNCC*, elaborado pelo Ministério da Educação e pela Secretaria de Educação Básica para apoiar a implementação da Base, dispõe os seis temas propostos como se vê na imagem ao lado.



Fonte: BRASIL (2019)⁴.

É importante ressaltar, no entanto, que essa articulação pode ser empreendida com base em qualquer outro princípio ou critério capaz de garantir um tratamento interdisciplinar dos objetos de estudo, como pode ser visto a seguir.

Articulação com Arte: uma vez abrigada na área de Linguagens, a Educação Física pode estabelecer conexões produtivas com as artes, que em si já agregam artes visuais, teatro, música e dança. Por ter o movimento como principal forma de expressão, a dança já integra o currículo do componente, restando-nos o desafio de nos articular às artes visuais e à música.

Apesar do nome, as artes visuais envolvem elementos que vão além da visão. Nas artes performáticas, por exemplo, utiliza-se o corpo, o público e o lugar do artista e do espectador no mundo. Em uma proposta integradora, as artes e a Educação Física têm em comum dimensões como a criação, a crítica, a estesia, a expressão, a fruição e a reflexão, integrando formas de aprendizagem mediante diversos estímulos e contextualizando o movimento do corpo não somente em relação aos aspectos motores, mas também aos emocionais e estéticos.

Já a música surge nesse contexto de duas maneiras: (1) pode ser mobilizada como material de apoio para as aulas de Educação Física, como trilha sonora, elemento motivador ou mesmo com o objetivo de imprimir ritmo às atividades; (2) pode ser pensada, ainda, no contexto das aulas, por meio de seu conteúdo próprio, principalmente aquele que se relaciona com o campo de experiência “corpo, gesto e movimentos”. Nesse sentido, o professor pode lançar mão dos desdobramentos possíveis do conceito de ritmo – tempo, pulsação, duração, compasso, andamento etc. –, assim como de melodias, com suas possibilidades de acionar as crianças pelas emoções e pelos timbres, ampliando a escuta e a percepção do ambiente.

Articulação com Língua Portuguesa: os objetos de estudo de Língua Portuguesa são as práticas de leitura, a produção escrita, a fala e a escuta capazes de ampliar os níveis e os tipos de proficiência oral e de letramento do estudante, com o objetivo de qualificar sua participação em práticas sociais que envolvem a oralidade e a escrita, frequentemente associadas a outras linguagens.

Em consequência, as práticas corporais visadas pela Educação Física podem desenvolver-se em associação com:

- leitura – compreensão e interpretação das regras de um jogo ou de uma atividade; discussão de textos informativos sobre a origem e a história de uma prática corporal; compreensão do código de ética de uma atividade esportiva entre outros;
- produção escrita – registro de experiências corporais proporcionadas por atividades próprias do componente; redação das regras de um jogo ou de um esporte; descrição correta e precisa de uma atividade física etc.;
- fala – discussão e exercício de formas eficazes de negociar, orientar e organizar a realização de práticas corporais; debates regados sobre temas de interesse do componente etc.;
- escuta – desenvolvimento da escuta atenta, acolhedora e respeitosa de parceiros de atividades e adversários e da crítica de instruções, orientações, comandos etc. em atividades do componente.

Também é possível trabalhar as variantes linguísticas e as influências recebidas, principalmente, das culturas indígenas e africanas, como expressão da diversidade cultural brasileira, nas manifestações associadas às danças, aos jogos e às brincadeiras.

Ao adotar tais práticas de articulação, a Educação Física pode ampliar e aprofundar as experiências de movimento que suas atividades proporcionam aos estudantes.

As unidades temáticas

Para o desenvolvimento das unidades temáticas, o principal referencial foi a BNCC, tendo como parâmetro as competências gerais, as da área de Linguagens e as específicas de Educação Física, bem como as habilidades e as dimensões do conhecimento a se trabalhar para alcançar tais competências, possibilitando aos estudantes apropriar-se e aplicar tais aprendizagens além da escola.

⁴ BRASIL. Ministério da Educação. *Temas contemporâneos transversais na BNCC: contexto histórico e pressupostos pedagógicos*. Brasília: Secretaria de Educação Básica, 2019. Disponível em: <http://www.basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/contextualizacao_temas_contemporaneos.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2021.

Competências gerais

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.
3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.
6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.
8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.
9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

Fonte: BRASIL, 2018, p. 9 e 10.

Competências específicas da área de Linguagens

1. Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais.
2. Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.
3. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação.
4. Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo.
5. Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.
6. Compreender e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares), para se comunicar por meio das diferentes linguagens e mídias, produzir conhecimentos, resolver problemas e desenvolver projetos autorais e coletivos.

Fonte: BRASIL, 2018, p. 65.

Competências específicas de Educação Física

1. Compreender a origem da cultura corporal de movimento e seus vínculos com a organização da vida coletiva e individual.
2. Planejar e empregar estratégias para resolver desafios e aumentar as possibilidades de aprendizagem das práticas corporais, além de se envolver no processo de ampliação do acervo cultural nesse campo.
3. Refletir, criticamente, sobre as relações entre a realização das práticas corporais e os processos de saúde/doença, inclusive no contexto das atividades laborais.
4. Identificar a multiplicidade de padrões de desempenho, saúde, beleza e estética corporal, analisando, criticamente, os modelos disseminados na mídia e discutir posturas consumistas e preconceituosas.
5. Identificar as formas de produção dos preconceitos, compreender seus efeitos e combater posicionamentos discriminatórios em relação às práticas corporais e aos seus participantes.

Competências específicas de Educação Física

6. Interpretar e recriar os valores, os sentidos e os significados atribuídos às diferentes práticas corporais, bem como aos sujeitos que delas participam.
7. Reconhecer as práticas corporais como elementos constitutivos da identidade cultural dos povos e grupos.
8. Usufruir das práticas corporais de forma autônoma para potencializar o envolvimento em contextos de lazer, ampliar as redes de sociabilidade e a promoção da saúde.
9. Reconhecer o acesso às práticas corporais como direito do cidadão, propondo e produzindo alternativas para sua realização no contexto comunitário.
10. Experimentar, desfrutar, apreciar e criar diferentes brincadeiras, jogos, danças, ginásticas, esportes, lutas e práticas corporais de aventura, valorizando o trabalho coletivo e o protagonismo.

Fonte: BRASIL, 2018, p. 223.

A obra tem como base, ainda, a *Política Nacional de Alfabetização – PNA* (BRASIL, 2019)⁵, que prevê o apoio dos componentes curriculares para a alfabetização nos Anos Iniciais, por meio de atividades que possam reforçar os aprendizados das crianças. Durante as orientações ao professor, são propostas estratégias que contribuem com o desenvolvimento de quatro elementos previstos na PNA: a produção de escrita, a compreensão de texto, a fluência oral e a ampliação do vocabulário.

Esta obra concentra as práticas corporais voltadas aos 1º e 2º anos do Ensino Fundamental e traz propostas para as unidades temáticas de brincadeiras e jogos, esportes, ginásticas e danças, conforme apresentadas a seguir nos quadros de planejamento anual.

⁵ BRASIL. Ministério da Educação. Decreto nº 9.765, de 11 de abril de 2019. Institui a Política Nacional de Alfabetização. *Diário Oficial da União*, 11 abr. 2019. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/Decreto/D9765.htm>. Acesso em: 5 mar. 2021.

1º Ano			
Unidade temática	Objeto de conhecimento	Habilidades	Objetivos
Brincadeiras e jogos	Brincadeiras e jogos da cultura popular presentes no contexto comunitário regional	<p>(EF12EF01) Experimentar, fruir e recriar diferentes brincadeiras e jogos da cultura popular presentes no contexto comunitário e regional, reconhecendo e respeitando as diferenças individuais de desempenho dos colegas.</p> <p>(EF12EF02) Explicar, por meio de múltiplas linguagens (corporal, visual, oral e escrita), as brincadeiras e os jogos populares do contexto comunitário e regional, reconhecendo e valorizando a importância desses jogos e brincadeiras para suas culturas de origem.</p> <p>(EF12EF03) Planejar e utilizar estratégias para resolver desafios de brincadeiras e jogos populares do contexto comunitário e regional, com base no reconhecimento das características dessas práticas.</p> <p>(EF12EF04) Colaborar na proposição e na produção de alternativas para a prática, em outros momentos e espaços, de brincadeiras e jogos e demais práticas corporais tematizadas na escola, produzindo textos (orais, escritos, audiovisuais) para divulgá-las na escola e na comunidade.</p>	<p>Conhecer as brincadeiras e os jogos como meios de construção dinâmica do conhecimento histórico, social e cultural.</p> <p>(Re)conhecer as brincadeiras e os jogos nas suas recriações regionais e comunitárias.</p> <p>Explorar as potencialidades para o desenvolvimento físico e social dessas práticas corporais, dentro e fora do ambiente escolar.</p> <p>Elaborar estratégias para a superação dos desafios impostos nas brincadeiras e nos jogos.</p>
Esportes	Esportes de marca Esportes de precisão	<p>(EF12EF05) Experimentar e fruir, prezando pelo trabalho coletivo e pelo protagonismo, a prática de esportes de marca e de precisão, identificando os elementos comuns a esses esportes.</p> <p>(EF12EF06) Discutir a importância da observação das normas e das regras dos esportes de marca e de precisão para assegurar a integridade própria e as dos demais participantes.</p>	<p>Experimentar modalidades de marca e de precisão.</p> <p>Identificar as regras dos esportes de marca e de precisão.</p> <p>Observar a presença dos esportes de marca e de precisão nas práticas regionais e comunitárias.</p> <p>Explorar as potencialidades para o desenvolvimento físico e social das práticas corporais esportivas.</p> <p>Identificar os elementos comuns dos esportes de marca e de precisão.</p> <p>Reconhecer a importância do trabalho coletivo e o protagonismo.</p>

1º Ano

Unidade temática	Objeto de conhecimento	Habilidades	Objetivos
Ginásticas	Ginástica geral	<p>(EF12EF07) Experimentar, fruir e identificar diferentes elementos básicos da ginástica (equilíbrios, saltos, giros, rotações, acrobacias, com e sem materiais) e da ginástica geral, de forma individual e em pequenos grupos, adotando procedimentos de segurança.</p> <p>(EF12EF08) Planejar e utilizar estratégias para a execução de diferentes elementos básicos da ginástica e da ginástica geral.</p> <p>(EF12EF09) Participar da ginástica geral, identificando as potencialidades e os limites do corpo, e respeitando as diferenças individuais e de desempenho corporal.</p> <p>(EF12EF10) Descrever, por meio de múltiplas linguagens (corporal, oral, escrita e audiovisual), as características dos elementos básicos da ginástica e da ginástica geral, identificando a presença desses elementos em distintas práticas corporais.</p>	<p>Experimentar e fruir os elementos básicos das ginásticas.</p> <p>Identificar as potencialidades e os limites do corpo por meio das ginásticas.</p> <p>Identificar os elementos básicos das ginásticas em outras práticas corporais.</p> <p>Descrever as características dos elementos básicos das ginásticas.</p> <p>Propor estratégias em grupo para a execução segura dos movimentos da ginástica.</p>
Danças	Danças do contexto comunitário e regional	<p>(EF12EF11) Experimentar e fruir diferentes danças do contexto comunitário e regional (rodas cantadas, brincadeiras rítmicas e expressivas), e recriá-las, respeitando as diferenças individuais e de desempenho corporal.</p> <p>(EF12EF12) Identificar os elementos constitutivos (ritmo, espaço, gestos) das danças do contexto comunitário e regional, valorizando e respeitando as manifestações de diferentes culturas.</p>	<p>Identificar os elementos constitutivos (ritmo, espaço, gestos) das danças do contexto comunitário e regional.</p> <p>Experimentar os elementos constitutivos (ritmo, espaço, gestos) das danças do contexto comunitário e regional.</p> <p>Recriar as danças do contexto comunitário e regional.</p> <p>Respeitar as diferenças individuais e de desempenho corporal ao dançar.</p> <p>Valorizar e respeitar as manifestações de diferentes culturas.</p>

2º Ano

Unidade temática	Objeto de conhecimento	Habilidades	Objetivos
Brincadeiras e jogos	Brincadeiras e jogos da cultura popular presentes no contexto comunitário regional	<p>(EF12EF01) Experimentar, fruir e recriar diferentes brincadeiras e jogos da cultura popular presentes no contexto comunitário e regional, reconhecendo e respeitando as diferenças individuais de desempenho dos colegas.</p> <p>(EF12EF02) Explicar, por meio de múltiplas linguagens (corporal, visual, oral e escrita), as brincadeiras e os jogos populares do contexto comunitário e regional, reconhecendo e valorizando a importância desses jogos e brincadeiras para suas culturas de origem.</p> <p>(EF12EF03) Planejar e utilizar estratégias para resolver desafios de brincadeiras e jogos populares do contexto comunitário e regional, com base no reconhecimento das características dessas práticas.</p> <p>(EF12EF04) Colaborar na proposição e na produção de alternativas para a prática, em outros momentos e espaços, de brincadeiras e jogos e demais práticas corporais tematizadas na escola, produzindo textos (orais, escritos, audiovisuais) para divulgá-las na escola e na comunidade.</p>	<p>Recriar brincadeiras e jogos do contexto comunitário e regional.</p> <p>Explicar, por meio de múltiplas linguagens (corporal, visual, oral e escrita), as brincadeiras e os jogos populares do contexto comunitário e regional.</p> <p>Pesquisar brincadeiras e jogos nas suas recriações regionais e comunitárias.</p> <p>Aprimorar as potencialidades físicas e as estratégias por meio dos desafios vivenciados nas brincadeiras e nos jogos.</p> <p>Colaborar com estratégias para resolver os desafios das brincadeiras e dos jogos populares do contexto comunitário e regional.</p>

2º Ano

Unidade temática	Objeto de conhecimento	Habilidades	Objetivos
Esportes	Esportes de marca Esportes de precisão	<p>(EF12EF05) Experimentar e fruir, prezando pelo trabalho coletivo e pelo protagonismo, a prática de esportes de marca e de precisão, identificando os elementos comuns a esses esportes.</p> <p>(EF12EF06) Discutir a importância da observação das normas e das regras dos esportes de marca e de precisão para assegurar a integridade própria e a dos demais participantes.</p>	<p>Analisar as regras dos esportes de marca e de precisão.</p> <p>Conscientizar os estudantes a preservar a integridade própria e a dos demais participantes.</p> <p>Experimentar a prática de esportes de marca e de precisão.</p> <p>Identificar os elementos comuns dos esportes de marca e de precisão.</p> <p>Valorizar o trabalho coletivo e o protagonismo, na prática de esportes de marca e de precisão.</p>
Ginásticas	Ginástica geral	<p>(EF12EF07) Experimentar, fruir e identificar diferentes elementos básicos da ginástica (equilíbrios, saltos, giros, rotações, acrobacias, com e sem materiais) e da ginástica geral, de forma individual e em pequenos grupos, adotando procedimentos de segurança.</p> <p>(EF12EF08) Planejar e utilizar estratégias para a execução de diferentes elementos básicos da ginástica e da ginástica geral.</p> <p>(EF12EF09) Participar da ginástica geral, identificando as potencialidades e os limites do corpo, e respeitando as diferenças individuais e de desempenho corporal.</p> <p>(EF12EF10) Descrever, por meio de múltiplas linguagens (corporal, oral, escrita e audiovisual), as características dos elementos básicos da ginástica e da ginástica geral, identificando a presença desses elementos em distintas práticas corporais.</p>	<p>Experimentar diferentes possibilidades de movimentos ginásticos individual e coletivamente.</p> <p>Conhecer e identificar diferentes movimentos ginásticos com materiais, percebendo as potencialidades e as limitações do corpo em face de desafios.</p> <p>Identificar movimentos da ginástica presentes no cotidiano, valorizando-as nos âmbitos cultural, histórico e social.</p> <p>Planejar estratégias para resolver os desafios, percebendo a importância da própria contribuição para o sucesso de propostas coletivas da ginástica, como acrobacias em duplas, cooperando com os colegas e respeitando as diferenças individuais.</p> <p>Registrar, de maneira escrita e oral, as próprias sensações ao experimentar as diferentes práticas corporais da ginástica.</p>
Danças	Danças do contexto comunitário e regional	<p>(EF12EF11) Experimentar e fruir diferentes danças do contexto comunitário e regional (rodas cantadas, brincadeiras rítmicas e expressivas), e recriá-las, respeitando as diferenças individuais e de desempenho corporal.</p> <p>(EF12EF12) Identificar os elementos constitutivos (ritmo, espaço, gestos) das danças do contexto comunitário e regional, valorizando e respeitando as manifestações de diferentes culturas.</p>	<p>Recriar as danças do contexto comunitário e regional.</p> <p>Identificar os elementos constitutivos das danças regionais e comunitárias.</p> <p>Experimentar e fruir os movimentos associados a diferentes tempos rítmicos.</p> <p>Reconhecer o lugar que a dança tem na história e na cultura comunitária e regional.</p> <p>Conhecer, valorizar e respeitar as diferentes manifestações culturais.</p>

Os quadros a seguir apresentam uma sugestão de organização e planejamento semanal de conteúdos. Importante ressaltar que uma semana equivale a duas aulas.

ÍNDICE DE CONTEÚDOS E SUGESTÃO DE PLANEJAMENTO SEMANAL - 1º Ano

1º BIMESTRE UNIDADE 1 – BRINCADEIRAS E JOGOS		
SEMANA	CONTEÚDO	PÁGINA
1ª	PRÁTICA 1: ESTÁTUA	MP019
2ª	PRÁTICA 2: AMARELINHA	MP021
3ª	PRÁTICA 3: CINCO-MARIAS	MP022
4ª		
5ª	PRÁTICA 4: ELÁSTICO	MP024
6ª	PRÁTICA 5: PEGA-PEGA	MP025
7ª		
8ª		
2º BIMESTRE UNIDADE 2 – ESPORTES		
SEMANA	CONTEÚDO	PÁGINA
9ª	PRÁTICA 1: ESPORTES DE MARCA Corrida de velocidade Corrida com obstáculos Corrida de revezamento	MP031
10ª		
11ª		
12ª		
13ª	PRÁTICA 2: ESPORTES DE PRECISÃO Alvo fixo Alvo móvel	MP033
14ª		
15ª		
16ª		
3º BIMESTRE UNIDADE 3 – GINÁSTICAS		
SEMANA	CONTEÚDO	PÁGINA
17ª	PRÁTICA 1: SALTOS GINÁSTICOS	MP036
18ª		
19ª		
20ª		
21ª	PRÁTICA 2: ROLAMENTOS	MP038
22ª		
23ª		
24ª		
4º BIMESTRE UNIDADE 4 – DANÇAS		
SEMANA	CONTEÚDO	PÁGINA
25ª	PRÁTICA: RODAS CANTADAS Peixe vivo Ciranda, cirandinha A canoa virou Fui no Itororó	MP042
26ª		
27ª		
28ª		
29ª		
30ª		
31ª		
32ª		

ÍNDICE DE CONTEÚDOS E SUGESTÃO DE PLANEJAMENTO SEMANAL - 2º ANO

1º BIMESTRE UNIDADE 5 – BRINCADEIRAS E JOGOS		
SEMANA	CONTEÚDO	PÁGINA
1ª	PRÁTICA 1: ESCONDE-ESCONDE	MP051
2ª		
3ª		
4ª		
5ª	PRÁTICA 2: CORRE CUTIA	MP053
6ª		
7ª		
8ª		
2º BIMESTRE UNIDADE 6 – ESPORTES		
SEMANA	CONTEÚDO	PÁGINA
9ª	PRÁTICA 1: ESPORTES DE MARCA E PRECISÃO Salto em distância Boliche	MP057
10ª		
11ª		
12ª		
13ª		
14ª		
15ª		
16ª		
3º BIMESTRE UNIDADE 7 – GINÁSTICAS		
SEMANA	CONTEÚDO	PÁGINA
17ª	PRÁTICA 1: O MUNDO DE PONTA CABEÇA Vela Ponte Parada de mãos	MP062
18ª		
19ª		
20ª		
21ª	PRÁTICA 2: EQUILIBRANDO JUNTOS Avião Tartarugas De mãos dadas	MP066
22ª		
23ª		
24ª		
4º BIMESTRE UNIDADE 8 – DANÇAS		
SEMANA	CONTEÚDO	PÁGINA
25ª	PRÁTICA: BRINCADEIRAS RÍTMICAS Samba Lele Borboletinha Palma palma pé	MP070
26ª		
27ª		
28ª		
29ª		
30ª		
31ª		
32ª		

Em relação à organização das **unidades**, elas refletem as demandas dos objetos de conhecimento expressos na BNCC: brincadeiras e jogos, esportes, ginásticas e danças.

Cada **unidade** está organizada em torno destas seções:

- **Proseando sobre** – tem como objetivo abordar a unidade temática como objeto conceitual da Educação Física e de uma construção histórico-social e cultural.
- **Praticando** – visa a auxiliar o docente no planejamento dos roteiros de aula, sugerindo práticas corporais e orientando como elas podem ser organizadas, contornadas pelas dimensões do conhecimento por meio destes cinco momentos do desenvolvimento da atividade proposta:

Conhecendo a prática corporal: partindo das experiências da criança e aferindo, portanto, seu conhecimento prévio sobre o tema, este é um momento de ampliação e construção do novo conhecimento com contornos específicos sobre a atividade proposta, como o movimento, o corpo, suas potencialidades, capacidades e habilidades e o contexto histórico-social e cultural das práticas corporais, a fim de promover reflexões com base em questões geradoras.

Vivenciando a prática corporal: partindo da macro-contextualização da unidade temática para a micro, ao conhecer a prática corporal proposta, além de experimentar e fruir, a criança terá a consciência ampliada em relação às formas de adaptação das atividades, o que lhe possibilitará criar, inovar e aplicar práticas além do espaço escolar, apropriando-se do conhecimento que lhe permitirá fruir em outros espaços sociais.

Dialogando sobre a prática: apresenta um momento de reflexão sobre as aprendizagens proporcionadas pela prática corporal, procurando consolidá-las, bem como possibilitar aos estudantes o compartilhamento de sensações e impressões sobre a atividade, colaborando para a construção da consciência corporal, de valores e de lições aprendidas para a vida.

Registrando: os registros fazem parte das avaliações formativas de processo para evidenciar as aprendizagens e, para isso, podem ser feitos por meio de desenhos,

textos coletivos, vídeos, áudios, *podcasts*, fotografias e qualquer modo que enriqueça as possibilidades de avaliação qualitativa, que deve priorizar o desenvolvimento individual conquistado pelos estudantes.

Avaliação: as avaliações, pautadas nos registros e na observação do professor em cada uma das etapas de desenvolvimento da prática corporal, desde a contextualização até a prática e reflexão, possibilitarão ao docente elaborar relatórios individuais que não só subsidiem uma visão de cada estudante e contribuam para o seu avanço mas também sirvam como fonte norteadora da reorganização da prática docente, favorecendo a percepção de acertos e ajustes pertinentes à condução das atividades didáticas.

- **Não pare por aqui** – boxe que apresenta outras possibilidades de aplicação das práticas corporais na unidade temática e sugere materiais de consulta.
- **Articulando linguagens** – ao final de cada ano, essa seção especial tem como principal objetivo contribuir com a conexão da Educação Física e os demais componentes da área de Linguagens, por meio de uma proposta que promove a articulação em torno das atividades sugeridas nas unidades temáticas, recorrendo a algum tema contemporâneo transversal como referência, a fim de reforçar não só o uso das Linguagens, mas potencializar a formação cidadã.

Por fim, espera-se que esta obra possa contribuir com o desenvolvimento da Educação Física como ampliação de possibilidades do espaço da sala de aula e das vivências das práticas corporais.

Bom trabalho!

IMPORTANTE!

As práticas corporais propostas devem ser adaptadas às possibilidades do espaço escolar, considerando-se a segurança, a disponibilidade de materiais e espaço e recriando-se as práticas, se necessário.

1º ANO

UNIDADE 1

BRINCADEIRAS E JOGOS



GOB_CU/SHUTTERSTOCK

Objetivos

- Conhecer as brincadeiras e os jogos como maneiras de construção dinâmica do conhecimento histórico, social e cultural.
- (Re)conhecer as brincadeiras e os jogos nas suas recriações regionais e comunitárias.
- Explorar as potencialidades para o desenvolvimento físico e social dessas práticas corporais, dentro e fora do ambiente escolar.
- Elaborar estratégias para a superação dos objetivos propostos nas brincadeiras e nos jogos.

//////
Criança brincando de amarelinha. Fotografia de 2018.

Habilidades e competências presentes nesta unidade

(EF12EF01) Experimentar, fruir e recriar diferentes brincadeiras e jogos da cultura popular presentes no contexto comunitário e regional, reconhecendo e respeitando as diferenças individuais de desempenho dos colegas.

(EF12EF02) Explicar, por meio de múltiplas linguagens (corporal, visual, oral e escrita), as brincadeiras e os jogos populares do contexto comunitário e regional, reconhecendo e valorizando a importância desses jogos e brincadeiras para suas culturas de origem.

(EF12EF03) Planejar e utilizar estratégias para resolver desafios de brincadeiras e jogos populares do contexto comunitário e regional, com base no reconhecimento das características dessas práticas.

(EF12EF04) Colaborar na proposição e na produção de alternativas para a prática, em outros momentos e espaços, de brincadeiras e jogos e demais práticas corporais tematizadas na escola, produzindo textos (orais, escritos, audiovisuais) para divulgá-las na escola e na comunidade.

Competências Gerais: 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9 e 10

Competências de Linguagens: 1, 2, 3, 4, 5 e 6

Competências de Educação Física: 1, 2, 5, 6, 7, 8, 9 e 10

PROSEANDO SOBRE BRINCADEIRAS E JOGOS

Pouco se sabe sobre a origem dos jogos e das brincadeiras, mas documentos revelam a presença deles desde a Roma e a Grécia antigas. Transmitidos de geração em geração, chegaram ao Brasil por meio dos portugueses e de outros povos imigrantes, tornando-se popularmente conhecidos e praticados.

No contexto escolar, para a construção das práticas corporais, as brincadeiras e os jogos não devem ficar restritos ao brincar pelo brincar, ou ao jogo pelo jogo, mas devem vir acompanhados de significado, história, cultura e recreações, atribuindo sentido ao fazer.

Nas brincadeiras com corda, por exemplo, apesar de não haver registro nem indícios da época de sua criação, provavelmente, elas são relacionadas à época em que se usavam lãs para produzir as primeiras cordas, o que demonstra que as brincadeiras têm uma relação com a identidade histórica e social, criadas, portanto, em determinado contexto, e têm sido trazidas e adaptadas ao longo do tempo e de contextos históricos, sociais e culturais.

Além da compreensão contextual, por meio das brincadeiras e dos jogos, a criança tem a oportunidade de desenvolver habilidades e competências fundamentais para a vida escolar, a vida cotidiana e a convivência em sociedade, e, no futuro, aplicá-las ao mundo do trabalho.

Ao entrar em contato com as demandas das brincadeiras e dos jogos, a criança apresenta diferentes respostas, sejam elas cognitivas, físicas, sociais ou afetivas, e por meio das vivências pode conhecer a si mesma e ao mundo que a cerca, bem como ampliar e aprimorar suas habilidades.

Desse modo, as brincadeiras e os jogos consolidam experiências que valorizam as vivências e o conhecimento histórico, regional, social e cultural representados como forma de expressão da linguagem corporal, bem como suas criações e recreações, ressignificando seu uso ao longo da história e dos contextos regionais.

Igualmente imprescindível é utilizar-se das vivências dos jogos e das brincadeiras para discutir temas que impactam a sociedade contemporânea, como a inclusão, a diversidade e a igualdade, como modos de reconstrução de valores em busca de uma sociedade justa, igualitária e democrática.

Propomos algumas brincadeiras e jogos e o desenvolvimento das práticas pedagógicas, visando a alcançar as competências e as habilidades elencadas para essa unidade temática.

Elas podem ser usadas como roteiros de aula.

PRATICANDO BRINCADEIRAS E JOGOS

Prática 1: ESTÁTUA

Conhecendo a prática corporal

Inicie a aula com uma breve conversa, questionando os estudantes sobre a importância dos movimentos na vida deles:

QUESTÕES GERADORAS

Vocês já precisaram, por algum motivo, ficar sem se mexer?

Como foi essa experiência?

Imagine que vocês fossem transformados em uma estátua. Como seria a vida sem fazer nenhum movimento durante um dia inteiro?

Será que vocês conseguem paralisar totalmente o corpo?

Algumas funções continuam em atividade, mesmo na ausência de movimento?

A seguir, indicamos uma atividade prática para que os estudantes possam perceber como é difícil ficar por algum tempo sem realizar movimentos. Para isso, sugerimos suspender todo movimento. É um grande desafio para qualquer pessoa, e para a criança mais ainda, pois ela está em um momento de descobertas, domínio e controle do movimento de todo o seu corpo. Nessa fase de aprendizado, a criança também aprende que há movimentos que podem ser controlados, como andar ou arremessar uma bola, e outros que acontecem independentemente da sua vontade e para os quais não tem o pleno controle, como o da respiração e o de piscar os olhos, por exemplo.



 Brincadeira da estátua.

Controlar os movimentos do corpo é um desafio bastante complexo para as crianças dessa idade. Assim como juntamos palavras para escrever um pequeno texto, também utilizamos habilidades básicas como correr e quicar para compor textos motores. Ao correr, quicar e desviar de algum obstáculo, a criança cria a composição do drible, por exemplo. Brincar de estátua possibilita ao professor criar diversas situações para ajudar as crianças nessa construção antes de desafiá-las a ficar um tempo ausentes de movimento.

Vivenciando a prática corporal

Material: não exige nenhum tipo de material.

Escolha com os estudantes um espaço para a realização da brincadeira estátua e combine um sinal para que eles virem “estátuas”. Pode ser um sinal oral, como gritar “Estátua!”, um sinal sonoro, como um apito, um sinal visual como erguer um braço. Na sequência, convide os estudantes para ocuparem o espaço e se movimentarem livremente. Assim que eles estiverem bem à vontade, faça o primeiro sinal, mas deixe-os na posição por pouco tempo. Gradualmente, aumente o tempo em que as crianças devem permanecer como estátuas.

Para dinamizar a atividade, dialogue com os estudantes incentivando-os a propor modificações na brincadeira, como caracterizar os significados das estátuas (filmes, desenhos, profissões, situações da escola, entre outras). Estimule-os a explicar as suas proposições, valorizando a fluência oral. Permita que todos aqueles que quiserem propor ideias tenham a sua vez de fala, exercitando a compreensão e a empatia.

Dialogando sobre a prática

Ao final da aula, reúna as crianças em uma roda para conversar sobre a experiência. Esse é um momento no qual é importante possibilitar a todos que exponham as próprias opiniões.

Ao responder às perguntas, os estudantes exercitam elementos importantes da *Política Nacional de Alfabetização – PNA* –, como a fluência oral e a compreensão de textos.

Questione sobre o que sentiram, como foi controlar os próprios movimentos, como foi propor modificações nas atividades, se acharam os movimentos fáceis de realizar e quais foram as dificuldades que tiveram. É importante ressaltar que as atividades provocam diferentes sensações e é fundamental respeitar a todos.

Os estudantes devem perceber as habilidades motoras que realizaram, como andar, correr, saltar, rolar etc. Conduza uma conversa sobre as regiões corporais utilizadas para compor as estátuas e as capacidades físicas envolvidas, como força, equilíbrio, flexibilidade. Questione os estudantes ain-

da sobre como se movimentaram no ambiente físico para realizar a atividade.

Pontue as atitudes positivas observadas em aula.

Registrando

Sugerimos registrar em um quadro de cartolina as palavras-chave da conversa com os estudantes sobre as impressões das experiências deles na atividade.

Escreva as falas deles em letras de formato bastão para que possam acompanhar o que for escrito, contemplando assim a oralidade e a compreensão de texto.

Outra proposta que pode ser realizada com os estudantes é a elaboração de um texto coletivo. Peça-lhes que completem a seguinte frase: “Se nós fôssemos uma estátua...”

Veja um exemplo de como ficaria esse texto coletivo construído com as falas das crianças e a sua escrita em letras maiúsculas para que elas acompanhassem a organização textual:

SE NÓS FÓSSEMOS UMA ESTÁTUA...

“DEIXARÍAMOS DE COMER COMIDA, CACHORRO-QUENTE E NÃO PODERÍAMOS TOMAR SORVETE, CAFÉ OU BEBER ÁGUA.

A CASA FICARIA SUJA E DEIXARÍAMOS DE TOMAR BANHO.

DEIXARÍAMOS DE FAZER LIÇÃO DE CASA.

NÃO PODERÍAMOS BRINCAR.

NÃO IRÍAMOS AO BANHEIRO, TERÍAMOS QUE FAZER XIXI NAS CALÇAS.

NÃO FARIAMOS BALÉ NEM BASQUETE.

NÃO TERIA AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA NEM DE FUTEBOL.

NÃO CONSEGUIRÍAMOS AJUDAR NOSSOS PAIS NEM TROCAR DE ROUPA.

NÃO PODERÍAMOS IR À ESCOLA, ASSISTIR À TELEVISÃO, MEXER NO TABLET OU NO COMPUTADOR.

DEIXARÍAMOS DE DESENHAR E CRIAR COISAS.

NEM FESTA DE ANIVERSÁRIO TERÍAMOS.

NOSSA VIDA SERIA MUITO CHATA.

ENTÃO NOS MEXER É MUITO BOM PRA NÓS!”

ASSINADO: Peça a cada criança que escreva o seu nome.

Avaliação

Utilize a produção do quadro como parte da avaliação formativa. Propomos um registro do que os estudantes produziram, fizeram e disseram durante essa aula, e de sua observação sobre o desenvolvimento das habilidades propostas para esta unidade. Com base nesse registro, proceda nas aulas subsequentes auxiliando os estudantes com dificuldade, sinalizando caminhos para que possam avançar no próprio aprendizado.

Prática 2: AMARELINHA



Conhecendo a prática corporal

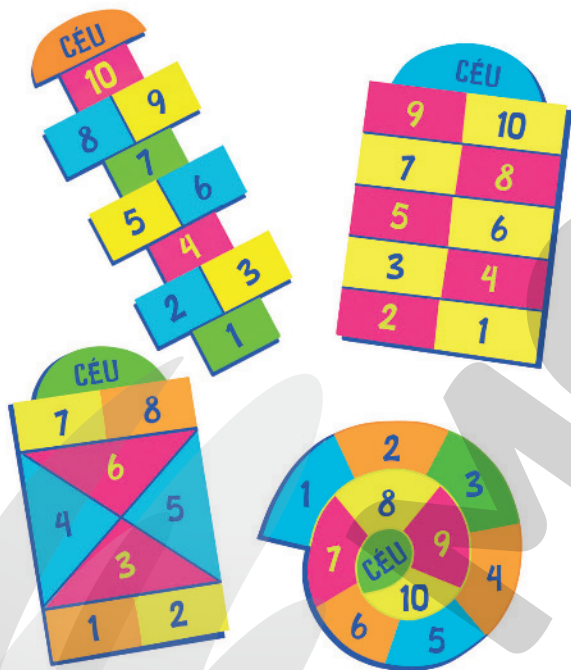
Acredita-se que a amarelinha seja uma brincadeira praticada desde a Roma antiga e que simbolize o percurso de vida do ser humano.

Essa é uma brincadeira muito comum entre as crianças e tem muitas variações, desde a forma de brincar até os seus diversos nomes. Dependendo da região, é conhecida como brincadeira da pedrinha, macaca, pula-macaco e sapata. Apresentar as diferenças regionais aos estudantes é importante para mostrar que os jogos e as brincadeiras são práticas culturais dinâmicas.

Com regras preestabelecidas, a criança deve percorrer um diagrama riscado no chão, orientando-se no jogo, deslocando-se de um lado para o outro, utilizando mãos e pés.

A amarelinha estimula a comparação entre as ações dos participantes, sendo uma excelente oportunidade para trabalhar a diversidade, o apreciar-se e o apreciar o outro.

Mostre aos estudantes algumas variações do diagrama usado na brincadeira e as diferentes maneiras de brincar.



MILA HORTÊNCIO

Tipos de diagramas da amarelinha.

QUESTÕES GERADORAS



Quais dessas amarelinhas vocês conhecem e já praticaram?

Vocês acreditam que existe alguma que seja mais fácil ou mais difícil?

Quais movimentos são necessários para participar da amarelinha?

Possibilite aos estudantes que exercitem a fluência oral, respeitando a vez de fala, procurando comunicar-se claramente, pontuando eventuais dúvidas.



Vivenciando a prática corporal

Materiais: giz e uma pedrinha ou qualquer objeto que sirva para acertar o alvo no diagrama desenhado (borracha, saquinho de areia, giz etc).

Desenhe tipos diferentes de amarelinhas (com números, números escritos por extenso, sílabas, formatos de diagramas diversos) e aplique as regras básicas:

- Não apoiar a mão ou o outro pé no chão para pegar a pedrinha.
- Não pisar na linha ou fora do quadrado.
- Não pisar no quadrado em que estiver a pedrinha.
- Tentar acertar a pedrinha no quadrado correto.
- Se errar, passar a vez para o próximo participante.
- Quando voltar a vez do participante que errou, este deve recomeçar de onde estava.

A seguir apresenta-se um dos exemplos da amarelinha. Proporcione às crianças a experimentação de diversas outras formas da brincadeira. Outros modelos podem ser explorados no “Mapa do Brincar”, disponível no seguinte endereço eletrônico: <<https://mapadobrincar.folha.com.br/brincadeiras/amarelinha/>>. Acesso em: 23 abr. 2021.



MILA HORTÊNCIO

1. Nesse modelo de diagrama, a criança percorre o caminho da "terra" ao "céu", iniciando com a pedrinha no número 1.
2. Ao saltar nos números paralelos, os dois pés estarão em contato com o chão; porém, quando houver apenas um número no espaço, salta-se em um pé só.



MILA HORTÊNCIO

3. O número onde a pedrinha estiver deve ser pulado.
4. Ao chegar ao "céu", deve-se retornar com as mesmas regras de pulo, recolher a pedrinha, chegar à "terra" e lançá-la no próximo número da sequência.

Quando a criança completar o percurso, pode-se propor a ela desafios como: pedir-lhe que cite uma palavra que comece com a inicial de seu nome; propor a ela que faça rimas ou cite outros nomes que iniciem com a letra do próprio nome.

Dialogando sobre a prática

Ao final da aula, converse sobre a experiência vivenciada, retomando as questões geradoras: Houve muita diferença nos movimentos nas diversas amarelinhas? O seu desempenho é igual ao do colega? Vocês precisam de estratégias diferentes em cada tipo de amarelinha? Quando o seu desempenho não é igual ao do seu colega, isso significa que você é melhor ou inferior a ele? O desempenho pode ser afetado pela afinidade que se tem com alguma atividade?

É importante possibilitar aos estudantes que verbalizem as próprias sensações e considerações sobre as diferenças de desempenho, exercitando a fluência oral e a compreensão de texto. Faça-os refletir sobre a diversidade humana e reforce que ela não nos torna melhores ou piores, mas seres únicos com nossas peculiaridades. Esse exercício de reflexão com as crianças contribui para que elas se conheçam e se apreciem.

Destaque a importância cultural e social que as brincadeiras têm para a comunidade. As brincadeiras estão presentes em muitos povos e têm características específicas de acordo com o seu local de prática.

Sugerimos que anote as suas observações para compor o relatório de avaliação final, verificando se os estudantes compreenderam que as diferenças de desempenho são naturais e devem ser respeitadas.

Registrando

Para registro, considerando as tantas variações da amarelinha, incentive os estudantes a usarem a criatividade e recriarem a brincadeira, propondo outras variações. Tal atitude influenciará no desenvolvimento da autonomia e do protagonismo, além de contribuir para a participação confiante e autoral dos estudantes. Essa proposta pode ser realizada na próxima aula, disponibilizando a eles giz em cores variadas e permitindo-lhes a liberdade de criação. A experiência ficará ainda mais rica se as amarelinhas criadas forem fotografadas para uma exposição ou mesmo reproduzidas em uma folha.

Como é uma brincadeira muito conhecida e difundida, sugerimos que estimule os estudantes a conversarem com seus familiares sobre a amarelinha, verificando se eles conhecem modalidades diferentes. Pode-se pedir aos familiares que escrevam o nome da localidade em que viveram na infância e desenhem a amarelinha para que os estudantes tragam para a aula, compartilhem com os colegas e experimentem as novas modalidades.

Avaliação

Assim como na atividade anterior, produza um relatório de observação que possibilite avaliar a participação dos estudantes nas práticas e a interação deles com os colegas e com o espaço. Sugerimos que faça também anotações relevantes dos diálogos com os estudantes e das suas intervenções. Lembre-se de que essa avaliação deve ser processual, ou seja, você deve pontuar os avanços e as necessidades dos estudantes.

Prática 3: CINCO-MARIAS

Conhecendo a prática corporal

As cinco-marias, também conhecidas como brincadeira dos saquinhos, são costuras de pano cheias de areia ou arroz. Acredita-se que na Antiguidade ela era praticada com pedrinhas. Ainda hoje, há algumas regiões em que ela é brincada com caroços de frutas.

A brincadeira consiste em efetuar uma sequência de movimentos com os saquinhos em diferentes graus de dificuldade, executando todas as etapas da brincadeira. Quem falha perde a vez, tendo de retomar, na próxima rodada, a jogada de onde parou.

Como muitas brincadeiras, as cinco-marias apresentam variações regionais de movimentos, de etapas e de desafios que reforçam o dinamismo social da cultura popular.

Demonstre aos estudantes a maneira de brincar e destaque o contexto social da brincadeira, explorando o modo como era praticada antigamente, em que mães, avós e outras pessoas

da comunidade confeccionavam os saquinhos com retalhos, e as crianças passavam horas praticando as cinco-marias. Esses relatos valorizam a importância da brincadeira no contexto cultural e social, além de incentivar sua recriação e vivência fora do ambiente escolar.

Essa também é uma atividade bastante útil para praticar a coordenação motora fina e a destreza manual, tão importantes nessa fase escolar.

Demonstre aos estudantes como jogar e faça alguns questionamentos:

QUESTÕES GERADORAS



Vocês já conheciam esse jogo? Se conheciam, vocês acham difícil ou fácil? Se vocês nunca jogaram, conseguirão passar por todas as fases na aula de hoje ou precisarão praticar?

Vamos observar como as habilidades se aperfeiçoam com a experiência?

Possibilite aos estudantes que respondam aos seus questionamentos. Observe a fluência oral deles, a capacidade de expressarem a própria opinião e de articular as respostas.



Brincadeira das cinco-marias.



Vivenciando a prática corporal

Materiais: 5 saquinhos cheios de areia ou arroz, na medida aproximada de 5×3 cm ou pedrinhas.

Explique e demonstre aos estudantes as fases da brincadeira, culturalmente transmitidas ao longo de anos:

1. Os saquinhos são jogados levemente para cima e devem permanecer da forma como caíram, sem que fiquem muito longe um do outro.
2. Escolha um saquinho, jogue-o para cima e pegue outro do chão com a mesma mão.
3. Jogue os dois saquinhos que estão na mão para o alto e, sem deixá-los cair, tente pegar mais um.
4. Continue até que esteja com os cinco na mão.

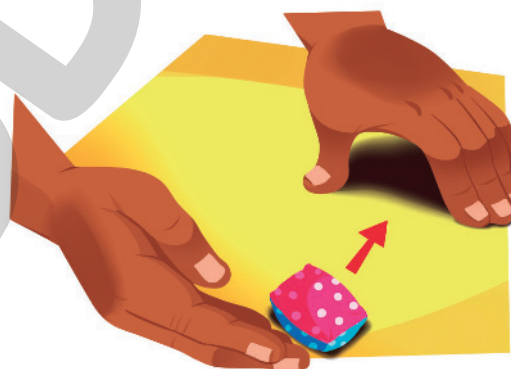
Certifique-se de que todos tenham entendido as fases da brincadeira, e, então, organize a turma em grupos para que os estudantes possam experimentar arremessar, agarrar os saquinhos e observar os colegas em ação.

Durante o processo, peça-lhes que conversem e compartilhem informações sobre movimentos, técnicas e estratégias que facilitaram a superação do desafio.

Algumas variações da brincadeira propõem que o saquinho seja jogado e que tenha de cair nas costas da mão da criança. Outra variação é a posição de túnel, em que a criança deve passar os saquinhos por um túnel feito com a própria mão. Outra ainda propõe que seja feito um muro com uma das mãos e, com a outra, os saquinhos sejam arremessados para o outro lado.



Manobra do muro.



Manobra do túnel.

A brincadeira em si tem movimentos culturalmente transmitidos, mas, apesar de ser importante que os estudantes os conheçam, também é importante que o professor possa incentivar a recriação de outros movimentos; por exemplo, executá-los com a mão oposta à lateralidade ou criar outras manobras e dificuldades para a brincadeira.

É importante que os estudantes percebam as variações e as amplas possibilidades da brincadeira. Por isso, não tenha pressa de que eles concretizem a prática em uma aula. A brincadeira exige uma complexa coordenação motora, o que significa que podem ser reservadas duas aulas para ela. Na aula de apresentação da brincadeira, as crianças podem praticar os movimentos iniciais e, na aula seguinte, podem aprender manobras com maior grau de dificuldade. Incentive-as a brincar

em casa; assim elas podem praticar e na próxima aula “passar de fase” na brincadeira.

Dialogando sobre a prática

Durante as experimentações e ao final da aula, converse com a turma sobre a experiência com a atividade, retomando as questões geradoras: Foi possível concluir todas as fases na aula de hoje? Vocês acham que precisam praticar mais?

Analise as respostas dos estudantes. É importante que percebam e respeitem as diferenças de desempenho e que, quanto mais praticarem uma atividade, mais habilidade adquirirão. Faça um paralelo com a produção de escrita, que para muitos pode ser um desafio nessa faixa etária.

Possibilite que respondam aos questionamentos e reflexões, analisando a fluência oral deles.

Comente sobre as habilidades motoras presentes na atividade, como o lançar, agarrar e segurar, e as capacidades de destreza manual e coordenação motora. É importante que percebam que a prática aprimora as habilidades. Questione-os sobre o que acham de uma prática com pouca movimentação e que utiliza somente a manipulação.

Incentive os estudantes a praticarem as cinco-marias fora do ambiente escolar e a perguntarem para os familiares e as pessoas da comunidade deles se conhecem a brincadeira, como confeccionavam os saquinhos ou como escolhiam as pedrinhas.

Registrando

Como registro, peça aos estudantes que pensem e relatem se há brincadeiras nas quais eles mesmos poderiam produzir seus brinquedos. Pode-se solicitar a eles que questionem aos pais e aos familiares sobre a produção de brinquedos ou a adaptação de materiais quando eram crianças. Se possível, os pais podem ajudá-los a transformar materiais recicláveis em brinquedos. Eles podem, inclusive, compartilhar essa experiência com os colegas e/ou trazer o que foi produzido para que todos conheçam e experimentem.

Avaliação

As aprendizagens dessa atividade estão relacionadas à compreensão, por parte dos estudantes, de que a prática de movimentos aprimora as nossas habilidades. Assim, sempre que tiverem dificuldade em realizar algum movimento, saberão que podem aprimorá-lo praticando. Essa percepção pode ser aferida nas conversas com os estudantes. Estão relacionadas também à percepção de que podem brincar em pequenos espaços e com pouca movimentação, o que ficará evidente na experimentação, e à valorização das brincadeiras como prática cultural, à medida que interagem com as pessoas da própria família e da comunidade.

Prática 4: ELÁSTICO

Conhecendo a prática corporal

Introduzir e contextualizar a brincadeira é parte fundamental do processo na prática corporal; assim, contextualize relatando que a brincadeira do elástico também é parte da cultura popular presente no contexto comunitário e regional. Ela é realizada, geralmente, em trios, com um elástico de tecido de aproximadamente 10 cm de largura e 3 metros de comprimento, daqueles que se usam na costura de roupas.

Para dar início à aprendizagem, apresente aos estudantes o material, permitindo que manipulem o elástico e percebam suas propriedades de se deformar, esticar e voltar à forma original.

Questione-os sobre as possibilidades de movimentação do elástico, por exemplo, ao usá-lo em alguma brincadeira. Estimule a oralidade escutando atentamente os relatos apresentados pelos estudantes.

QUESTÕES GERADORAS

Vocês conhecem alguma brincadeira em que usamos um elástico?

Vocês já brincaram de pular elástico? Como foi essa experiência? Até que fase conseguiram brincar?

Se vocês ainda não brincaram, de quais habilidades vocês acham que precisarão para conseguir brincar?



Brincadeira do elástico.

Vivenciando a prática corporal

Materiais: vários elásticos de tecido de aproximadamente 10 cm de largura e 3 metros de comprimento, daqueles que se usam na costura de roupas.

Dois estudantes ficam distantes, aproximadamente, 2 a 3 metros um do outro e o terceiro se posiciona entre os dois. A brincadeira tem início com o elástico posicionado na altura dos tornozelos dos estudantes que estão nas extremidades.

A criança que está no meio inicia a brincadeira com saltos de fora do elástico e realiza saltos verticais. Seguem algumas sugestões de experimentação, fruição e uso e apropriação da prática corporal com o elástico.

Auxilie os estudantes a se organizarem em trios e, a seguir, explique e apresente a eles as instruções da brincadeira:

1. Duas crianças, distantes 2 metros uma da outra, colocam o elástico ao redor dos tornozelos, formando um retângulo.
2. O terceiro participante se posiciona ao lado do elástico esticado e pula no vão do retângulo com os dois pés dentro dele.
3. Depois pula para fora, deixando o vão entre as próprias pernas.
4. Pula para a esquerda, mantendo um pé fora e outro dentro do vão, e repete o mesmo salto para a direita.
5. Retorna para fora, deixando o vão entre as pernas para realizar outro salto, agora pulando sobre o elástico com os dois pés, um em cada lado do elástico, prendendo-o ao chão.
6. Pula com os dois pés dentro do vão, liberando o elástico para o próximo salto.
7. Pula para fora do elástico, com os pés juntos do mesmo lado.
8. Por fim, faz uma manobra de gancho, usando os dois pés paralelos para levar um lado do elástico até o outro lado, transpassando-o.

A atividade prossegue com o elástico posicionado até o prolongamento dos braços, acima da cabeça.

Em cada região ou comunidade, as pessoas estabelecem determinadas sequências de movimentos, tendo sempre a ação de saltar verticalmente o elástico como desafio a ser superado. Essa é uma ótima oportunidade de estimular a criatividade dos estudantes e possibilitar que proponham novos e diferentes saltos no elástico.



Dialogando sobre a prática

Reserve um momento da aula para dialogar com os estudantes sobre a prática corporal. Questione-os sobre as impressões e as percepções que tiveram, as dificuldades deles com relação à experimentação, as partes do corpo que mais usaram para brincar, os movimentos (as habilidades motoras) mais utilizados, como fizeram os saltos e a importância dessa brincadeira para eles.

Pergunte a eles também sobre a fruição e as possibilidades de realizar essa brincadeira em outros momentos e espaços na escola e fora dela, percebendo, por exemplo, se é possível realizá-la no recreio, em sala de aula, na rua perto de casa, em praças e parques. Pergunte aos estudantes com quem eles poderiam brincar, se com os amigos, os colegas ou os familiares.

Por fim, ressalte e elogie atitudes positivas e cooperativas entre meninos e meninas, para poderem brincar juntos, reforçando que ambos estão aptos a participar igualmente de atividades no lazer e no cotidiano.

A reflexão sobre a ação é importante para organizar e sistematizar o conhecimento, até mesmo possibilitando a construção de valores sobre o protagonismo comunitário.

Veja e compartilhe o vídeo “Brincadeira de trancelim” para que os estudantes observem algumas maneiras de brincar de pular o elástico: <<https://www.youtube.com/watch?v=xyIQLJbSZCS8>>. Acesso em: 23 abr. 2021.

Peça-lhes que comparem as atividades que realizaram na aula com a apresentada no vídeo e destaquem os aspectos convergentes e divergentes, analisando os movimentos, os participantes, o espaço, o elástico, o fato de alguns estarem descalços, outros calçados, e se essas diferenças poderiam de algum modo interferir na brincadeira. O objetivo dessa atividade é mostrar aos estudantes a utilização das tecnologias digitais de informação para crítica e reflexão.



Registrando

Para contribuir com o desenvolvimento da competência escritora dos estudantes, sugerimos o seguinte registro: Distribua uma tira de papel e peça-lhes que escrevam uma palavra para representar o que aprenderam na aula. Após a escrita dos estudantes, peça-lhes que cole a tira na cartolina. Para isso, serão necessários: cartolina, tiras de papel e cola. Organize e prepare um espaço para a exposição dessa produção coletiva. Lembre-se de datar, identificar os estudantes e especificar a aprendizagem.



Avaliação

Sugerimos que faça o registro contemplando alguns itens: “o que fizemos”, “quem” e “para que fizemos”. Anote diálogos, condutas e atitudes relevantes dos estudantes, assim como as intervenções realizadas nas aulas. Lembre-se de detalhes que lhe chamaram a atenção. Assim, você terá um valioso instrumento para compor a avaliação dessa aprendizagem, possibilitando ainda mudanças no processo e nas estratégias pedagógicas.

Prática 5: PEGA-PEGA



Conhecendo a prática corporal

Pega-pega é uma brincadeira infantil muito conhecida, que pode ser praticada por um número ilimitado de crianças e que apresenta muitas variantes.

De modo geral, a brincadeira consiste em dois tipos de participantes: os pegadores e os que devem evitar serem apanhados, os fugitivos.

As variações definem o modo como os fugitivos podem ser pegos. Normalmente, é com o toque do pegador, e a criança tocada passa a ser a pegadora da vez.

Outra possibilidade é definir uma situação que proteja o fugitivo do pegador, como uma base, popularmente chamada de “pique”.

Algumas variações definem ainda maneiras de salvar aqueles que foram pegos. Conheça algumas delas:

Pega-pega americano: nessa versão, a criança pega fica parada com as pernas abertas, e, para salvá-la, um colega deve rastejar ou engatinhar entre as pernas dela.

Pega-pega espelho: nessa versão, a criança que foi pega faz a posição de estátua, tendo de permanecer parada na posição escolhida até que um colega fique frente a frente com ela e espelhe a forma dela, como um exercício de observação da posição do corpo do colega.

Pega-pega bruxa: nessa versão, a criança que é a pegadora faz o papel de bruxa ou bruxo que tem o “poder de enfeitiçar” os colegas ao encostar e pegar alguém. Ao fazê-lo diz em que forma o colega foi “enfeitiçado”, como pedra, árvore ou ponte. Na posição pedra, a criança deve sentar sobre os calcanhares e inclinar o tronco para a frente, e para salvá-la outro colega deve saltar sobre ela. Na posição árvore, a criança deve ficar em pé com os braços para o alto, e para salvá-la algum colega deve colocar os braços dela para baixo. Na posição ponte, a criança deve ficar parada com as pernas entreabertas, e para salvá-la um colega deve rastejar ou engatinhar entre as pernas dela.

Por ser uma brincadeira muito presente na vida dos estudantes, pergunte quais variações do pega-pega eles conhecem e construa coletivamente as regras a serem cumpridas na atividade.

Investigue as experiências dos estudantes com a brincadeira, com alguns questionamentos como:

QUESTÕES GERADORAS



Vocês já brincaram de pega-pega?
Do que vocês mais gostam nessa brincadeira?
Há algo de que vocês não gostem ou achem difícil?
Onde, com quem e quando vocês brincam de pega-pega?
Vocês já perceberam que, quando correm, a respiração acelera, assim como os batimentos do coração? Por que vocês acham que isso acontece?

Possibilite aos estudantes que respondam aos questionamentos. Lembre-se de que respostas não diretas demandam tempo para o raciocínio. Observe o modo como se expressam, valorizando a fluência oral e o respeito à vez de fala.

Proponha uma atividade prática na qual os estudantes experimentarão modalidades de pega-pega.



Brincadeira pega-pega.



Vivenciando a prática corporal

Material: não é necessário nenhum material específico.

As regras colocadas aqui apenas demonstram uma sequência de organização da atividade, tendo em vista que a prática será organizada com o auxílio dos estudantes, de acordo com as vivências deles.

1. Defina um “pique” como meio de proteção contra o pegador.
2. Uma criança será o pegador, e as outras, as fugitivas.
3. Quem a criança pegar, será o pegador da vez.

Possibilite aos estudantes que experimentem outras formas de pega-pega que conhecem. Peça-lhes que expliquem uns aos outros o modo de brincar, exercitando a oralidade.



Dialogando sobre a prática

Ao final da aula, retome as perguntas geradoras para que os estudantes reflitam sobre a experiência, destacando as alterações corporais que eles perceberam quando estavam em movimento e por que eles acham que essas alterações acontecem com o corpo, exercitando um elemento importante da competência relacionada ao pensamento científico: a observação.

A observação das regiões corporais solicitadas e das sensações no corpo durante a prática, das capacidades físicas de velocidade, agilidade, equilíbrio e força muscular, entre outras apresentadas durante as atividades, e ainda das habilidades motoras de correr, desviar, frear e equilibrar constituem um importante elemento de aprendizagem dos estudantes.

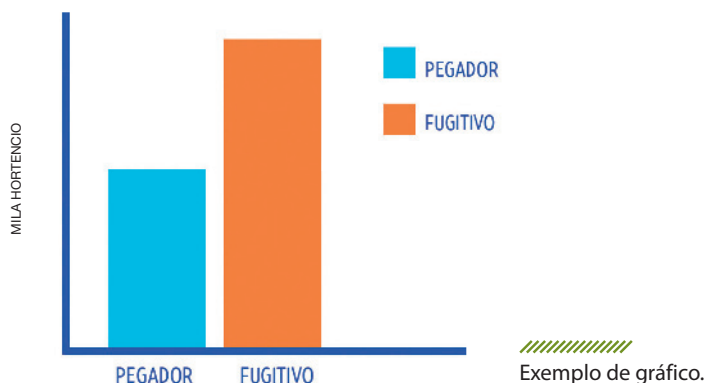
Possibilite também diálogos sobre as diferenças de desempenho e de gosto pessoal. Os estudantes devem perceber a diversidade cultural presente nos movimentos e valorizar as diferenças. Esse é um momento importante de desenvolver, por exemplo, competências relacionadas à empatia, à colaboração e ao autocuidado. Lembre-se de observar e registrar pontos que julgar importantes das falas dos estudantes para compor o seu relatório de avaliação. Faça pontuações duran-

te os diálogos, conduzindo a reflexão de modo que eles se sintam acolhidos e estimulados a participar.

Registrando

Para registro, com sua ajuda, vamos utilizar a pesquisa para mostrar às crianças outro método científico de construção do conhecimento: a análise de dados.

Pergunte a elas quem gosta de ser pegador e quem gosta de ser fugitivo. Em uma cartolina ou *flipchart* monte uma estatística, formando um gráfico de barras ou de *pizza*, mostrando aos estudantes que, com base nos dados, pode-se chegar a uma conclusão sobre a preferência da turma. Veja no exemplo a seguir:



Assim, como parte do registro, você terá as preferências da turma em relação à atividade. O mesmo pode ser proposto em relação às outras variáveis da aula: quem sentiu dificuldade ou não em alguma das modalidades, quem teve muito ou pouco cansaço, entre outras.

NÃO PARE POR AQUI

Essas são algumas sugestões sobre a prática de brincadeiras e jogos, mas podem ser utilizadas outras, lembrando-se sempre de construir o roteiro de aula com base nas dimensões do conhecimento, nas habilidades e nas competências a serem desenvolvidas.

As brincadeiras e os jogos podem ser adaptados de acordo com a estrutura física escolar, a disponibilidade de materiais, a diversidade dos estudantes e a realidade local, promovendo a inclusão e garantindo a oportunidade de vivência para todos.

Também é fundamental que as brincadeiras e os jogos possam abrir possibilidades para ampliar discussões históricas, sociais e culturais, valorizando a identidade da comunidade e o contexto regional, reconhecendo-se assim a prática corporal como parte da construção histórica, social e cultural em suas várias formas de expressão.

Incentive os estudantes a realizar uma pesquisa com os familiares deles e a comunidade sobre outras variações de pega-pega para que tragam suas descobertas para a aula seguinte, compartilhem-nas com os colegas e as experimentem nas aulas. Esse processo incentiva o desenvolvimento de elementos importantes da PNA, como a compreensão de texto, a produção de escrita e a fluência oral.

Outra maneira de registro e construção autônoma do conhecimento pode se dar por meio de uma solicitação aos estudantes para que produzam um vídeo de uma entrevista com alguém da comunidade ou da família sobre um relato de como eram as brincadeiras de infância vivenciadas pelo entrevistado, especialmente onde brincava e do que mais gostava de brincar.

Avaliação

Utilize como avaliação os processos das estratégias da aula, assim como os seus registros sobre as falas dos estudantes nas discussões, a construção dos gráficos de comparação, a análise dos estudantes e a realização das pesquisas sobre brincadeiras com os familiares deles. Registre e avalie aspectos como participação, colaboração, envolvimento nas discussões e nos processos de elaboração das atividades, compreensão e respeito às diferenças. Você pode dispor os estudantes em roda e fazer uma avaliação individual com a participação de todos, com perguntas como: Quem achou que colaborou em todas as atividades? Quem achou que pode colaborar mais? Nesse processo, os estudantes compartilham diferentes impressões e podem autoavaliar-se mediante o olhar do outro.

Sempre que possível, selecione jogos e brincadeiras que se conectem com as outras áreas de Linguagens, como a Língua Portuguesa e a Arte, ampliando as aprendizagens significativas e o reconhecimento das formas diferentes de se expressar sobre um mesmo tema.

Outros materiais sobre brincadeiras e jogos podem ser encontrados em:

Brincadeiras populares: <<https://mapadobrincar.folha.com.br/>>. Acesso em: 23 abr. 2021.

Jogos e brincadeiras: <<http://www.bibliotecavirtual.sp.gov.br/temas/sao-paulo/cultura-e-folclore-paulista-brincadeiras-e-brinquedos.php>>. Acesso em: 23 abr. 2021.

ALMEIDA, Telma Teixeira de Oliveira. *Jogos e brincadeiras no ensino infantil e fundamental*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2015.

PAZ, Claudinara Botton Dal; MORAES, Vera Lúcia Rodrigues. *Metodologia da educação física escolar: educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental*. Curitiba: IESD, 2019.



//////
Crianças em prática de corrida. Fotografia de 2016.

Habilidades e competências presentes nesta unidade

(EF12EF05) Experimentar e fruir, prezando pelo trabalho coletivo e pelo protagonismo, a prática de esportes de marca e de precisão, identificando os elementos comuns a esses esportes.

(EF12EF06) Discutir a importância da observação das normas e das regras dos esportes de marca e de precisão para assegurar a integridade própria e a dos demais participantes.

Competências Gerais: 1, 2, 3, 4, 6, 8, 9 e 10

Competências de Linguagens: 1, 3 e 5

Competências de Educação Física: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8 e 9

Objetivos

- Experimentar modalidades de marca e de precisão.
- Identificar as regras dos esportes de marca e de precisão.
- Observar a presença dos esportes de marca e de precisão em suas práticas regionais e comunitárias.
- Explorar as potencialidades para o desenvolvimento físico e social das práticas corporais esportivas.
- Identificar os elementos comuns dos esportes de marca e de precisão.
- Reconhecer a importância do trabalho coletivo e o protagonismo.

PROSEANDO SOBRE ESPORTES

No programa de esportes para o 1º ano do Ensino Fundamental, os estudantes conhecerão as modalidades esportivas de marca e de precisão.

De acordo com Brasil (2018)¹, são exemplos de **esportes de marca** um conjunto de modalidades que se caracterizam por comparar os resultados registrados em segundos, metros ou quilogramas; por exemplo, a patinação de velocidade, todas as provas do atletismo, remo, ciclismo, levantamento de peso, entre outras. Já os **esportes de precisão** englobam um conjunto de modalidades que se caracterizam por arremessar ou lançar um objeto, buscando acertar um alvo específico, estático ou em movimento, comparando-se o número de tentativas empreendidas, a pontuação estabelecida em cada tentativa ou a proximidade do objeto arremessado ao alvo; por exemplo, bocha, *curling*, golfe, tiro com arco, tiro esportivo, entre outros.

Esses e outros esportes, quando praticados em competições institucionalizadas, são categorizados como esportes profissionais, pois são organizados por instituições específicas, são regidos por regras, exigem um ritmo intenso de dedicação de atletas profissionais, que não só se ocupam da prática do esporte, mas também se dedicam ao condicionamento físico para melhorar a *performance* nas competições.

Além de estar presentes na cultura humana por meio das competições, os esportes são praticados de maneira tipificada, ou seja, por meio da recriação de regras e de espaços, de acordo com as características e os interesses dos participantes, viabilizando, assim, sua prática na comunidade ou em outras instituições, sem fins de competição.

Durante a infância é muito comum encontrar crianças brincando de arremessar uma bola em um balde ou “apostando corrida”. Essas ações, por exemplo, são representações das modalidades esportivas de precisão e marca.

Ao diferenciar as práticas de esportes entre profissionais e tipificados, busca-se orientar o programa de Educação Física para a recriação das modalidades esportivas, a fim de que as crianças possam desenvolver-se e aprender sobre a estrutura e as potencialidades dos movimentos corporais exigidos pelos esportes, conhecer suas capacidades, aprender as habilidades específicas de diversas modalidades esportivas, interagir com o ambiente físico e o social em situações diversas e complexas de aprendizagem, além de incentivar o protagonismo com a recriação

¹ BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 9 mar. 2021.

e a organização da prática de esportes pelas crianças no meio onde vivem.

Vale ressaltar que os esportes de marca e de precisão são categorias presentes nos Jogos Olímpicos², evento esportivo no qual o Brasil tem considerável destaque na modalidade atletismo, com o qual o esporte de marca se relaciona, e muito provavelmente, os estudantes podem já ter visto ou ouvido falar sobre esse evento esportivo.

De acordo com a Confederação Brasileira de Atletismo – CBAT³–, o atletismo é a prática esportiva mais antiga. Surgiu como esporte na Grécia antiga em 776 a.C., ano em que a primeira olimpíada da história foi realizada, na cidade de Olímpia.

O atletismo moderno surgiu no século XIX, na Inglaterra, contando com as seguintes provas oficiais: corridas, marcha atlética, revezamentos, saltos, arremessos e lançamentos.

No Brasil, o esporte ficou mais conhecido no século XX, especialmente quando, em 1952, Adhemar Ferreira da Silva conquistou a primeira medalha de ouro em salto triplo para o Brasil, nos Jogos Olímpicos realizados em Helsinque, na Finlândia.

Na história recente do atletismo brasileiro, há diversos atletas com títulos mundialmente reconhecidos em variadas modalidades esportivas. Destaque alguns atletas brasileiros do atletismo:

Maurren Maggi – primeira mulher brasileira a ganhar uma medalha olímpica no atletismo, com um impressionante salto de 7,04 m, que lhe garantiu a conquista da medalha de ouro na modalidade salto em distância, nos Jogos Olímpicos realizados em Pequim, na China, em 2008.



Maurren Maggi, Jogos Olímpicos, Pequim, 2008.

² Evento multiesportivo de competição mundial.

³ CBAT (Confederação Brasileira de Atletismo). *História do atletismo*. Disponível em: <<http://www.cbat.org.br/novo/>>. Acesso em: 9 mar. 2021.

Thiago Braz – conquistou a medalha de ouro nos Jogos Olímpicos realizados no Rio de Janeiro, em 2016, na modalidade salto com vara, atingindo a marca de 6,05 m.



FERNANDA PARADIZO/FOTOARENA

Thiago Braz, Jogos Olímpicos, Rio de Janeiro, 2016.

Vitória Rosa Cristina – velocista brasileira que conquistou três medalhas nos Jogos Pan-americanos de Lima em 2019: ouro no revezamento 4 x 100, prata nos 200 m e bronze nos 100 m rasos feminino do atletismo.



STEPHEN POND FOR IMAGES IAAF/GETTY IMAGES

Vitória Rosa Cristina, Copa Continental IAAF, República Tcheca, 2018.

É importante explorar com os estudantes os elementos comuns dos esportes de marca: correr mais rápido ou em menos tempo, lançar objetos o mais distante possível e levantar um peso maior. Essas observações e práticas possibilitam uma interação importante com a Matemática, por exemplo, como as noções de perto e longe.

Caso na região onde se localiza a escola ocorram campeonatos regionais de atletismo, é interessante destacar atletas regionais, e, até mesmo, convidá-los a participar de uma das aulas.

Vale ressaltar também a importância dos Jogos Paralímpicos⁴, destacando atletas com necessidades especiais como praticantes de esportes profissionalizados, desmistificando padrões e estereótipos em relação à prática esportiva. Destaque alguns atletas brasileiros do atletismo paralímpico:

⁴ Evento multiesportivo de competição mundial envolvendo pessoas com deficiência.

Terezinha Guilhermina – corredora brasileira, deficiente visual, e medalhista dos Jogos Paralímpicos.



FRIEDMANN VOGEL/GETTY IMAGES

Terezinha Guilhermina, Paralimpiadas, Rio de Janeiro, 2016.

Yohansson Nascimento – corredor brasileiro, nasceu sem as mãos, e medalhista dos Jogos Paralímpicos.



CELSON PUPO/SHUTTERSTOCK

Yohansson Nascimento, Paralimpiadas, Rio de Janeiro, 2016.

Claudiney Batista dos Santos – competidor em cadeira de rodas, conquistou dois recordes paralímpicos nos Jogos do Rio 2016, atingindo a marca de 45,33 m no lançamento de disco e 42,74 m no lançamento de dardo.



CELSON PUPO/FOTOARENA

Claudiney Batista dos Santos, Paralimpiadas, Rio de Janeiro, 2016.

Nas atividades sugeridas nesta unidade, os estudantes experimentarão várias modalidades de corrida, que trazem elementos comuns dos esportes de marca. Também experimentarão práticas de arremesso ao alvo, tipificadas como esportes de precisão.

PRATICANDO ESPORTES

Prática 1: ESPORTES DE MARCA



Conhecendo a prática corporal

Sugerimos apresentar aos estudantes um vídeo sobre o atletismo para verificar os conhecimentos prévios deles acerca dos esportes de marca.

Sugestão: vídeo da série “Por dentro das Olimpíadas”, do TNS Sports, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=swDrH1Bmm_E>. Acesso em: 9 mar. 2021.

Após assistirem ao vídeo, questione-os:

QUESTÕES GERADORAS



Quais das modalidades apresentadas vocês conhecem?

Quais são os movimentos mais comuns dessas modalidades?

Qual é o objetivo de cada uma?

Em uma corrida, o que acontece com a velocidade quando há obstáculos no caminho?

Quais movimentos precisamos fazer para transpor um obstáculo?

Possibilite aos estudantes que analisem as imagens e discutam sobre o objetivo da prova. Observe o modo como expõem as próprias ideias, se possibilitam que os outros também falem, se ouvem com atenção, se aguardam a vez de fala.

A seguir proponha a eles uma atividade prática na qual os estudantes experimentarão os elementos comuns dos esportes de marca.



Vivenciando a prática corporal

Corrida de velocidade

Material: giz ou fita crepe.

Proponha aos estudantes que construam “pistas” de atletismo para a experimentação da corrida. As pistas devem ter a mesma largura e comprimento, e percursos diferentes. Algumas podem ter curvas para a direita ou para a esquerda. Eles devem definir o início e o final do percurso. Sugerimos que não proponha competições, valorizando, assim, a experiên-

cia. Podem-se formar várias filas nas pistas construídas pelos estudantes; eles experimentam uma das pistas e seguem para a próxima. Deixe que façam várias passagens.

É oportuno também que eles estipulem as regras de participação para que todos as experimentem de modo seguro.

Peça-lhes, ainda, que prestem atenção nos próprios movimentos, observando, por exemplo, como é fazer uma curva para a direita ou para a esquerda.



Posição de largada.

Corrida com obstáculos

Materiais: giz ou fita crepe, corda e cones.

Para a prática da corrida com obstáculos, construa as pistas da mesma maneira como foram feitas para a prática da corrida de velocidade, mantendo a distância de percurso.

Nessa modalidade, a corrida vem acompanhada do salto; por isso, prepare obstáculos compatíveis com a capacidade dos estudantes. Podem-se utilizar dois cones amarrados com uma corda e ajustar a altura dela, que servirá de obstáculo a ser transposto.

Proceda do mesmo modo que na atividade anterior, valorizando a participação, não a competição. Se julgar importante, possibilite aos estudantes que passem pelo obstáculo uma ou mais vezes devagar e, à medida que ganharem confiança, aumentem a velocidade.



Corrida de obstáculos.

Corrida de revezamento

Materiais: giz ou fita crepe e bastões.

Utilize a mesma estrutura de pista usada para as práticas anteriores, e defina o ponto do percurso onde deve ocorrer o revezamento entre os corredores, que se dá por meio da entrega de um bastão.

Organize a turma em pequenos grupos e deixe-os experimentar várias vezes a passagem do bastão para que descubram o meio mais seguro e rápido de passá-lo para o colega sem deixá-lo cair. Após as experimentações, permita aos grupos que apresentem uns aos outros as suas descobertas. Deixe que todos experimentem os vários modos propostos, observando qual foi o mais rápido para o grupo. A seguir, proponha aos estudantes que estabeleçam regras: onde o bastão será passado para o colega; após passar o bastão, o que aquele que entregou deve fazer.

Sugerimos um desafio dentro do próprio grupo com o incentivo de todos para que superem a marca anterior. Por exemplo, um grupo corre e o professor anota o tempo, sem falar para ninguém. Ao final da corrida, o professor incentiva os integrantes do grupo a discutir o que poderia melhorar o seu tempo, como a alteração da posição entre os corredores ou modo de passar o bastão. Enquanto isso, os demais grupos também correm, enquanto o professor anota o tempo deles. Ao final da primeira experimentação, todos compartilham as suas experiências e propostas de alteração.

A mediação do professor é importante para ouvi-los com atenção e acolher as sugestões. Os grupos devem experimentar a segunda rodada, e o professor deve anotar o tempo novamente, verificando se houve melhora no desempenho e informando ao grupo. Desse modo, o desafio fica somente no grupo, evitando competições entre grupos, e valorizando o protagonismo e o trabalho coletivo.

Os bastões podem ser confeccionados com materiais recicláveis ou pode-se utilizar o toque de mãos para a troca dos corredores. No entanto, a experiência fica mais rica com o uso de bastões, pois a passagem do bastão da mão de quem chega para a mão de quem sai, exige uma complexa sequência organizacional perceptivo-motora, coordenada entre os sujeitos da ação.



MILA HORTÊNCIO

Corrida de revezamento.



Dialogando sobre a prática

Ao final das experimentações, reúna os estudantes em uma roda de conversa. Questione-os sobre o objetivo co-

mun de todas as práticas, presente em todos os esportes de marca. Percorra todo o processo de elaboração coletiva e participação nas atividades, valorizando as atitudes positivas: como foi montar as pistas; quais foram as principais dificuldades em correr nas diferentes pistas; como foi correr com os obstáculos; como foi o processo de conversar com os colegas para o grupo conseguir passar o bastão mais rapidamente; qual foi o resultado do grupo.

Deixe que respondam às perguntas exercitando a fluência oral. Deixe-os fazer questionamentos e defender o próprio ponto de vista respeitando uns os outros.

Explique aos estudantes que é comum alguns terem mais facilidade ou dificuldade com alguns movimentos, mas que todos têm a oportunidade de praticá-los e aprimorá-los. Lembre-se ainda de valorizar a superação.

Comente sobre as habilidades motoras solicitadas, como as de correr, correr em curva, transpor o obstáculo, passar o bastão etc., e a capacidade física predominante nas atividades realizadas.

Sugerimos que escreva, em um painel, os resultados dos grupos em colunas ou linhas para que os estudantes percebam os resultados das experimentações que fizeram. É importante perceberem graficamente as mudanças de tempo de acordo com as diferentes propostas. Esse procedimento exercita a compreensão de texto.



Registrando

Peça aos estudantes que façam o registro do gráfico do próprio grupo no caderno. Sugerimos ainda que façam um desenho da experiência de que mais gostaram em aula. Pode ser até mesmo o momento de diálogo ou de produção da pista. Exponha os desenhos para que todos observem. Se alguma criança tiver dúvida sobre algum desenho, deixe-a perguntar ao colega para que ele lhe explique. Esse procedimento exercita a produção e a compreensão de texto e a fluência oral.



Avaliação

Observe as falas sobre as diferenças da produção do desenho dos estudantes. É importante que verifiquem as diferenças de preferências pessoais, que devem ser respeitadas. Uma das habilidades da *Base Nacional Comum Curricular* – BNCC – é a de compreender a presença dos elementos comuns aos esportes de marca. Nessa aula foi trabalhado o “chegar mais rápido”. Outra aprendizagem diz respeito ao trabalho coletivo e ao protagonismo. Observe se, nas respostas dos estudantes durante as reflexões, eles perceberam que foi necessário o trabalho em grupo, tanto para cumprir a tarefa do revezamento como para compartilhar meios de reduzir o próprio tempo no percurso.

Prática 2: ESPORTES DE PRECISÃO



Conhecendo a prática corporal

Para a prática dos esportes de precisão sugerimos observar o fazer dos estudantes, propondo a eles níveis de dificuldade adequados à sua habilidade.

Conforme a evolução das experimentações, podem ser adicionados elementos à tarefa para ampliar o grau de dificuldade das práticas, e explorar ainda mais as habilidades motoras. Algumas sugestões estão descritas nos roteiros de aula propostos a seguir.

Vale ressaltar que o ambiente físico deve ser preparado, destacando-se as regras de segurança necessárias às práticas, como manter determinada distância dos locais nos quais as bolas serão arremessadas aos alvos, visando a assegurar a integridade de todos os participantes.

Você pode propor aos estudantes alguns arremessos a alvos fixos e móveis, e perguntar-lhes:

QUESTÕES GERADORAS



- É mais fácil arremessar rumo a um alvo fixo ou móvel?
- Com qual mão vocês preferem fazer os arremessos?
- Quando vocês estão mais perto ou mais longe do alvo, alteram o modo de arremesso?
- É possível prever o momento em que um arremesso pode ser feito para atingir um alvo móvel?
- Precisamos de regras de segurança para realizar arremessos aos alvos?



Vivenciando a prática corporal

Alvo fixo

Materiais: giz, alvos e bolas.

Fixe diferentes alvos, como um aro preso à trave, um colchonete pendurado em algum apoio, uma caixa de papelão ou um desenho na parede.



Posição de arremesso ao alvo.

Faça marcações no chão para determinar diferentes distâncias até os alvos, e solicite aos estudantes que realizem arremessos livremente em direção a eles. Estimule-os a jogar com a mão direita, com a mão esquerda, com ambas as mãos, e, se for possível, com os pés. Proceda da mesma maneira com as distâncias e a posição em relação ao alvo (à direita ou à esquerda).

Alvo móvel

Materiais: giz, bolas pequenas e bambolê ou bola grande.

Faça uma marcação no chão com giz para definir o local de arremesso da bola rumo ao alvo móvel.

Nessa prática, o alvo não deve estar fixo. Para isso, um bambolê pode ser amarrado no alto com uma corda, de modo que ele fique pendurado e possa mover-se como um pêndulo. Balance o bambolê em movimento pendular para que a criança arremesse a bola, visando a atravessá-lo.



Arremesso ao alvo móvel.

Outra sugestão é você lançar uma bola grande rolando pelo chão e os estudantes formarem um corredor tentando acertá-la. Durante a prática, observe com os estudantes a importância das regras. Os objetos devem ser arremessados somente quando o professor orientar, para que ninguém se machuque.



Arremesso ao alvo móvel.



Dialogando sobre a prática

Ao final das práticas, reúna as crianças em um círculo para conversar. Relembre as vivências experimentadas em cada uma das práticas realizadas e retome as questões geradoras, perguntando-lhes: Vocês experimentaram arremessar em alvos fixos e móveis, em qual deles foi mais fácil acertar o alvo? De qual prática vocês mais gostaram? Como foi arremessar com a mão direita? E com a mão esquerda? E com as duas mãos? Existem diferenças quando vocês arremessam de frente ou na diagonal do alvo? E quando arremessam mais perto ou mais longe? Por que é importante estabelecer regras para fazer uma atividade?



Registrando

Anote os relatos feitos pelas crianças sobre as percepções delas em relação às experiências que tiveram e dê-lhes folhas para fazerem um registro de imagem (desenho).

Peça aos estudantes que produzam um desenho para representar suas experiências com as práticas esportivas. Dê-lhes sugestões para o desenho, como representar a prática de que mais gostaram, aquela que foi mais divertida, aquela que trouxe um aprendizado pessoal ou aquela que trouxe um conhecimento novo. Oriente-os, ainda, a dar um título ao desenho.

Deixe-os livres para criar e, ao final da aula, faça um varal e pendure nele os desenhos feitos pelas crianças. Instrua-as para que circulem entre os desenhos e apreciem o que foi produzido.

Recolha todos os desenhos e compile-os em um livro. Com base nos relatos dos estudantes, crie um texto para servir de abertura da obra.



Avaliação

Além da produção dos desenhos, sugerimos uma autoavaliação e uma heteroavaliação. Em primeiro lugar, descreva uma regra ou atitude esperada dos estudantes na aula. Por exemplo: Um dos combinados foi que ninguém poderia arremessar sem o professor dar o sinal. Qual é a razão disso? Espera-se que os estudantes se refiram à segurança, à integridade e ao bom desenvolvimento da aula, entre outros. A seguir pergunta-se: Quem acha que arremessou antes do sinal? Por que fez isso? A criança que se autoavaliar como infringente da regra deve explicar por que o fez.

Após todos os estudantes se autoavaliarem, o professor faz o mesmo questionamento, dessa vez perguntando-lhes: Quem viu alguém arremessar antes do meu sinal? Os estudantes devem apontar os momentos nos quais observaram que isso ocorreu. É importante que a avaliação seja referente à regra e que a intenção seja de auxiliar o colega a perceber a

sua atitude; portanto, a condução do professor é importante, confirmando, por exemplo, que também percebeu a ação da criança, solicitando aos outros colegas que digam se também notaram o ocorrido, ou permitindo que a criança avaliada esclareça o que aconteceu.

A avaliação deve ser conduzida no sentido de modificar a atitude dos estudantes, fazendo-os perceber que a própria ação interfere no todo. Finalize sempre parabenizando os estudantes pelos comentários construtivos, incentivo aos colegas e comprometimento com as mudanças. Se julgar interessante, você pode retomar essa avaliação nas aulas subsequentes para que os estudantes relembrem o que foi acordado.

NÃO PARE POR AQUI

As atividades apresentadas como sugestão para a prática de esportes de marca e de precisão são algumas possibilidades de experimentação, mas várias outras podem ser utilizadas, lembrando-se sempre de construir o roteiro da aula com base nas dimensões do conhecimento preconizadas pela BNCC, que valorizam o saber sobre, o saber fazer e o saber ser e conviver propostos no modelo por competências.

Como o esporte em geral propõe determinados objetivos concretos, a disputa é inerente à prática corporal, o que favorece a oportunidade de desenvolver as competências gerais propostas na Base. Observe a possibilidade de estabelecer relações interdisciplinares, o que traz mais significado às aprendizagens dos estudantes.

As atividades sugeridas devem ser adaptadas de acordo com a estrutura física escolar, a disponibilidade de materiais e o contexto local, garantindo a oportunidade de vivência para todos.

Outros materiais sobre os esportes de marca e de precisão estão disponíveis em:

Atletismo e suas modalidades: <<https://www.youtube.com/watch?v=PyCNpa-YOKM>>. Acesso em: 9 mar. 2021.

Esportes de marca: <<https://www.youtube.com/watch?v=aCgWEhdi-mo>>. Acesso em: 9 mar. 2021.

História das paralimpíadas: <<https://www.youtube.com/watch?v=qOspTQKYzj4>>. Acesso em: 9 mar. 2021.

História do atletismo: <<https://www.youtube.com/watch?v=w8VjSjjsRw>>. Acesso em: 9 mar. 2021.

COICEIRO, Geonava Alves. *1.000 exercícios e jogos para o atletismo*. Rio de Janeiro: Autografia, 2020.

MATTEIESEN, S. Q. *Atletismo se aprende na escola*. Várzea Paulista: Fontoura, 2012.

MIAN, Robson. *Atletismo: aspectos pedagógicos na iniciação*. Várzea Paulista: Fontoura, 2018.



NIKTALENA/SHUTTERSTOCK

//////
Criança executando movimento de vela. Fotografia de 2018.

Habilidades e competências presentes nesta unidade

(EF12EF07) Experimentar, fruir e identificar diferentes elementos básicos da ginástica (equilíbrios, saltos, giros, rotações, acrobacias, com e sem materiais) e da ginástica geral, de forma individual e em pequenos grupos, adotando procedimentos de segurança.

(EF12EF08) Planejar e utilizar estratégias para a execução de diferentes elementos básicos da ginástica e da ginástica geral.

(EF12EF09) Participar da ginástica geral, identificando as potencialidades e os limites do corpo e respeitando as diferenças individuais e de desempenho corporal.

(EF12EF10) Descrever, por meio de múltiplas linguagens (corporal, oral, escrita e audiovisual), as características dos elementos básicos da ginástica e da ginástica geral, identificando a presença desses elementos em distintas práticas corporais.

Competências Gerais: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9 e 10

Competências de Linguagens: 1, 3, 5 e 6

Competências de Educação Física: 1, 2, 3, 6, 7, 8 e 10

Objetivos

- Experimentar e fruir os elementos básicos das ginásticas.
- Identificar as potencialidades e os limites do corpo por meio das ginásticas.
- Identificar os elementos básicos das ginásticas em outras práticas corporais.
- Descrever as características dos elementos básicos das ginásticas.
- Propor estratégias em grupo para a execução segura dos movimentos da ginástica.

PROSEANDO SOBRE GINÁSTICAS

Desde a Grécia antiga, há diversas referências de como as ginásticas têm sido importantes na cultura humana, presentes em diferentes épocas e sociedades como formas sistematizadas de exercícios com diferentes finalidades, como o autoconhecimento e a autossatisfação, e até mesmo como conexão com alguma forma de espiritualidade.

Mas como selecionar conhecimentos tão amplos para compor um programa para as aulas de Educação Física?

Ao abordar um tema tão vasto como a ginástica, é preciso muito cuidado para defini-la, pois, se demasiadamente abrangente, poderemos fazer tudo em nome da ginástica. Em contrapartida, se demasiadamente restrita, correremos o risco de perder muitos elementos.

Ao compor o currículo escolar, a ginástica passa a ser uma prática corporal, e como tal, deve ser retratada como experiência de aprendizagem que possibilite ao estudante conhecer, experimentar, fruir e incorporar elementos e valores para a vida cotidiana.

De acordo com *Base Nacional Comum Curricular – BNCC –*, a ginástica geral, objeto de experimentação do programa de Educação Física para o 1º ano:

[é] conhecida como ginástica para todos, reúne as práticas corporais que têm como elemento organizador a exploração das possibilidades acrobáticas e expressivas do corpo, a interação social, o compartilhamento do aprendizado e a não competitividade. Podem ser constituídas de exercícios no solo, no ar (saltos), em aparelhos (trapézio, corda, fita elástica), de maneira individual ou coletiva, e combinam um conjunto bem variado de piruetas, rolamentos, paradas de mão, pontes, pirâmides humanas etc. Integram também essa prática os denominados jogos de malabar ou malabarismo (BRASIL, 2018, p. 217)¹.

Ao organizar um programa de ginástica é essencial considerar três pontos fundamentais:

1. Deve ficar evidente para os estudantes que a ginástica é uma prática sistemática e apresenta uma sequência lógica, pensada e organizada por seus idealizadores.
2. Crianças dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental estão, prioritariamente, envolvidas em saber como fazer os movimentos ginásticos. Portanto, mesmo que sejam abordadas questões filosóficas e conceituais, o fundamento do trabalho é a experimentação de uma sequência organizada de movimentos.

¹ BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versoafinal_site.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2021.

3. O repertório da ginástica deve proporcionar uma sequência que seja desafiadora aos estudantes e deve ainda considerar a heterogeneidade do grupo.

A seguir, são sugeridas atividades que podem ser replicadas de acordo com a realidade escolar.

PRATICANDO GINÁSTICAS

Prática 1: SALTOS GINÁSTICOS



Conhecendo a prática corporal

Sugerimos que inicie as aulas com uma proposta de experimentação de um ou mais elementos básicos das ginásticas. Aqui iniciaremos com os saltos, pois dada a sua diversidade, são bastante atraentes às crianças.

Seja qual for a seleção de saltos adotada para experimentação, é importante que a maneira de execução esteja evidente para os estudantes, a fim de que sejam capazes de diferenciá-los. Por isso, apresente às crianças alguns tipos de saltos e demonstre a execução, destacando os movimentos que o corpo deve fazer, especialmente em relação à postura corporal.

Esses são alguns dos saltos que podem ser apresentados às crianças como parte do roteiro de saltos ginásticos:



Salto grupado.



Salto carpado.



//////
Salto afastado.



//////
Salto estendido.

Com base nas experiências dos estudantes, proponha a eles algumas questões geradoras para ampliar a reflexão sobre o tema:

QUESTÕES GERADORAS



- Vocês já conheciam algum desses saltos?
- Vocês já precisaram saltar algum obstáculo?
- Quais movimentos vocês precisaram fazer para transpor a altura ou a extensão de um obstáculo?
- Quais partes do corpo utilizamos para saltar?
- Já assistiram a alguma modalidade esportiva ou prática corporal em que se utilizam esses elementos?
- Há semelhanças entre os saltos que realizamos no dia a dia ao transpor obstáculos e os saltos ginásticos?

Permita aos estudantes que exponham as próprias sensações e opiniões sobre o que experimentaram, exercitando a fluência oral. Comente que nessas aulas eles estudarão os elementos básicos da ginástica geral, que estão presentes em diversas outras práticas corporais. Para isso, devem estar atentos aos movimentos solicitados e às regiões corporais solicitadas.

Prossiga com as experimentações.

Vivenciando a prática corporal

Materiais: corda e colchão ou colchonete.

Inicie lembrando e explorando os tipos de saltos experimentados na atividade de contextualização da aula. Reforce alguns movimentos, como o impulso no início do salto e as pernas dobradas para amortecer o impacto na finalização da execução. Afinal, dominar a aterrissagem é importante nesta faixa etária. Por isso, para a prática dos saltos, escolha solos que ofereçam estabilidade e amortecimento, a fim de que, ao flexionarem os joelhos, o impacto seja dissipado sobre os membros inferiores, que serão amortecidos pelo solo.

Fixe uma corda, de preferência em diagonal, ajuste a altura mais baixa e a mais alta da corda de acordo com a estatura dos estudantes, de modo que possam escolher a mais adequada a cada um deles na realização dos saltos. Por fim, posicione o colchão de maneira que o impulso seja realizado no solo, e a aterrissagem, no colchão.

Disponha os estudantes em fila, posicionando-os a certa distância da corda para que tenham um percurso de corrida a fim de dar o impulso e saltar sobre a corda. Sequencie, então, os tipos de saltos.

Grupado

1. Saltar com os dois pés juntos.
2. Elevar os joelhos até o peito.
3. Aterrissar com os dois pés juntos e os braços elevados.



//////
Posição grupada.

Afastado

1. Saltar com os dois pés juntos e os braços elevados.
2. Elevar as pernas afastadas.
3. Tocar os pés ou as pernas com as mãos.
4. Aterrissar com os braços elevados e o joelho levemente flexionado.



//////
Posição afastada.

Carpado

1. Saltar com os dois pés juntos.
2. Manter o corpo ereto com os braços elevados.
3. Posicionar os braços e as pernas à frente.
4. Aterrissar com o corpo ereto.



Posição carpada.

Estendido

1. Saltar com os dois pés juntos.
2. Elevar os braços.
3. Aterrissar com os pés juntos, os joelhos levemente flexionados e os braços para o alto.



Posição estendida.

A técnica dos movimentos nesta fase deve privilegiar a segurança das crianças. Valorize a experimentação dos saltos como meio para a ampliação e o aperfeiçoamento do repertório motor dos estudantes.

Conforme a proposta das habilidades da BNCC, proponha aos estudantes que observem e organizem estratégias para executar os movimentos das ginásticas, criando os próprios saltos, sempre prezando pela segurança.



Crianças saltando. Fotografia de 2015.

Dialogando sobre a prática

Ao final das experiências com os saltos, converse com os estudantes sobre as diferenças percebidas por eles entre os saltos que realizaram. Quais foram mais fáceis; quais foram mais desafiadores; quais foram as regiões corporais solicitadas; em quais momentos as capacidades físicas como a força muscular e o equilíbrio foram evidenciadas; por que é impor-

tante colaborar com a segurança de todos; se perceberam a própria evolução conforme experimentaram várias vezes os movimentos; por que é importante preparar o ambiente utilizando materiais para a sua proteção; por exemplo, colchões para a aterrissagem.

Esse momento é importante, pois evidencia a aprendizagem dos estudantes. A cada pergunta, permita que verbalizem as próprias impressões. Faça comentários sobre as diferenças entre as respostas deles, mostrando que temos características únicas, que devem ser respeitadas.

Faça anotações sobre os relatos dos estudantes para compor a sua avaliação com base nas aprendizagens e necessidades deles, auxiliando-os no próprio avanço.

Registrando

Peça aos estudantes que façam um desenho que evidencie a aprendizagem deles. Dê-lhes algumas opções: pode ser referente ao diálogo após a atividade; um desenho do que mais gostaram; do momento em que auxiliaram os colegas; dos saltos mais desafiadores; sobre as diferenças de movimentos.

Faça um painel ou um varal com os desenhos dos estudantes. Solicite-lhes que expliquem o significado deles. Esse procedimento exercita a produção escrita, a compreensão de texto e a fluência oral, que são componentes da *Política Nacional de Alfabetização – PNA*. Observe os comentários dos estudantes e incentive-os a valorizar tanto as próprias produções, como as produções dos colegas.

Avaliação

Os desenhos dos estudantes o auxiliarão a verificar as aprendizagens deles. Junte os desenhos às suas anotações sobre as observações dos estudantes nos diálogos para compor a avaliação. Reúna os estudantes e apresente-lhes os resultados das avaliações. Como a avaliação por competências ocorre durante o processo, converse com os estudantes sobre as necessidades deles e a importância de esforçar-se para avançar nas aprendizagens.

Prática 2: ROLAMENTOS

Conhecendo a prática corporal

Os rolamentos são parte fundamental da cultura de movimento da infância. Quem nunca virou uma cambalhota quando criança? Além de ser um movimento atrativo pelo desafio do desequilibrar-se e recuperar o equilíbrio, os rolamentos também são atrativos pela sua estética e plasticidade. Quem nunca ficou de “queixo caído” ao ver majestosas apresentações de ginástica, capoeira ou circo, em que acrobatas realizam suas cambalhotas?

Possibilitar à criança compreender a dimensão do desafio de perder e recuperar o equilíbrio é um papel importante desse trabalho. Por isso, passo a passo, demonstre às crianças a execução do rolamento. Você pode exibir para elas uma imagem, um vídeo ou executar o movimento para que compreendam a execução, como no exemplo a seguir.

Na experimentação dos rolamentos, o professor deve estar atento a três importantes fatores:

1. Há crianças que nunca experimentaram alguns movimentos tão específicos.
2. A segurança para a execução desse tipo de movimento é fundamental. Cuidados com a posição de braços, tronco e principalmente pescoço são essenciais. Por isso, a execução deve ser supervisionada por adultos, na proporção de um a um, ou seja, o estudante deve executar o movimento com o auxílio do professor. Nesse sentido, a organização da aula deve ser estruturada em diferentes agrupamentos e tarefas, para que aqueles que executam o movimento permaneçam junto ao professor, enquanto os demais estudantes realizam outras atividades que possam ser praticadas de maneira autônoma e com baixo risco de acidentes, como as com uso de malabares.

3. Nessa fase inicial de aprendizagem de movimento, é comum que surjam dúvidas como: O que devo fazer aqui? Que movimento faço com esse braço? Qual é a força que tenho de empregar aqui? Eu começo com a perna direita ou a esquerda?

Durante essa fase de aprendizagem, é importante possibilitar aos estudantes que repitam os movimentos, visto que os erros são comuns e, a cada tentativa, novas formas do “saber fazer” se manifestam, ou seja, nenhum movimento é igual ao outro. Nessa fase, o papel do professor é motivar os estudantes.

Com base na experiência deles faça questionamentos que os auxiliem a refletir sobre a execução do movimento, como:

QUESTÕES GERADORAS



Como devemos posicionar o pescoço, o tronco, os braços e as pernas para executar um rolamento?

Como devemos nos levantar após realizar o rolamento?

É possível rolar e levantar executando algum dos saltos aprendidos na aula anterior?



Rolamento.

Vivenciando a prática corporal

Material: colchão de espuma ou similar.

Utilize a música "Roda pião" como fundo para a prática de rolamentos. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/dorival-caymmi/roda-piao.html>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

Ao reforçar o procedimento para a realização do rolamento, fragmente a execução do exercício em pequenas partes, enfatizando a posição e a ação das mãos, o queixo encostado no peito, as pernas dobradas e o agrupamento das pernas ao rolar. E, então, inicie a experimentação, conforme indicado a seguir:



Passo a passo do rolamento.

Deixe a música de fundo para proporcionar um ambiente agradável e incentive as crianças a se desafiarem e fazer execuções de maneiras cada vez mais complexas.

Incentive a apreciação estética da construção do movimento nos próprios rolamentos e nos dos colegas.

KADEROV ANDRII/SHUTTERSTOCK



//////
Crianças executando rolamentos. Fotografia de 2015.



Dialogando sobre a prática

Prepare previamente um equipamento para gravar os seus questionamentos e as falas dos estudantes. Isso será importante para o registro e a avaliação das atividades.

Ao final das experiências, pergunte aos estudantes como foram as atividades de criação livre e de trabalho orientado.

Pergunte a elas do que mais gostaram nessa experiência; o que aprenderam; em quais momentos tiveram mais

dificuldade; como foi a experiência de se desequilibrar e se reequilibrar ao girar uma cambalhota; em que situações ficaram surpresas ao ver alguém fazendo uma cambalhota especial; em quais outras práticas corporais os movimentos que realizaram estão presentes.

Peça-lhes que indiquem as regiões do corpo que sentiram mais durante as práticas e comente as habilidades motoras que aprenderam e aprimoraram, como as de rolar, levantar, agachar e saltar.

Para finalizar, comente com os estudantes a importância de realizar rolamentos com materiais que protejam o corpo.

Estimule-os a responder às perguntas, evidenciando o aprendizado que tiveram. É importante que todos tenham oportunidade de falar sobre os questionamentos feitos, pois a fala deles será utilizada na composição do registro e da avaliação.



Registrando

Sugerimos como registro a produção de um *podcast*. Elabore um texto inicial com os objetivos das experiências. Edite o áudio com os relatos dos estudantes sobre a experimentação dos rolamentos, inserindo nele a fala desse texto, dando sentido ao *podcast*.



Avaliação

Apresente o *podcast* aos estudantes em pequenos trechos. A cada trecho peça-lhes que expliquem o que entenderam. Esse processo reforça a aprendizagem dos estudantes e exercita a compreensão de texto.

NÃO PARE POR AQUI

As atividades sugeridas podem ser adaptadas de acordo com a estrutura física escolar, a disponibilidade de materiais e a diversidade dos estudantes, garantindo a oportunidade de vivência para todos.

Proponha atividades que contemplem outros elementos básicos das ginásticas e estimulem as movimentações dos estudantes em outras situações de aprendizagem. É importante que as situações de aprendizagem sejam organizadas de modo que contemplem as dimensões do conhecimento da Educação Física e o desenvolvimento das habilidades e das competências.

Outros materiais podem ser encontrados em:

Como criar *podcasts*: <<https://novaescola.org.br/conteudo/18378/chegou-a-hora-de-inserir-o-podcast-na-sua-aula>>. Acesso em: 12 fev. 2021

Saltos ginásticos: <<https://www.youtube.com/watch?v=ghaylXBM3V4>>. Acesso em: 12 fev. 2021

Tipos de rolamentos: <<https://www.youtube.com/watch?v=bFvcjv0Mmqw>>. Acesso em: 12 fev. 2021

NUNOMURA, Myrian. *Fundamentos das ginásticas*. Várzea Paulista: Fontoura, 2016.

WERNER, Peter H.; WILLIAMS, Lori H.; HALL, Tina J. *Ensinando ginástica para crianças*. 3. ed. Barueri: Manole, 2015.



RAWPIXEL/SHUTTERSTOCK

//////
Ciranda, dança comunitária. Fotografia de 2013.

Habilidades e competências presentes nesta unidade

(EF12EF11) Experimentar e fruir diferentes danças do contexto comunitário e regional (rodas cantadas, brincadeiras rítmicas e expressivas), e recriá-las, respeitando as diferenças individuais e de desempenho corporal.

(EF12EF12) Identificar os elementos constitutivos (ritmo, espaço, gestos) das danças do contexto comunitário e regional, valorizando e respeitando as manifestações de diferentes culturas.

Competências Gerais: 1, 3, 4, 5, 9 e 10

Competências de Linguagens: 1, 2, 3, 5 e 6

Competências de Educação Física: 1, 6, 7, 8 e 10

Objetivos

- Identificar os elementos constitutivos (ritmo, espaço, gestos) das danças do contexto comunitário e regional.
- Experimentar os elementos constitutivos (ritmo, espaço, gestos) das danças do contexto comunitário e regional.
- Recriar as danças do contexto comunitário e regional.
- Respeitar as diferenças individuais e de desempenho corporal ao dançar.
- Valorizar e respeitar as manifestações de diferentes culturas.

PROSEANDO SOBRE DANÇAS

A dança é uma das expressões fundantes da cultura humana, utilizada para os mais diversos fins, como manifestações sagradas ou profanas, rituais de fertilidade, casamentos, sepultamentos, agradecimento pela colheita, diversão ou espetáculo, praticada individual ou coletivamente, e embalada em uma variedade de ritmos e estilos musicais.

Ao dançar, o ser humano realiza diferentes operações mentais complexas, explorando todo o seu potencial para movimentar-se em determinado ritmo, com gestos que expressem ideias, sentimentos e pensamentos no espaço.

A relação entre o movimento da criança e a dança deve ser construída ao longo do tempo, podendo estar presente no contexto sociocultural nas “esferas sociais mais familiares (localidade e região) às menos familiares (esferas nacional e mundial)” (BRASIL, 2018, p. 219)¹.

No âmbito escolar, a dança recebe atenção desde a Educação Infantil com o propósito de contribuir “[...] para que, desde muito pequenas, as crianças desenvolvam senso estético e crítico, o conhecimento de si mesmas, dos outros e da realidade que as cerca” (BRASIL, 2018, p. 41).

No Ensino Fundamental, a dança nas aulas de Educação Física, como prática corporal

explora o conjunto das práticas corporais caracterizadas por movimentos rítmicos, organizados em passos e evoluções específicas, muitas vezes também integradas a coreografias. As danças podem ser realizadas de forma individual, em duplas ou em grupos, sendo essas duas últimas as formas mais comuns. Diferentes de outras práticas corporais rítmico-expressivas, elas se desenvolvem em codificações particulares, historicamente constituídas, que permitem identificar movimentos e ritmos musicais peculiares associados a cada uma delas (BRASIL, 2018, p. 218).

Os estudantes devem, assim, ampliar o conhecimento sobre a dança, principalmente nas dimensões: (1) do “saber fazer”, possibilitando que experimentem e explorem diferentes movimentos; (2) do “saber ser e conviver”, de modo que possam agir e interagir no meio em que vivem, respeitando o potencial para movimentar-se, valorizando a dança como um dos elementos fundadores da cultura humana, explorando a própria espontaneidade e a expressão criativa; (3) do “saber sobre”, devendo ser declarado e explícito na aula para que compreendam para que e por que dançar.

A dança compreende os seguintes elementos constitutivos que devem ser explorados nas aulas de Educação

¹ BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2021.

Física: (1) **ritmo** – de acordo com o dicionário *Caldas Aulete*², é uma “sucessão de sons ou movimentos que se repetem regularmente, com acentos fortes e fracos”, marcando assim a cadência que pode variar do mais lento para o mais rápido; (2) **espaço** – está relacionado com o mover-se nos planos alto, médio e baixo no ambiente físico; (3) **gestos** – compreende a utilização de determinados movimentos buscando transmitir sentido e significado.

No programa de danças para o 1º ano do Ensino Fundamental, os estudantes desenvolverão as habilidades por meio da vivência de danças comunitárias e regionais.

PRATICANDO DANÇAS

Prática: RODAS CANTADAS



Conhecendo a prática corporal

As rodas cantadas, conhecidas como cirandas, são cantigas folclóricas e populares, nas quais os integrantes brincam, dançam e cantam em roda. Elas promovem o aprendizado por meio da música, do corpo, do ritmo, das rimas e, até mesmo, de algum desafio que seja proposto; por exemplo, a execução de um gesto ou pronunciamentos silábicos, conforme recomendação da canção, ou o que for definido entre os participantes.

As rodas cantadas são importantes para o estímulo da memória, o desenvolvimento do ritmo e a noção de espaço e tempo de execução dos movimentos corporais.

Em algumas cantigas há desafios lançados sobre a criança, cujas respostas não têm como referência o certo e o errado, permitindo à criança usar a sua espontaneidade para se expressar, de modo que a realização autônoma contribua para elevar a autoestima e superar a timidez, por meio de oportunidades de ela protagonizar em um espaço livre de julgamentos.

As cantigas de roda são, essencialmente, uma experiência corporal espaço-temporal, que, além da necessidade de organização individual das ações, exige uma organização coletiva, pela interdependência dos movimentos, formando um coletivo de ação no ambiente físico.

Sua prática, portanto, é realizada em grupo, e suas cantigas representam, além de melodias que envolvem ritmo, memória e movimento, um patrimônio cultural propagado de geração em geração pela tradição oral.

Entre tantas cantigas de rodas, vemos, por exemplo, Ciranda, cirandinha; Peixe vivo; A canoa virou; Batata quente; Corre cutia; Meu limão, meu limoeiro; Fui no Itororó; Pai Francisco.

² AULETE, Francisco J. Caldas. *Dicionário Aulete digital*. Lexikon. Disponível em: <<https://www.aulete.com.br/ritmo>>. Acesso em: 19 abr. 2021.

Mas lembre-se de que as rodas cantadas e as brincadeiras rítmicas e expressivas do contexto comunitário e regional são aquelas características da localidade e da região na qual os estudantes estão inseridos. Assim, nessa lógica, o que é mais familiar para um grupo social pode ser menos familiar para outro.

Valorize as experiências e o conhecimento dos estudantes sobre as rodas cantadas que fazem parte da cultura regional e comunitária à qual eles pertencem.

QUESTÕES GERADORAS



Quais brincadeiras com música e movimentos vocês conhecem?

Vocês conhecem alguma roda cantada?

De quais vocês mais gostam?

Como são as músicas?

Como é dançar em uma roda cantada?

Quais movimentos fazemos nesse tipo de dança?

Quais partes do corpo mais usamos para nos movimentar?



Vivenciando a prática corporal

Materiais: material específico da dança de roda escolhida; pode-se ainda utilizar caixa de som e música.

Em sala de aula, peça aos estudantes que escolham as rodas cantadas preferidas, que fazem parte do contexto regional e comunitário, e ditem a letra para que você as registre na lousa; assim estará explorando a oralidade dos estudantes.

Utilize as tecnologias digitais disponíveis para acessar informações sobre as rodas cantadas e as brincadeiras rítmicas e expressivas e compartilhá-las com os estudantes. Você pode apresentar vídeos aos estudantes para que analisem: (1) a dinâmica de cada uma dessas rodas cantadas; (2) os ritmos e a proposta de cada uma delas, de acordo com as sugestões das letras; (3) os gestos e movimentos usados; (4) e o espaço.

Vídeos de algumas rodas cantadas:

Ciranda, cirandinha: <<https://www.youtube.com/watch?v=nH5KAYsrUok>>. Acesso em: 22 fev. 2021.

Peixe vivo: <https://www.youtube.com/watch?v=w8FfBv_Hho0>. Acesso em: 22 fev. 2021.

A canoa virou: <<https://www.youtube.com/watch?v=SbbTKnvEZtg>>. Acesso em: 22 fev. 2021.

Batata quente: <<https://www.youtube.com/watch?v=gF8ZBF0cg4Y>>. Acesso em: 22 fev. 2021.

Corre cutia: <<https://www.youtube.com/watch?v=Dzcew9Z74PQ>>. Acesso em: 22 fev. 2021.

Meu limão, meu limoeiro: <<https://www.youtube.com/watch?v=xirTH2IZLOc>>. Acesso em: 22 fev. 2021.

Fui no Itororó: <<https://www.youtube.com/watch?v=gViJ9mgQLtl>>. Acesso em: 22 fev. 2021.

Pai Francisco: <<https://www.youtube.com/watch?v=FrRLOrrE1E>>. Acesso em: 22 fev. 2021.

Em seguida, leve-os para um espaço onde eles possam movimentar-se e experimentar algumas rodas cantadas que apresentaram em sala.

Incentive os estudantes a apresentar e experimentar os gestos das rodas cantadas indicadas por eles. Sugira-lhes em seguida, outros ritmos, gestos e movimentações no espaço para as canções.

Observe o processo de apropriação dos estudantes na atividade e, para manter a atenção elevada, proponha a eles desafios, de modo que possam recriar as danças de roda, considerando diferentes ritmos, espaços de locomoção que os rodeiam, gestos e movimentos novos. Explore, assim, a criatividade dos estudantes com relação às habilidades motoras de locomoção, estabilização e manipulação.

Seguem algumas sugestões de rodas cantadas conhecidas, que possivelmente tenham significado para os estudantes.

Peixe vivo

PEIXE VIVO

COMO PODE O PEIXE VIVO
VIVER FORA DA ÁGUA FRIA
COMO PODE O PEIXE VIVO
VIVER FORA DA ÁGUA FRIA

COMO PODEREI VIVER
COMO PODEREI VIVER
SEM A TUA, SEM A TUA
SEM A TUA COMPANHIA
SEM A TUA, SEM A TUA
SEM A TUA COMPANHIA

OS PASTORES DESTA ALDEIA
FAZEM PRECE NOITE E DIA
OS PASTORES DESTA ALDEIA
FAZEM PRECE NOITE E DIA
POR ME VEREM ASSIM CHORANDO
POR ME VEREM ASSIM CHORANDO
SEM A TUA, SEM A TUA
SEM A TUA COMPANHIA
SEM A TUA, SEM A TUA
SEM A TUA COMPANHIA

(Cultura popular)

Disponha os estudantes em roda e oriente-os a dar-se as mãos. Ao começar a cantoria, a turma gira em círculo e, ao terminar a cantoria, para de girar. Para enriquecer a experiência, promova rodadas com desafios; por exemplo, cirandar pulando no ritmo da canção, depois passando uma bola de mão em mão entre as crianças, no ritmo da cantiga.



//////
Roda cantada Peixe vivo.

Ciranda, cirandinha

CIRANDA, CIRANDINHA

CIRANDA, CIRANDINHA
VAMOS TODOS CIRANDAR!
VAMOS DAR A MEIA-VOLTA
VOLTA E MEIA VAMOS DAR

O ANEL QUE TU ME DESTE
ERA VIDRO E SE QUEBROU
O AMOR QUE TU ME TINHAS
ERA POUCO E SE ACABOU

POR ISSO, [NOME DE UM PARTICIPANTE]
ENTRE DENTRO DESTA RODA
DIGA UM VERSO BEM BONITO
DIGA ADEUS E VÁ SE EMBORA.

(Cultura popular)

Organize uma roda e oriente as crianças a dar-se as mãos. Ao iniciar a canção, elas devem começar a rodar em ciranda. Quando a letra da cantiga pedir a um participante para que diga um verso, uma das crianças deve ocupar o centro da



ILUSTRAÇÕES: MILA HORTÊNCIO

//////
Roda cantada Ciranda, cirandinha.

roda para realizar o que foi pedido. Ao cumpri-lo volta para a roda, retomando a cantiga, chamando assim, um a um, os participantes a cada rodada.

A letra da cantiga pede aos participantes crianças que digam um verso, mas pode-se recriar a cantiga para que a criança diga uma palavra ou faça um gesto.

A canoa virou

A CANOA VIROU

A CANOA VIROU
POR DEIXÁ-LA VIRAR
FOI POR CAUSA DA(O) [NOME DE UM
PARTICIPANTE]

QUE NÃO SOUBE REMAR
SE EU FOSSE UM PEIXINHO
E SOUBESSE NADAR
TIRAVA A(O) [NOME DE UM PARTICIPANTE]
DO FUNDO DO MAR

A CANOA VIROU
POR DEIXÁ-LA VIRAR
PORQUE SE EU MERGULHO
EU VOU ME MOLHAR

SE EU FOSSE UM PEIXINHO
MAS COMO EU NÃO SOU
NÃO POSSO NADAR
E A CANOA VIROU

(Cultura popular)

Em uma roda, os estudantes dão-se as mãos e, ao iniciar a cantoria, começam a rodar. No refrão, as crianças escolhem um dos participantes para entrar no centro da roda e, ao começar novamente a cantoria, a criança retorna à roda. Assim segue até que todos sejam chamados ao centro.



//////
Roda cantada A canoa virou.

Fui no Itororó

Em roda, as crianças cantam a cantiga e, a cada rodada, vão substituindo os nomes dos participantes até que todos entrem na roda e saiam dela. Quem está no centro escolhe o próximo participante, e assim por diante, até todos os nomes serem chamados.



Roda cantada Fui no Itororó.

FUI NO ITORORÓ

FUI NO ITORORÓ
 BEBER ÁGUA NÃO ACHEI
 ACHEI LINDA MORENA
 QUE NO ITORORÓ DEIXEI
 APROVEITA MINHA GENTE
 QUE UMA NOITE NÃO É NADA
 SE NÃO DORMIR AGORA
 DORMIRÁ DE MADRUGADA
 OH, [NOME DO PARTICIPANTE]
 OH, [NOME DO PARTICIPANTE],
 ENTRA NESTA RODA
 OU FICARÁS SOZINHA(O)!
 SOZINHA(O) EU NÃO FICO
 NEM HEI DE FICAR!
 POR QUE EU TENHO O(A) [NOME DO
 PARTICIPANTE]
 PARA SER O MEU PAR!

(Cultura popular)



Dialogando sobre a prática

Ao final das práticas, converse com os estudantes sobre as sensações proporcionadas pelas rodas cantadas em relação ao cantar, dançar e brincar. Escute atentamente os relatos das vivências individuais e coletivas.

Peça aos estudantes que identifiquem: (1) as rodas cantadas e danças com o ritmo mais rápido e o mais devagar (lento); (2) as noções do espaço, de distância (perto e longe) e de direção (frente, atrás, em cima, embaixo etc.); (3) os gestos e os movimentos realizados de locomoção, manipulação e estabilização.

Explique aos estudantes que as rodas podem ter ritmos diversos e envolver diferentes ocupações do espaço. Comente que cada movimento e cada gesto realizados são pessoais, têm sua característica individual e podem ter diferenças. Dê ênfase às condutas positivas e solidárias dos estudantes que

buscaram respeitar as diferenças individuais relacionadas com as capacidades físicas e habilidades motoras utilizadas nas atividades. Valorize o processo de criatividade ao recriar as rodas e as brincadeiras rítmicas e expressivas.

Incentive-os a explorar essas práticas corporais em outros momentos e espaços escolares e sociais, de modo que valorizem a importância delas para o meio social em que vivem.



Registrando

Sugerimos como registro que retome as cantigas vivenciadas e peça aos estudantes que façam um desenho da cantiga preferida, orientando-os a escrever o nome dela como título. Explique-lhes que o desenho pode retratar os elementos constitutivos estudados: os gestos e os movimentos, os ritmos e o espaço.

Coloque como músicas de fundo as cantigas das rodas vivenciadas para ativar a memória afetiva dos estudantes. Passe ao lado de cada criança e converse sobre as produções delas.

Organize uma exposição de todo o material produzido. Pendure-o em uma estrutura em forma de varal no pátio da escola de maneira que a comunidade escolar veja as produções.



Avaliação

Lembre-se de realizar a avaliação, pois ela é também ferramenta fundamental para a autoavaliação docente e para reconhecer o desenvolvimento das aprendizagens pelos estudantes. Para isso, sugerimos que registre as suas observações com relação às condutas e atitudes dos estudantes, assim como as estratégias e os procedimentos didáticos de que lançou mão nessa situação de aprendizagem.

NÃO PARE POR AQUI

As atividades apresentadas aqui são algumas possibilidades para a prática de danças do contexto comunitário e regional, mas várias outras, que façam mais sentido ao contexto dos estudantes, podem ser utilizadas.

Pode-se pesquisar e encontrar mais sobre as danças comunitárias e regionais em:

Cantigas de roda: <<https://www.todamateria.com.br/cantigas-de-roda/>>. Acesso em: 22 fev. 2021.

Cantigas folclóricas: <<https://www.todamateria.com.br/musicas-folcloricas/>>. Acesso em: 22 fev. 2021.

MARQUES, Isabel. *Dançando na escola*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2018.

VERDERI, Erica. *Dança na escola: uma proposta pedagógica*. São Paulo: Phorte, 2009.



ARTUR WIDAK/NURPHOTO/GETTY IMAGES

Projeto de Paz Paralela de Herstory, lançado no Dia Mundial da Diversidade Cultural para Diálogo e Desenvolvimento, Irlanda, 2021.

Competências Gerais

(10) Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

Competências de Linguagens

(4) Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo.

Para este tema utilizaremos como referência o *Caderno de educação em direitos humanos*, elaborado com base nas *Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos – DNEDH –*, propostas pelo Ministério da Educação – MEC –, que tem o objetivo de orientar a comunidade escolar sobre a organização de aprendizagens que valorizem os direitos humanos na escola. De acordo com o ele, os direitos humanos são

[...] aqueles que o indivíduo possui simplesmente por ser uma pessoa humana, por sua importância de existir, tais como: o direito à vida, à alimentação, à educação, ao trabalho, à liberdade, à religião, à orientação sexual e ao meio ambiente sadio, entre outros (BRASIL, 2013, p. 11)¹.

O texto propõe, ainda, fundamentar a EDH e os seus princípios, que incluem: dignidade humana; igualdade de direitos; reconhecimento e valorização das diferenças e das diversidades; laicidade do Estado; democracia na educação; transversalidade, vivência e globalidade; e sustentabilidade socioambiental.

O artigo 4º das DNEDH cita as dimensões envolvidas no processo de EDH, orientando a aplicação das diretrizes de modo integral, englobando aspectos envolvidos no cotidiano dos estudantes:

[...] No aspecto cognitivo, destaca-se a importância da apreensão dos conceitos e conhecimentos historicamente construídos sobre direitos humanos, uma vez que o sujeito só poderá sentir-se efetivamente consciente de seus direitos se souber efetivamente quais são esses direitos [...]

No aspecto social e atitudinal, há que se destacar a necessidade de que o espaço escolar seja lugar de afirmação de valores, atitudes e práticas sociais que a todo o momento e em

¹ BRASIL. Ministério da Educação. *Caderno de educação em direitos humanos: educação em direitos humanos – diretrizes nacionais*. Brasília: Secretaria Nacional de Promoção e Defesa dos Direitos Humanos, 2013. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=32131-educacao-dh-diretrizesnacionais-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 13 jun. 2021.

todas as situações, estejam preservando a cultura de vivência do respeito aos direitos humanos (BRASIL, 2012, p. 46)².

Ainda segundo o texto, e considerando a EDH, as metodologias de ensino, na Educação Básica, devem:

- Trazer para a sala de aula exemplos de discriminações e preconceitos comuns na sociedade, com base em situações-problema, e discutir como resolvê-las.
- Trabalhar os conteúdos curriculares integrando-os aos conteúdos da área de direitos humanos, por meio das diferentes linguagens: musical, corporal, teatral, literária, plástica e poética, entre outras, com metodologia ativa, participativa e problematizadora.

É importante inicialmente verificar as práticas de linguagens dos respectivos componentes que dialogam com os princípios e as sugestões metodológicas das diretrizes a fim de organizar uma articulação entre elas que traga significado aos estudantes na perspectiva dos direitos humanos.

Considerando a EDH, como tema de articulação entre as áreas, apresentamos as seguintes possibilidades:

EDUCAÇÃO FÍSICA

(EF12EF03) Planejar e utilizar estratégias para resolver desafios de brincadeiras e jogos populares do contexto comunitário e regional, com base no reconhecimento das características dessas práticas.

(EF12EF06) Discutir a importância da observação das normas e das regras dos esportes de marca e de precisão para assegurar a integridade própria e a dos demais participantes.

(EF12EF08) Planejar e utilizar estratégias para a execução de diferentes elementos básicos da ginástica e da ginástica geral.

(EF12EF11) Experimentar e fruir diferentes danças do contexto comunitário e regional (rodas cantadas, brincadeiras rítmicas e expressivas), e recriá-las, respeitando as diferenças individuais e de desempenho corporal.

Em Educação Física, a reflexão sobre os sentidos e os significados dos movimentos que a criança realiza durante as práticas corporais possibilita inúmeras interações com as DNEDH, como o direito à igualdade, a valorização da diversidade, e o combate aos preconceitos e aos estereótipos relacionados às práticas corporais. Vejamos algumas aplicações:

Brincadeiras e jogos: antes da experimentação das brincadeiras e dos jogos da cultura popular, sugere-se propor aos estudantes situações problematizadoras em que eles possam, de forma cooperativa e criativa, construir meios para que todos participem das práticas de modo inclusivo e democrático.

Esportes: antes da experimentação dos esportes de marca e de precisão, pode-se propor aos estudantes situações problematizadoras em que eles possam, de forma cooperativa, construir regras importantes para garantir a participação justa e respeitosa de todos, assim como normas de conduta em relação a manifestações discriminatórias ou preconceituosas dos participantes e da torcida.

Ginásticas: pode-se propor aos estudantes oportunidades para que eles levem aos familiares a possibilidade de experimentarem juntos, no lazer, alguns elementos da ginástica.

Danças: pode-se apresentar aos estudantes situações problematizadoras nas quais eles proponham e construam, de maneira participativa, soluções para que todos possam realizar as práticas de modo ético, inclusivo e democrático.

ARTE

(EF15AR04) Experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia etc.), fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais.

(EF15AR05) Experimentar a criação em artes visuais de modo individual, coletivo e colaborativo, explorando diferentes espaços da escola e da comunidade.

(EF15AR06) Dialogar sobre a sua criação e as dos colegas, para alcançar sentidos plurais.

(EF15AR13) Identificar e apreciar criticamente diversas formas e gêneros de expressão musical, reconhecendo e analisando os usos e as funções da música em diversos contextos de circulação, em especial, aqueles da vida cotidiana.

(EF15AR14) Perceber e explorar os elementos constitutivos da música (altura, intensidade, timbre, melodia, ritmo etc.), por meio de jogos, brincadeiras, canções e práticas diversas de composição/criação, execução e apreciação musical.

² BRASIL. Ministério da Educação. *Diretrizes nacionais para a educação em direitos humanos*. Brasília: MEC, 2012. Disponível em: <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/educacao-em-direitos-humanos/DiretrizesNacionaisEDH.pdf>>. Acesso em: 13 jun. 2021.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos, em seu artigo 27, afirma: “Toda pessoa tem o direito de participar livremente da vida cultural da comunidade, de fruir as artes” (ONU, 1948)³.

Sob esse olhar, propõe-se, para as unidades do 1º ano, uma articulação com a Arte por meio das artes visuais e da música. Nesse segundo caso, a partir de seus elementos constitutivos, principalmente os relacionados ao ritmo e à melodia, contextualizados no repertório utilizado para as práticas.

Entendendo a relação com a música como algo inerente ao ser humano e sua fruição como um direito fundamental, consideramos a dimensão musical na educação escolar muito além da experiência estética, conforme diz Sekeff (2007):

Música não é somente um recurso de combinação e exploração de ruídos, sons e silêncios em busca do chamado gozo estético. Ela é também um recurso de expressão (de sentimentos, ideias, valores, cultura, ideologia), um recurso de comunicação (do indivíduo consigo mesmo e com o meio que o circunda), da gratificação (psíquica, emocional, artística), de mobilização (física, motora, afetiva, intelectual) e autorrealização (SEKEFF, 2007, p. 14)⁴.

Esse entendimento traz para a sala de aula um olhar para as atividades com música como uma forma de acesso à sensibilidade e à expressividade das crianças, por meio das práticas coletivas que promovem a percepção do outro, a troca de saberes e a forma de comunicação pelo movimento.

A palavra “ritmo” abarca, em seu significado, um conjunto de outros elementos que se somam, o que possibilita a abordagem com base em quatro dimensões: (1) tempo e forma – como a percepção se dá individual e coletivamente; (2) rítmica – modo de organização do gesto com relação ao tempo e ao espaço; (3) ritmo – relacionado às funções orgânicas; (4) pulsação e andamento – aplicados ao repertório.

A melodia traz consigo componentes relacionados à afetividade e à memória, atuando com o ritmo como elemento motivador para as práticas. A melodia pode, ainda, se relacionar com o uso da voz e as possibilidades de expressão individual e coletiva.

Os elementos aqui levantados contribuem para o olhar da criança para si mesma como indivíduo, compreendendo suas diferenças para com o outro e a necessidade de acordos e entendimentos mútuos para as práticas coletivas.

Dessa forma, são exemplos de aplicação nas práticas:

Brincadeiras e jogos: na prática “Estátua”, é possível discutir a dimensão do tempo e a maneira como cada um percebe a sua passagem. Uma sugestão para a atividade é inserir a ideia da contagem de tempo utilizando o segundo/relógio como unidade de medida. As crianças contam internamente e comparam, ao final, seus resultados. Essa dinâmica pode levar à compreensão de que a percepção da passagem de tempo pode ser diferente entre as pessoas. Leva, ainda, à compreensão de que, para haver uma percepção coletiva do tempo, é preciso estabelecer algum tipo de comunicação pelo movimento. A brincadeira “Estátua” pode promover a discussão, com base na proposta da contagem de tempo, sobre o individual e o coletivo. Nesse caso, a contagem do tempo acontece em uma dimensão individual.

Na prática “Cinco-marias”, é possível introduzir a discussão sobre a organização rítmica dos movimentos. A ordenação do gesto, tanto na preparação do movimento quanto na resposta ao tempo de retorno dos saquinhos lançados ao chão, pode aumentar a precisão da atividade. O professor pode trabalhar movimentos de lançar e pegar coletivamente como atividade preparatória. Pode ser proposta uma variação da atividade que envolva a imitação do gesto que cada criança propõe como forma de jogar e pegar o saquinho, sendo imitada pelas outras. Na atividade, espera-se que ela perceba a necessidade de propor movimentos possíveis a todos, incentivando o olhar cuidadoso com o outro.

Na prática “Pega-pega”, pode-se trazer a discussão do ritmo relacionado às funções orgânicas. A atividade física acelera o ritmo da pulsação sanguínea e modifica o ritmo da respiração. Pode-se trazer, ainda, a discussão de como essa mudança do ritmo das funções orgânicas pode afetar a saúde, inclusive a vocal, em razão do mau uso da voz durante a brincadeira, tanto pelos possíveis gritos quanto pela emissão dificultada pela respiração acelerada. A compreensão desses limites pode ser discutida com os estudantes para que todos tenham um olhar mais cuidadoso com o grupo, não forçando os colegas à exaustão ou desdenhando dos limites físicos dos outros.

³ ONU (Organização das Nações Unidas). *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. Resolução 217 A III. Paris: Assembleia Geral das Nações Unidas, 1948. Disponível em: <<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Declaracao%20-%20Universal-dos-Direitos-Humanos/declaracao-universal-dos-direitos-humanos.html>>. Acesso em: 13 jun. 2021.

⁴ SEKEFF, Maria de Lourdes. *Da música: seus usos e recursos*. São Paulo: Unesp, 2007.

Os estudantes podem, ainda, em artes visuais, exercitar as habilidades de criação, crítica e estesia, buscando desenvolver o pensamento crítico, a reflexão sobre os fazeres humanos e a ligação do indivíduo ao meio. Em brincadeiras e jogos, por exemplo, o professor pode propor um jogo de mímica após discutir com os estudantes sobre regras justas, inclusivas e democráticas para a prática das atividades. Em conjunto, os estudantes podem: escolher termos ou palavras relacionadas ao tema de direitos fundamentais e, além da definição de regras, justificar seus processos de escolha; encenar o termo ou palavra utilizando mímicas e gestos; representá-las por meio de um desenho. Nesses processos, os estudantes têm a oportunidade de criar e desenvolver senso crítico, além de exercitar a estesia das práticas corporais e de desenho.

Danças: além do conteúdo evidente relacionado ao ritmo presente nas danças, a dimensão da melodia pode ser bastante explorada por trazer consigo os elementos de contato mais próximo com as emoções. Pode-se ainda discutir, do ponto de vista da música, os elementos relacionados à identificação de diferentes gêneros e estilos musicais, assim como a instrumentação presente nas músicas escolhidas e os diferentes timbres. Ao professor, recomenda-se especial cuidado com a escolha de músicas que as crianças possam cantar, respeitando as especificidades vocais dessa faixa etária, optando por melodias que caibam na tessitura vocal das crianças sem que prejudiquem uma emissão saudável.

LÍNGUA PORTUGUESA

(EF12LP05) Planejar e produzir, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor, (re)contagens de histórias, poemas e outros textos versificados (letras de canção, quadrinhas, cordel), poemas visuais, tiras e histórias em quadrinhos, dentre outros gêneros do campo artístico-literário, considerando a situação comunicativa e a finalidade do texto.

(EF12LP12) Escrever, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor, slogans, anúncios publicitários e textos de campanhas de conscientização destinados ao público infantil, dentre outros gêneros do campo publicitário, considerando a situação comunicativa e o tema/assunto/finalidade do texto.

O componente Língua Portuguesa centraliza prioritariamente o texto linguístico em suas práticas com o objetivo de desenvolver habilidades em atividades de leitura, escuta e produção em várias mídias.

Tendo em vista a importância dos processos de EDH, a ampliação do repertório linguístico e sua articulação com outras linguagens podem ser permeadas pelo princípio norteador de igualdade e respeito às diferenças individuais, culturais, sociais e étnicas, bem como pela valorização e pela preservação das práticas culturais em toda a sua diversidade.

Desse modo, propomos atividades de contar e recontar oralmente experiências corporais vivenciadas pela criança ou relatos de familiares, utilizando gêneros textuais variados, tais como relatos pessoais, regras e regulamentos, instruções, quadrinhas e poemas. Vejamos algumas possibilidades para essa articulação entre as linguagens com foco no tema transversal:

Ginásticas: nos saltos e nos rolamentos em ginásticas, há oportunidade para a criança fazer associações e comparações com base nas sensações vivenciadas: “Ao saltar grupado/afastado/carpado/estendido, me sinto como um sapo que faz...; como um(a)... que...”; “ao rolar, dar cambalhota, pareço um(a)...”.

Essas atividades favorecem a utilização da linguagem poética e podem dar origem a pequenos textos poéticos, quadrinhas rimadas e cantigas. Considerando que a fabulação é uma necessidade básica do ser humano, a literatura permite à criança conhecer-se a si mesma e à própria realidade. Desempenha, portanto, uma função humanizadora que pode ser experimentada por meio da verbalização poética de vivências corporais.

Danças: com relação às danças, a sugestão é propor uma reflexão sobre a diversidade cultural brasileira, pois muitas cantigas e movimentos de dança, geralmente, apresentam variações regionais que as crianças conhecem; por isso, pode ser o momento de trocas entre elas, em uma atividade de escuta e produção de relatos pessoais, analisando as diferenças.

Outra sugestão é propor uma campanha de conscientização sobre a importância da dança, com a produção de um texto coletivo expondo seus benefícios com base nas atividades vivenciadas. O compartilhamento das diversas manifestações artísticas propicia a vivência do respeito às diferenças culturais e linguísticas, evitando atitudes de preconceito em relação ao diferente.



RAWPIXEL/SHUTTERSTOCK

Crianças posando, s. d.

Habilidades e competências presentes nesta unidade

(EF12EF01) Experimentar, fruir e recriar diferentes brincadeiras e jogos da cultura popular presentes no contexto comunitário e regional, reconhecendo e respeitando as diferenças individuais de desempenho dos colegas.

(EF12EF02) Explicar, por meio de múltiplas linguagens (corporal, visual, oral e escrita), as brincadeiras e os jogos populares do contexto comunitário e regional, reconhecendo e valorizando a importância desses jogos e brincadeiras para suas culturas de origem.

(EF12EF03) Planejar e utilizar estratégias para resolver desafios de brincadeiras e jogos populares do contexto comunitário e regional, com base no reconhecimento das características dessas práticas.

(EF12EF04) Colaborar na proposição e na produção de alternativas para a prática, em outros momentos e espaços, de brincadeiras e jogos e demais práticas corporais tematizadas na escola, produzindo textos (orais, escritos, audiovisuais) para divulgá-las na escola e na comunidade.

Competências Gerais: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8 e 9

Competências de Linguagens: 1, 3 e 6

Competências de Educação Física: 1, 2, 6, 7, 8 e 10

Objetivos

- Recriar brincadeiras e jogos do contexto comunitário e regional.
- Explicar, por meio de múltiplas linguagens (corporal, visual, oral e escrita), as brincadeiras e os jogos populares do contexto comunitário e regional.
- Pesquisar brincadeiras e jogos nas suas recriações regionais e comunitárias.
- Aprimorar as potencialidades físicas e as estratégicas por meio dos desafios vivenciados nas brincadeiras e nos jogos.
- Colaborar com estratégias para resolver os desafios das brincadeiras e dos jogos populares do contexto comunitário e regional.

PROSEANDO SOBRE BRINCADEIRAS E JOGOS

A brincadeira é uma vivência extremamente importante para o desenvolvimento da criança, o aprendizado de novas habilidades e o aprimoramento das capacidades. Ademais, ao brincar com o outro, a criança estabelece relações sociais importantes, aprendendo valores como respeito, amizade e empatia.

Por meio das brincadeiras, também é possível explorar um mundo de possibilidades e estimular o processo criativo e a imaginação, contribuindo para a construção de conhecimentos e para o processo de aprendizagem. Ao simular e representar situações cotidianas por meio das brincadeiras, a criança vivencia oportunidades para interpretar a realidade que a cerca, externando sua visão sobre o mundo.

Para Kishimoto (1997)¹, a ação de brincar é o fazer em si, em um tempo e em espaços próprios para vivenciar experiências culturais que contribuem para o crescimento, para os relacionamentos grupais e para uma comunicação da criança com ela mesma e com outras crianças.

Os jogos, parecidos com as brincadeiras, também contribuem muito para o desenvolvimento geral do indivíduo. Por apresentarem um caráter competitivo, ajudam a criança a aprender a lidar com dificuldades relacionadas ao ganhar e ao perder, ao respeito ao adversário e, principalmente, à superação de desafios.

Em relação aos aspectos intrínsecos ao movimento humano, ao jogar e ao brincar, os estudantes desenvolvem e aprimoram uma série de habilidades motoras e capacidades físicas. Podemos entender as habilidades motoras como os movimentos que podem ser aprendidos e aprimorados, como andar, correr, saltar e segurar. Já as capacidades físicas estão relacionadas com a qualidade apresentada por esses movimentos.

Ao se movimentarem nas brincadeiras e nos jogos, as crianças utilizam as habilidades motoras aprendidas e, muitas vezes, fazem isso de maneira combinada com outras habilidades, utilizando várias delas em uma mesma atividade, valendo-se de estratégias para superar desafios.

Ao brincar de amarelinha, por exemplo, a criança vai lançar um objeto, saltar, equilibrar-se em um pé só, trabalhando o equilíbrio, a potência muscular e a coordenação motora. Ao possibilitar ao estudante que experimente diferentes práticas, naturalmente ele vai refinar e aumentar seu acervo motor. Isso também ocorrerá com as capacidades

físicas, que, por meio da prática, podem ser desenvolvidas e aprimoradas.

Segundo Ida Martins Carneiro,

Brincar tem importância fundamental no sentido de nos fazer humanos, pois a brincadeira permite a elaboração da realidade e a apropriação da experiência social do grupo em que vive a criança, favorece a sua comunicação com outras crianças formando hábitos sociais em direção a ações e objetivos comuns, percebendo nosso papel no grupo e desenvolvendo a capacidade de auto-organização (CARNEIRO, 2009, p. 15-16)².

Nesse sentido, é evidente que as brincadeiras e os jogos são ferramentas essenciais e devem ser trabalhadas com as crianças ao longo de toda a infância, respeitando as características individuais, o nível de compreensão e a faixa etária dos estudantes.

No caso do 2º ano do Ensino Fundamental, essa vivência se dará por meio das brincadeiras e dos jogos do contexto regional e comunitário, os quais, além de trabalhar as capacidades físicas e motoras, inserem a criança no universo histórico, cultural e social que acompanha a tradição dessas práticas, possibilitando-lhe vivenciá-las ainda sob esse aspecto, contribuindo ainda mais para o seu desenvolvimento pleno como ser social.

PRATICANDO BRINCADEIRAS E JOGOS

Prática 1: ESCONDE-ESCONDE



Conhecendo a prática corporal

Esconde-esconde ou pique-esconde é uma brincadeira muito popular em todo o Brasil. Assim como uma grande parte das brincadeiras tradicionais, acredita-se que ela tenha surgido na Europa e, provavelmente, tenha sido trazida ao Brasil pelos imigrantes europeus.

Basicamente, a brincadeira propõe que uma das crianças seja a pegadora, mantendo os olhos fechados por determinado tempo até que todos se escondam, cabendo a ela encontrá-los.

Por meio dessa vivência, as crianças terão diversas variáveis estimuladas, como a criatividade, o raciocínio lógico e a estratégia, além de inúmeras habilidades motoras e capacidades físicas.

¹ KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org). *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação*. São Paulo: Cortez, 1997.

² CARNEIRO, Ida Martins. *As relações do professor de educação infantil com a brincadeira: do brincar na rua ao brincar na escola*. Piracicaba: Unimep, 2009. Tese apresentada ao programa de pós-graduação em Educação. Disponível em: <http://ieapp.unimep.br/biblioteca_digital/pdfs/2006/RAPQEBFSXBAY.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2021.

QUESTÕES GERADORAS



- Quem já brincou de esconde-esconde?
- Qual é a dinâmica dessa brincadeira?
- De quais estratégias precisamos para procurar os colegas escondidos?
- De quais estratégias precisamos para nos esconder?



Vivenciando a prática corporal

Materiais: colchonetes, caixas de papelão, tatame.

Escolha o local para a prática da atividade. Se possível ou necessário, com o auxílio de tatames, caixas de papelão ou colchonetes, monte alguns esconderijos para aumentar as possibilidades para as crianças. Escolha quem será o pegador da primeira rodada e quem serão os fugitivos.

A atividade, então, pode ser realizada da seguinte maneira:

1. O pegador deve ficar com os olhos fechados em frente a um local para “bater cara”, também chamado de “pique”, concentrado em uma atividade de contar até certo número combinado entre os participantes (até 10 ou até 20, normalmente), até que todos se escondam.
2. Ao concluir a contagem, o pegador anuncia “lá vou eu”, saindo, então, em busca de encontrar cada participante em seu esconderijo.
3. Ao localizar um participante, o pegador deve correr até o “pique” e bater no local três vezes com a mão, anunciando para que todos ouçam de onde estiverem “um, dois, três, Fulano pego”. Por sua vez, o participante que for descoberto no esconderijo deve esforçar-se para chegar ao “pique” antes do pegador, anunciando em voz alta “um, dois, três, Fulano salvo”, batendo a mão três vezes no “pique”.
4. A brincadeira segue até que todos sejam pegos.

IAKOV FILIMONOV/SHUTTERSTOCK



Brincadeira esconde-esconde. Fotografia de 2018.

Para a próxima rodada, podem ser definidos critérios de quem será o próximo pegador. Pode ser aquele que foi pego primeiro ou o que foi pego por último. O pegador pode ser definido, ainda, por sorteio ou outra maneira acordada entre os participantes.



Dialogando sobre a prática

Ao final da aula, converse sobre a experiência desenvolvida. Pergunte aos estudantes: O que sentiram durante a atividade? Gostaram? Já conheciam? Preferem procurar os colegas ou se esconder? Quais habilidades motoras foram mais usadas?

Permita aos estudantes que verbalizem as próprias impressões e sensações. Esse processo faz com que exercitem a fluência oral.

Questione se os mais velozes sempre se salvam na brincadeira ou se existem outros fatores, como prestar atenção ao pegador, escolher a melhor estratégia para se salvar ou escolher o lugar no qual se esconder. Reforce que as habilidades motoras presentes na atividade, como as de correr, andar, rastejar, agachar, subir e rolar, e as capacidades físicas, como a velocidade, o tempo de reação e a agilidade, podem ser aprimoradas, ressaltando ainda a importância de respeitar as diferenças individuais.

Converse sobre a disponibilidade e o reconhecimento de outros espaços onde possam brincar de esconde-esconde.

Outro ponto importante reside em dialogar sobre a importância cultural e social que a brincadeira tem para a comunidade. Antigamente, as outras gerações brincavam na rua. Hoje em dia, por conta da urbanização e do crescimento das cidades, ficou muito mais difícil brincar nesse ambiente.



Registrando

Observe a possibilidade de estabelecer conexões com outros componentes curriculares indicados na *Base Nacional Comum Curricular – BNCC* –, como Geografia e a sua unidade temática “O sujeito e seu lugar no mundo” (BRASIL, 2018, p. 372)³ e História e a unidade temática “A comunidade e seus registros” (BRASIL, 2018, p. 408).

Peça aos estudantes que façam uma entrevista com familiares e pessoas do convívio deles sobre a brincadeira esconde-esconde. Sugerimos as seguintes perguntas:

³ BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2021.

O sujeito e seu lugar no mundo – a comunidade e seus registros

Roteiro de entrevista

Nome: _____

Idade: _____

Onde passou a infância?

Bairro: _____ Cidade: _____

Estado: _____ País: _____

Já brincou de esconde-esconde? _____

Onde brincava (na rua, em casa, em um terreno, na escola)? _____

Como eram as regras? _____



Modelo de roteiro de entrevista.

Nas aulas subsequentes peça aos estudantes que leiam as informações sobre os locais e o modo de prática do esconde-esconde e, a seguir, experimentem as variações encontradas. Quando todas forem experimentadas, peça-lhes que registrem ao final das entrevistas quantas formas diferentes de brincar de esconde-esconde experimentaram. A seguir, conduza um diálogo sobre a grande diversidade presente na comunidade dos estudantes e sobre a oportunidade de conhecer diferentes culturas, valorizando a diversidade.

Permita aos estudantes que verbalizem e registrem as próprias impressões. Anote aquilo que considerar relevante nas falas deles.



Avaliação

Utilize como avaliação o relato dos estudantes sobre as práticas, registrando pontos importantes da fala deles sobre a diversidade e sobre a importância das brincadeiras e dos jogos para o próprio contexto cultural.

Prática 2: CORRE CUTIA



Conhecendo a prática corporal

As rodas ou as brincadeiras cantadas fazem parte da cultura popular, presentes no contexto comunitário e regional, reconhecidas como brincadeiras que utilizam músicas cantadas e parlendas.

Parlendas são versos e músicas infantis repetitivas, curtas e ritmadas, com rimas, e fáceis de memorizar. São transmitidas através do tempo, podendo variar a letra dependendo da região.

Corre cutia é uma brincadeira que combina roda cantada e pega-pega. Em outras regiões ela também é conhecida como lencinho branco ou lenço atrás.

Então, apresente aos estudantes a cantiga Corre cutia e a maneira de praticar a brincadeira. Para ilustrar, você pode exibir um vídeo disponível neste endereço eletrônico: <<https://www.youtube.com/watch?v=NjVsyDeuLV0&t=385s>>. Acesso em: 12 mar. 2021.

CORRE CUTIA

CORRE CUTIA, NA CASA DA TIA.

CORRE CIPÓ, NA CASA DA AVÓ.

LENCINHO NA MÃO, CAIU NO CHÃO.

MOÇA BONITA, DO MEU CORAÇÃO.

POSSO JOGAR? PODE!

NINGUÉM VAI OLHAR? NÃO!

(Cultura popular)

Pergunte às crianças:

QUESTÕES GERADORAS



Vocês conhecem alguma roda cantada?

Como ela é praticada?

Quais são as semelhanças e as diferenças entre corre cutia e as outras brincadeiras cantadas ou as rodas que vocês conhecem?



Vivenciando a prática corporal

Material: lenço ou qualquer objeto pequeno.

1. Disponha os estudantes em roda e peça-lhes que se sentem no chão.
2. Escolha quem será a primeira criança, que deverá andar em volta da roda, enquanto os demais cantam a cantiga: "Corre cutia, na casa da tia. Corre cipó, na casa da avó. Lencinho na mão, caiu no chão. Moça bonita, do meu coração. Posso jogar? Pode! Ninguém vai olhar? Não!".
3. Ao final da cantiga, as crianças que estão na roda devem fechar os olhos, enquanto a que está com o lenço deve colocá-lo atrás de um dos colegas.
4. Ao comando do professor, todos devem abrir os olhos e observar se o lenço está atrás de si.
5. A criança que estiver com o lenço deve levantar-se e correr atrás do colega que o colocou às costas dela, correndo em torno da roda, tentando pegá-lo.
6. O colega deve fugir e tentar ocupar o lugar deixado vago sem ser pego.
7. Se ele for pego antes de se sentar, deverá continuar na mesma função. Caso consiga sentar-se, a criança que encontrou o lenço caminhará em torno da roda para deixá-lo atrás de outro participante, e assim segue a dinâmica da brincadeira.



Brincadeira corre cutia. Fotografia de 2013.

Estimule a participação de todos e varie as regras: ora podendo correr em qualquer direção do círculo, ora podendo passar no meio do círculo, ora correndo sempre na mesma direção. Peça aos estudantes que observem as questões de segurança e o autocuidado.



Dialogando sobre a prática

Ao final da aula, pergunte aos estudantes o que acharam da atividade. Já conheciam? Gostaram? Conhecem outras brincadeiras e outros jogos parecidos? Como foi correr em círculo para pegar o amigo? Qual tipo de participante da brincadeira cada um prefere ser? Quais regiões corporais foram solicitadas durante a prática? Quais capacidades físicas os movimentos apresentaram, como a velocidade, o equilíbrio

NÃO PARE POR AQUI

Foram apresentadas aqui algumas sugestões para a prática de brincadeiras e jogos, mas você pode incluir outras mais adequadas às necessidades dos estudantes.

Procure estimulá-los a pesquisar brincadeiras e jogos do próprio contexto comunitário para compartilhar com os colegas, adaptando-os à estrutura física da unidade escolar, à disponibilidade de materiais e, principalmente, à diversidade e características dos estudantes, possibilitando a todos a oportunidade de vivência.

Por meio do brincar e do jogar, estimule as crianças a valorizar as práticas corporais como parte da construção histórica, social e cultural em suas várias formas de expressão.

De acordo com as possibilidades, selecione jogos e brincadeiras que se conectem com as outras áreas de Linguagens, como a Língua Portuguesa e a Arte, ampliando as aprendizagens significativas e o reconhecimento das formas diferentes de expressar-se sobre um mesmo tema.

e a agilidade? Como deve ser o local para a prática? Amplo ou reduzido? Algum material é necessário? Conhecem as palavras da cantiga?



Registrando

Deixe que os estudantes verbalizem as próprias impressões e respondam às suas perguntas, exercitando a oralidade e a fluência oral. Registre falas e atitudes deles que julgar importantes para compor a avaliação. Peça-lhes que registrem as palavras da cantiga Corre cutia que não conhecem e pesquisem, visando à ampliação do vocabulário.

Solicite aos estudantes que desenhem um momento da atividade que sentiram mais dificuldade e escrevam abaixo o motivo; por exemplo, correr em círculo; levantar-se depressa para pegar o colega ou sentir o objeto nas costas. A seguir devem escrever o que acham que podem fazer para superar essa dificuldade.

Recolha as respostas e dialogue com os estudantes sobre a diversidade de percepção das atividades para que reconheçam e valorizem as diferenças individuais. Além disso, oriente-os sobre a importância de se esforçarem para superar desafios, colocando-se à disposição para apoiá-los e incentivando-os a apoiar uns aos outros.



Avaliação

Utilize como avaliação seus registros sobre as falas e as atitudes dos estudantes durante os momentos de experimentação, diálogo ou registro.

Outros materiais sobre brincadeiras e jogos podem ser encontrados em:

Brincadeiras populares: <<https://mapadobrincar.folha.com.br/>>. Acesso em: 12 mar. 2021.

Jogos e brincadeiras: <<http://www.bibliotecavirtual.sp.gov.br/temas/sao-paulo/cultura-e-folclore-paulista-brincadeiras-e-brinquedos.php>>. Acesso em: 12 mar. 2021.

ALMEIDA, Telma Teixeira de Oliveira. *Jogos e brincadeiras no ensino infantil e fundamental*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2015.

MATTOS, Mauro Gomes; NEIRA, Marcos Garcia. *Educação física infantil: construindo o movimento na escola*. 7. ed. São Paulo: Phorte, 2008.

PAZ, Claudinara Botton Dal; MORAES, Vera Lúcia Rodrigues. *Metodologia da educação física escolar: educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental*. Curitiba: IESD, 2019.



SOLSTOCK/GETTY IMAGES

Corrida de obstáculos. Fotografia de 2015.

Habilidades e competências presentes nesta unidade

(EF12EF05) Experimentar e fruir, prezando pelo trabalho coletivo e pelo protagonismo, a prática de esportes de marca e de precisão, identificando os elementos comuns a esses esportes.

(EF12EF06) Discutir a importância da observação das normas e das regras dos esportes de marca e de precisão para assegurar a integridade própria e a dos demais participantes.

Competências Gerais: 2, 3, 4, 5, 7, 8 e 9

Competências de Linguagens: 2, 3, 5 e 6

Competências de Educação Física: 1, 3, 4, 6, 7, 9 e 10

Objetivos

- Analisar as regras dos esportes de marca e de precisão.
- Conscientizar os estudantes a preservar a integridade própria e a dos demais participantes.
- Experimentar a prática de esportes de marca e de precisão.
- Identificar os elementos comuns dos esportes de marca e de precisão.
- Valorizar o trabalho coletivo e o protagonismo na prática de esportes de marca e de precisão.

PROSEANDO SOBRE ESPORTES

Para o 2º ano do Ensino Fundamental, de acordo com Brasil (2018)¹, os estudantes darão continuidade às modalidades esportivas de marca e de precisão.

Os **esportes de marca** se caracterizam pela mensuração dos resultados em unidades de tempo, distância ou peso, comuns às provas de atletismo de pista (tempo) ou de campo (distância e peso), além de outras modalidades como o automobilismo, a natação, o ciclismo e o levantamento de peso.

As imagens a seguir apresentam algumas dessas modalidades e destacam atletas brasileiros reconhecidos mundialmente.



WILSON MELLO/FOLHAPRESS

Automobilismo.
Ayrton Senna, piloto brasileiro, Fórmula 1 – GP do Brasil, Interlagos, 1991.



DOUGLAS ABY SABER/FOTOARENA

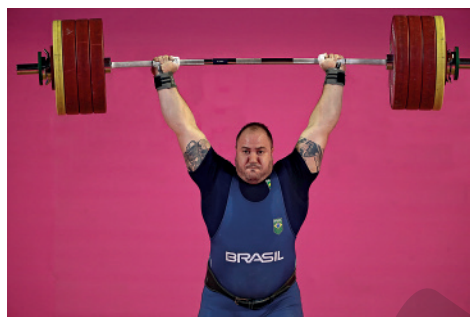
Natação.
César Cielo, nadador brasileiro, Campeonato Brasileiro Absoluto Troféu Maria Lenk, Santos, 2010.



LIVEMEDIA/SHUTTERSTOCK

Ciclismo.
Henrique Avancini, ciclista brasileiro, Copa do Mundo de Cross-country, Itália, 2019.

¹ BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2021.



EZRA SHAW/GETTY IMAGES

Levantamento de peso.
Fernando Reis, atleta brasileiro, Jogos Pan-americanos, Lima, 2019.

Os **esportes de precisão**, de acordo ainda com Brasil (2018), caracterizam-se pela ação motora de arremessar/lançar/atirar um objeto em direção a um alvo específico, que pode estar em movimento ou estático. Essa precisão pode ser mensurada de acordo com pontuações preestabelecidas em relação ao número de tentativas, tempo ou distância do alvo. São exemplos dessas modalidades o golfe e a bocha, entre outros.

As imagens a seguir representam alguns exemplos dos esportes de precisão e destacam atletas brasileiros reconhecidos mundialmente nessa modalidade.



ISOGOOD_PATRICK/SHUTTERSTOCK

Golfe.
Alexandre Rocha, golfista brasileiro, European Challenge Tour, Golf du Gouverneur, Lyon, França, 2008.



ANDRÉ HORTA/FOTOARENA

Bocha.
Dirceu Pinto, atleta paralímpico brasileiro, Jogos Paralímpicos, Rio de Janeiro, 2016.

De modo geral, o esporte pode ser praticado de maneira livre ou institucional. Quando sua prática não está institucionalizada, ou seja, não está contida no aspecto das federações esportivas, dizemos que é livre, sem o rigor das instituições, reconhecida como tipificação ou variação da modalidade esportiva com regras definidas pelos participantes para fins de lazer. Já a sua prática institucional visa ao rendimento e ao resultado esportivo.

O esporte como prática de lazer deve ser compreendido como fruto da manifestação da cultura humana, recriado a partir das federações e replicado em outros contextos sociais.

Entre as possibilidades de prática do esporte, é importante apresentar aos estudantes a vertente profissional e a tipificada para atender às necessidades dos indivíduos e da sociedade, viabilizando a prática esportiva fora do contexto institucional das federações nacionais e internacionais.

Quando bem ajustadas à infância, as tipificações do esporte são uma rica fonte para o desenvolvimento motor, cognitivo e psicossocial da criança, por abordarem o movimento em uma perspectiva cultural, promovendo ainda o autoconhecimento e a construção de valores que podem ser aprendidos de forma lúdica no contexto educacional.

No 2º ano, de acordo com Gallahue *et al.* (2013)², a criança está em um momento importante da consolidação das habilidades fundamentais e da transição para o início da fase do movimento especializado, ampliando assim seu repertório motor para ser utilizado nas situações do lazer, do dia a dia e das competições esportivas.

Entre as modalidades esportivas de marca e de precisão, a proposta para o 2º ano do Ensino Fundamental é apresentar as tipificações das provas de saltos, modalidade de marca do atletismo, e o boliche, na forma tipificada da modalidade esportiva de precisão.

O movimento dos saltos, por exemplo, foi utilizado por nossos ancestrais, para vencer obstáculos como rios, valas e vegetações, entre outras situações em que o salto se combinava com o movimento da corrida.

No atletismo, os saltos são considerados provas de campo desde a Grécia antiga, onde atletas gozavam de grande prestígio social. Essas provas já faziam parte do programa olímpico grego. Nos saltos há quatro provas oficiais: salto em distância, salto triplo, salto em altura e salto com vara.

Já o boliche, esporte de lançamento de precisão, surgiu como modalidade esportiva nos Estados Unidos, no final do século XIX. No entanto, de acordo com a Confederação

Brasileira de Boliche (CBBOL)³, há relatos de que algumas civilizações tinham práticas muito parecidas com as desse esporte.

A prática do boliche é considerada muito cara por sua estrutura bem específica de pista. No entanto, como lazer, há várias pistas em todo Brasil, além de tipificações simples, com materiais bem acessíveis.

Após contextualizar as modalidades esportivas programadas para essa unidade, construa com os estudantes as regras e os equipamentos. Essa será uma oportunidade favorável para trabalhar a participação discente na tomada de decisão em relação às regras e à confecção de materiais, contribuindo ainda mais para a apropriação, a autonomia e o consumo consciente de produtos.

PRATICANDO ESPORTES

Prática: ESPORTES DE MARCA E PRECISÃO



Conhecendo a prática corporal

Comece por descobrir as modalidades esportivas preferidas dos estudantes que: (1) conheceram além daquelas já experimentadas desde o ano anterior; (2) passaram a assistir e a praticar.

Prepare previamente uma apresentação utilizando recursos disponíveis na escola para mostrar aos estudantes imagens dessas modalidades, destacando os atletas profissionais brasileiros, conforme sugestões a seguir. Você poderá optar por outros atletas que julgar interessantes.



Salto em distância.

Duda da Silva, saltador brasileiro, Centro de treinamento, São Caetano do Sul, 2014.

² GALLAHUE, David L.; OZMUN, John C.; GOODWAY, Jackie D. *Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos*. Porto Alegre: AMGH, 2013.

³ CBBOL (Confederação Brasileira de Boliche). *História do boliche*. Disponível em: <<http://boliche.com.br/cbbol/>>. Acesso em: 19 abr. 2021.



Salto triplo.
Keila Costa, saltadora brasileira, final do Mundial de Atletismo, Grécia, 2009.



Salto em altura.
Jessé de Lima, saltador brasileiro, Jogos Olímpicos, Pequim, 2008.



Arremesso de peso.
Darlan Romani, arremessador brasileiro, Jogos Olímpicos, Rio de Janeiro, 2016.



Bolicho.
Fábio Rezende, jogador brasileiro de bolicho, Jogos Pan-americanos, Rio de Janeiro, 2007.

Pergunte, então, aos estudantes:

QUESTÕES GERADORAS



Vocês conhecem os atletas das imagens e as modalidades apresentadas?

Há algumas características comuns que fazem com que as modalidades se assemelhem?

Quais são os movimentos realizados pelos atletas, os locais e o objetivo da modalidade?

A seguir, convide-os a experimentar algumas atividades.



Vivenciando a prática corporal

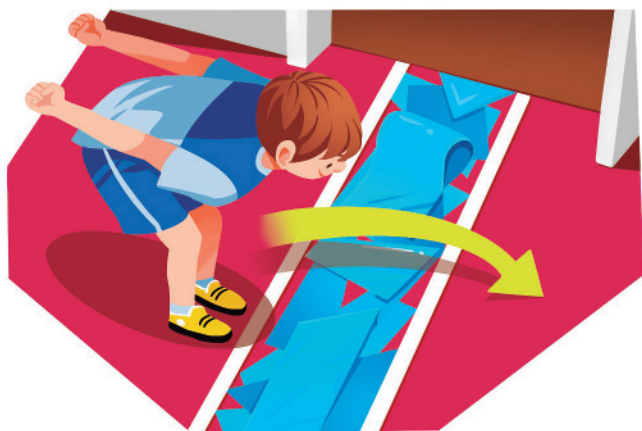
Salto em distância

Materiais: trena, giz ou fita crepe, colchão.

Na organização dessa atividade, deve-se dar preferência a locais com superfícies diferentes, de modo que os estudantes possam analisar as características desses ambientes no momento da execução dos saltos para amortecer os impactos, tais como gramado e caixa de areia. Na ausência dessas superfícies, deve-se ter um cuidado maior com a aterrissagem e com equilíbrio ao final do salto. Explore a oralidade dos estudantes questionando sobre as características físicas; por exemplo: duro e macio. Peça-lhes que avaliem o espaço mais seguro para realizar as atividades.

Incentive-os a calcular os possíveis riscos decorrentes de atitudes ou condutas impróprias, como empurrões em colegas. Levante hipóteses com os estudantes sobre a presença ou a ausência de regras para o desenvolvimento das atividades. Oriente-os a criar uma lista de regras que deverão ser seguidas durante a atividade para evitar acidentes.

Explore a imaginação dos estudantes, contextualizando as atividades cotidianas nas quais, eventualmente, precisamos saltar para transpor um obstáculo, por exemplo. Então, desenhe um pequeno riacho no chão e convide-os a saltar de um lado para o outro a fim de atravessar o riacho para chegar ao outro lado. Demarque uma linha no chão com giz ou fita aderente para indicar de onde as crianças devem saltar, sem pisar na linha.



//////
Criança saltando um “riacho”.

Proponha aos estudantes diferentes situações para a realização dos saltos: com apenas um dos pés, ambos, em deslocamento. Peça-lhes que analisem as diferenças dos saltos realizados.

Aumente progressivamente a distância para que as crianças possam combinar o saltar com o correr. Incentive-as a saltar tanto com a perna direita quanto com a esquerda para que observem o resultado, ora em função da dominância de uma das pernas, ora por meio da impulsão proporcionada pela corrida.

Altere o contexto da atividade e construa várias pistas para a prática dos saltos. Explique aos estudantes que eles deverão tentar saltar o mais distante que conseguirem utilizando a corrida.



//////
Salto em distância.

Meça os resultados com trena ou com demarcações no chão e explique aos estudantes que deverão utilizar os resultados para comparar somente os próprios saltos. Cuide assim, para evitar discriminações decorrentes da comparação de resultados entre os estudantes.

Bolicho

Materiais: bolas, garrafas PET, papel crepom, cartolina e canetinhas hidrográficas.

Na ausência de materiais para o bolicho, sugerimos a utilização de opções alternativas, com orientações para confecção:

1. Pinos: utilize dez garrafas PET e encha-as com papel crepom.
2. Bola: pode-se utilizar bola comum ou confeccionar uma com meia ou papel crepom.
3. Painel de pontuação: utilize uma cartolina e canetinhas coloridas para diferenciar as equipes.

Leve os estudantes para um local plano e forme pequenos grupos de aproximadamente três integrantes. Distribua igualmente a cada grupo o mesmo número de pinos por pista, e estabeleça diferentes distâncias de marcação no chão do local de lançamento. Antes de iniciar a atividade, elabore com os estudantes, as regras básicas do bolicho. Leia-as em voz alta para que todos estejam cientes.

Questione as estratégias para lançar a bola e acertar os pinos. Como lançar a bola em direção às garrafas para derrubá-las? Quais movimentos fazemos com o corpo ao arremessar a bola de forma rasteira?

Explore as inúmeras possibilidades de lançamento da bola em direção aos pinos. Incentive-os a lançá-la com as duas mãos, alternando-as, rolando e arremessando a bola.

Essa atividade possibilita a exploração de conceitos de espaço importantes, como perto e longe e forte e fraco, além de incentivar a contagem, ao efetuar a adição dos pinos derrubados.



//////
Bolicho com garrafa PET.

Os grupos poderão ainda ser incentivados a trabalhar coletivamente para a obtenção do maior número de pontos que conseguirem adicionar, considerando a soma dos resultados uma conquista de todos os integrantes. Oriente os grupos, assim, a registrar as próprias pontuações, a fim de incentivar a autonomia e a cooperação.

A complexidade da precisão também pode ser ajustada gradualmente, de acordo com a distância do lançamento.



Dialogando sobre a prática

Reserve um momento da aula para retomar as questões geradoras, organizando e sistematizando as aprendizagens. Pergunte aos estudantes sobre as percepções que tiveram nas práticas corporais, as dificuldades e os desafios, e como foi superá-los. Pergunte-lhes também qual das atividades se caracteriza como esporte de precisão e de marca. Explique-lhes os elementos comuns dessas modalidades.

Comente sobre a importância das regras que foram escolhidas e criadas para que pudessem experimentar as atividades satisfatoriamente. Pergunte aos estudantes se mudariam algo nelas. Sobre as experiências com os saltos e os lançamentos, pergunte a eles sobre as estratégias e as maneiras utilizadas para saltar mais longe e para acertar os pinos.

Por fim, elogie condutas e atitudes empáticas de cooperação que observou durante a atividade.

NÃO PARE POR AQUI

As atividades sugeridas são algumas possibilidades para a prática dos esportes de marca e de precisão. Você pode incluir outras, adaptando-as de acordo com a estrutura física escolar, a disponibilidade de materiais e a diversidade dos estudantes.

Você pode pesquisar e encontrar mais sobre os esportes de marca e de precisão em:

Confederação Brasileira de Atletismo (CBAt): <<http://www.cbat.org.br/novo/>>. Acesso em: 19 abr. 2021.

Confederação Brasileira de Boliche (CBBOL): <<http://boliche.com.br/cbbol/>>. Acesso em: 19 abr. 2021.

Esportes de marca: <https://www.youtube.com/watch?v=bf3_Z2rLryA>. Acesso em: 19 abr. 2021.

Provas de campo – atletismo paralímpico: <

Registrando

As práticas corporais proporcionaram a oportunidade de discutir sobre muitas aprendizagens. Por isso, grave em áudio as respostas das questões e das reflexões dos estudantes sobre as experiências vivenciadas, assim como os objetivos das aprendizagens das práticas dos esportes de marca e de precisão. Você terá, então, um *podcast* como registro da unidade de esportes.

Ouça o *podcast* com as crianças para que se autoapreciem e reconheçam as possibilidades de utilização das tecnologias digitais de informação usadas na construção e na disseminação do conhecimento. Compartilhe o *podcast*, se possível, nas mídias sociais nas quais a escola possa estar inserida.



Avaliação

Lembre-se de realizar a avaliação para orientar suas práticas e saber o que os estudantes aprenderam. Registre as observações que fez durante cada etapa das situações de aprendizagem: o que os estudantes fizeram, como fizeram, para que e por que fizeram. Anote detalhadamente fatos, datas, condutas, falas, dificuldades e avanços dos estudantes. Assim, terá importantes indicações das aprendizagens deles e também da sua prática pedagógica.

[youtube.com/watch?v=iTKlpWfKjig](https://www.youtube.com/watch?v=iTKlpWfKjig)>. Acesso em: 19 abr. 2021.

Regras do boliche: <https://www.youtube.com/watch?v=wBt6_jU8RO4>. Acesso em: 19 abr. 2021.

Saltos no atletismo: <<https://www.youtube.com/watch?v=hdh35ej7t3U>>. Acesso em: 19 abr. 2021.

GALLAHUE, David L.; OZMUN, John C.; GOODWAY, Jackie D. *Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescente e adultos*. Porto Alegre: AMGH, 2013.

MATTEIESEN, Sara Quenzer. *Atletismo se aprende na escola*. 2. ed. Várzea Paulista: Fontoura, 2012.

MIAN, Robson. *Atletismo: aspectos pedagógicos na iniciação*. Várzea Paulista: Fontoura, 2018.



Parada de mãos.
Fotografia de 2017.

Habilidades e competências presentes nesta unidade

(EF12EF07) Experimentar, fruir e identificar diferentes elementos básicos da ginástica (equilíbrios, saltos, giros, rotações, acrobacias, com e sem materiais) e da ginástica geral, de forma individual e em pequenos grupos, adotando procedimentos de segurança.

(EF12EF08) Planejar e utilizar estratégias para a execução de diferentes elementos básicos da ginástica e da ginástica geral.

(EF12EF09) Participar da ginástica geral, identificando as potencialidades e os limites do corpo e respeitando as diferenças individuais e de desempenho corporal.

(EF12EF10) Descrever, por meio de múltiplas linguagens (corporal, oral, escrita e audiovisual), as características dos elementos básicos da ginástica e da ginástica geral, identificando a presença desses elementos em distintas práticas corporais.

Competências Gerais: 1, 2, 3, 4, 6, 8, 9 e 10

Competências de Linguagens: 1, 2, 3 e 5

Competências de Educação Física: 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8 e 10

Objetivos

- Experimentar diferentes possibilidades de movimentos ginásticos individual e coletivamente.
- Conhecer e identificar diferentes movimentos ginásticos com materiais, percebendo potencialidades e limitações em face de desafios.
- Identificar movimentos da ginástica presentes no cotidiano, valorizando-a nos âmbitos cultural, histórico e social.
- Planejar estratégias para resolver os desafios, percebendo a importância da própria contribuição para o sucesso de propostas coletivas da ginástica, como acrobacias em duplas, cooperando com os colegas e respeitando as diferenças individuais.
- Registrar, de maneira escrita e oral, as próprias sensações ao experimentar as diferentes práticas corporais da ginástica.

PROSEANDO SOBRE GINÁSTICAS

Um olhar atento aos movimentos livres das crianças possibilita-nos perceber que os movimentos ginásticos estão inseridos no brincar não direcionado, representando a linguagem corporal típica do universo infantil. Exemplos disso são as cambalhotas sobre a cama, equilibrar-se na guia da sarjeta das ruas e das praças, as tentativas de “plantar bananeira”, termo popularmente utilizado para o movimento ginástico “parada de mãos”.

Ao sustentar todo o peso do corpo sobre os braços, por exemplo, quais são as sensações experimentadas pela criança? Quais são as razões para ela experimentar ficar de ponta-cabeça, rolar, pendurar-se, girar e fazer tantas aventuras?

São inúmeras as motivações intrínsecas e extrínsecas que envolvem essas dinâmicas. Frequentemente, atribui-se ao prazer de simplesmente movimentar-se, desafiar-se, sentir o frio na barriga e, talvez, a aventura de pensar “será que eu consigo ou vou cair?”.

No 2º ano, os estudantes conhecerão alguns dos movimentos básicos da ginástica geral, que, de acordo com Brasil (2018)¹, é composta de um conjunto de acrobacias, piruetas, manuseio de equipamentos, coreografia com movimentos síncronos e assíncronos, entre outras possibilidades.

Os movimentos ginásticos não são rotineiramente utilizados nas aulas de Educação Física, em geral, por falta de experiência dos professores ou de recursos materiais, como equipamentos específicos da modalidade. Mas será que é necessário dispor de um ginásio completo ou um alto nível de conhecimentos técnicos dessa prática corporal para incluí-la no currículo?

Nessa esfera de observação, a experimentação e a aprendizagem de elementos básicos da ginástica podem ser adaptadas e realizadas com segurança, independentemente da realidade escolar, garantindo ao programa a inclusão de um componente culturalmente valorizado.

Nessa perspectiva, a próxima seção trará algumas práticas de ginástica no solo.

PRATICANDO GINÁSTICAS

Prática 1: O MUNDO DE PONTA-CABEÇA



Conhecendo a prática corporal

Desde o ventre materno, os seres humanos experimentam diferentes posturas do corpo no espaço. Algumas semanas antes do nascimento, por exemplo, o feto comumente se

vira de cabeça para baixo, em uma posição de preparação para o parto.

Outros movimentos surgem no progresso do desenvolvimento motor humano, entre eles, a quadrupedia, quando a criança pequena apoia as mãos e os pés no chão para espiar as pessoas ou analisar os objetos por outro ângulo. É preciso reorganizar todas as forças para a manutenção dessa nova postura corporal, pois nela tudo fica diferente!

Um dos maiores desafios e, na mesma grandeza, uma das maiores aventuras ginásticas é ficar de ponta-cabeça. Oficialmente, esse movimento é denominado apoio invertido facial, conhecido ainda como parada de mãos. Independentemente da nomenclatura, as crianças experimentarão nessa unidade apoiar as mãos no chão e colocar as pernas para o ar.

Para aprender esse elemento básico da ginástica são necessárias tentativas, repetições, dedicação, foco e determinação. Os insucessos iniciais, na maioria das vezes, são grandes. Por isso, um roteiro de aula bem elaborado e um ambiente motivador, seguro e inclusivo promovem o sucesso curricular.

Partindo das experiências dos estudantes, pode-se perguntar-lhes:

QUESTÕES GERADORAS



Já experimentaram observar o mundo de ponta-cabeça?

Se experimentaram, quais foram as sensações?

Que posições podemos fazer com o corpo para observar o mundo de ponta-cabeça?

Ao tentarem ficar de ponta-cabeça, as crianças podem não ter competência suficiente para fazer o movimento, ou manter a posição, e cair. Para evitar uma queda, os estudantes precisam unir força, equilíbrio e consciência corporal para vencer a gravidade, buscando posições corporais minimamente estáveis e controladas.

Ao inserir movimentos de posições invertidas, o professor deverá garantir a segurança, auxiliando as crianças individualmente nas propostas mais desafiadoras. Por exemplo, o professor pode auxiliar um a um na parada de mãos, por meio de um sistema de rodízio ou circuito, em que os estudantes experimentam outros movimentos que consigam realizar com autonomia, como pequenos saltos, equilíbrios, alongamentos individuais ou outras tarefas que já conseguem executar com segurança.

Uma parede livre de materiais ou uma grade alambrada firme e sem farpas aparentes são opções para facilitar a aquisição da habilidade da parada de mãos. Esse apoio

¹ BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2021.

vertical pode ser utilizado para apoiar os pés, enquanto as mãos ou a cabeça se mantêm no colchonete a fim de contrabalançar as forças. Assim, os apoios dão suporte ao movimento, possibilitando a graduação da dificuldade e a contemplação dos níveis de habilidade das crianças.

Ficar de cabeça para baixo é tão envolvente que, frequentemente, as crianças saem das aulas de Educação Física fazendo novas tentativas, o que é bastante positivo no âmbito das aprendizagens, porque possibilita a prática além do ambiente escolar. Por isso, é essencial saber como fazer o movimento e reconhecer o espaço adequado para fruir.



Vivenciando a prática corporal

Vela

Materiais: colchonetes, colchões, tatames de EVA ou gramado.

Procure um espaço amplo disponível para realizar as atividades, retire todos os objetos potencialmente perigosos e forre o chão com colchões.

O movimento de vela pode ser feito de maneira independente pela criança, apenas observando o professor e reproduzindo o procedimento.

A prática dessa sequência pedagógica pode ser feita com calçados, porém se recomenda executá-la descalço, pois as experimentações sem calçados ampliam a superfície de contato entre o pé e o solo, favorecendo a propriocepção da criança, a estabilidade e o equilíbrio. Além disso, fortalece a musculatura das pernas e dos pés, contribuindo para o desenvolvimento do arco plantar.

Por ser potencialmente segura, a vela pode ser feita com todo o grupo ao mesmo tempo ou em estações de circuito ginástico.

Pergunte aos estudantes quem já assoprou velinhas no próprio aniversário ou se sabem qual é o formato de uma vela. Chame a atenção das crianças para a firmeza e à retidão desse objeto que nomeia esse movimento tradicional ginástico.

A fim de preparar o corpo para o movimento de vela, faça movimentos de “sim” e “não” com a articulação do pescoço, pequenos giros suaves para a direita e para a esquerda, e aqueça o corpo fazendo a brincadeira da bolinha:

1. Sentar no colchão.
2. Abraçar os joelhos flexionados à frente do corpo.
3. Manter o queixo próximo ao peito.
4. Rolar para trás e voltar sentado tentando não tombar para os lados.

Atente ao posicionar a criança sentada na beirada dos colchões para evitar a batida da cabeça no chão ao rolar posteriormente.

Depois de as crianças sentirem a massagem na coluna vertebral, a força abdominal e a manutenção do equilíbrio, já estarão preparadas para tentar a postura completa da vela, que deve ser executada da seguinte maneira:

1. Deitar em decúbito dorsal.
2. Elevar as pernas e os quadris.
3. Manter o corpo em equilíbrio invertido, apoiado sobre os ombros e o pescoço.
4. Apoiar as mãos nos quadris ajudando a mantê-los elevados.
5. Posicionar os braços e as mãos no chão, aumentando a complexidade do equilíbrio estático invertido.

Algumas crianças podem precisar de ajuda para experimentar a vela. Oriente-as a olhar para a ponta dos pés e empurrar os cotovelos pressionando o solo, deixando o corpo bem firme e contraído.

O professor pode ainda segurar as pontas dos pés da criança e, gentilmente, puxá-la para cima, a fim de deixar a vela mais reta, auxiliando na estabilização do movimento.

Cuide para que não haja sobrecarga na região cervical dos estudantes, controlando o número de repetições, realizando o aquecimento inicial e o alongamento final, cuidando assim dos músculos mais requisitados nessa prática.



Posição de vela. Fotografia de 2017.

Ponte

Materiais: colchonetes, colchões, tatames de EVA ou gramado.

Mantendo os cuidados de segurança da prática anterior, inicie por contextualizar a nomenclatura do movimento.

Pergunte aos estudantes: Vocês sabem o que é uma ponte? Que tal construir uma ponte usando o corpo? Vocês têm uma ideia de que movimento é esse?

Permita que experimentem construir uma ponte com o próprio corpo. Por meio dessa liberdade inicial, as crianças

poderão formular hipóteses, mostrar o próprio repertório, descobrir novas possibilidades e experimentar as ideias dos colegas por meio da observação.

Proponha questionamentos às crianças com o intuito de ampliar a consciência corporal: Como vocês fizeram a ponte? Que partes do corpo vocês apoiaram no chão? Com quais partes do corpo vocês fizeram mais força? Incentive-as a observar o próprio corpo a fim de conhecê-lo.

Agora, mostre uma imagem da ponte da ginástica ou peça a alguma criança que saiba executar o movimento que o demonstre para o grupo. Após a observação, organize as crianças no espaço a ser compartilhado para que possam praticar e receber apoio do professor, se necessário.

Demonstre sequencialmente os movimentos necessários para construir a ponte e oriente os estudantes para que estejam atentos aos seguintes passos:

1. Deitar em decúbito dorsal, apoiando a cabeça no colchonete.
2. Flexionar ambos os joelhos, apoiando os pés no chão.
3. Apoiar as mãos espalmadas ao lado das orelhas.
4. Tirar o corpo do chão por meio da extensão gradual de joelhos e de cotovelos.
5. Manter a coluna vertebral hiperextendida, formando a letra "U" de ponta-cabeça.
6. Sustentar por alguns segundos.
7. Retornar à posição inicial, colocando o queixo no peito, flexionando joelhos e cotovelos, encostando vagarosamente as costas no chão.

Observe que a cabeça sai do chão com o resto do corpo, e o peso do corpo não fica sobre ela. Nessa postura, apoiar o peso do corpo sobre a região cervical pode machucar. Atente para o fato de que cada criança tem um nível de força e de flexibilidade, adequando, portanto, a complexidade do movimento.

Sugira aos mais habilidosos que tentem elevar uma das pernas para desafiá-los e, ao mesmo tempo, faça as adapta-



Posição de ponte. Fotografia de 2014.

ções necessárias para os que estão com dificuldade. Segure a criança que tenta tirar as costas do chão pelos ombros, ajudando-a a puxar o corpo lentamente para cima, atentando ao limite de cada criança.

Após a prática é importante fazer as compensações com alongamentos para os punhos e para a coluna vertebral lombar.

Parada de mãos

Materiais: colchonetes, colchões, tatames de EVA ou gramado.

Para a prática da parada de mãos, o ideal é que as crianças já tenham praticado os movimentos propostos anteriormente, pois o desafio do apoio invertido facial exige um pouco mais de coragem, esforço e concentração.

Antes de propor às crianças exercícios preparatórios, busque observar o repertório delas fazendo-lhes perguntas instigantes como: Vocês já ouviram a expressão "plantar bananeira"? Em uma autoavaliação, vocês acreditam que conseguiriam ficar de cabeça para baixo e apoiar-se sobre as mãos? Como será que ficam os objetos e as pessoas quando estamos de ponta-cabeça e mantemos os olhos abertos? Quais partes do corpo terão que permanecer firmes e estendidas? Após escutar ativamente os estudantes, anote as hipóteses e, com base nelas, dialogue com eles apresentando à turma uma parada de mãos em vídeo ou imagem.

Busque objetos ou personagens do universo infantil que tragam associações da postura corporal ao cotidiano, como o cabo de vassoura que não dobra e fica firme como o corpo deve ficar ao realizar esse movimento. As estratégias simbólicas auxiliam na aprendizagem, porque estimulam a criança a criar seus personagens e suas aventuras.

Os movimentos preparatórios para a prática da parada de mãos incluem pequenas transposições do peso do corpo sobre as mãos, mantendo os cotovelos completamente esticados. Lembre-se de reforçar que os braços ficam firmes como se estivessem engessados, evitando assim as quedas sobre a cabeça. Outra orientação essencial trata-se do distanciamento entre as crianças a fim de não se chutarem acidentalmente. Instrua os estudantes para sempre olharem se há algum colega perto antes de levar as pernas para cima e nunca fazerem esses movimentos diretamente no chão, pois é necessário um apoio para amortecer as possíveis quedas.

Oriente as crianças a praticar os seguintes movimentos preparatórios:

Quadrupedias: deslocar-se com os apoios dos pés e das mãos, sem encostar os joelhos no chão. As brincadeiras de pega-pega ou mãe da rua, nas quais todos os participantes, incluindo os pegadores, movem-se pelo espaço nessa posição no chão são grandes aliadas para a motivação das crianças, visto que são posturas que exigem bastante esforço e agilidade.

Coice do burrinho/cavalinho: individualmente, em uma superfície adequada, a criança deve apoiar as mãos espalmadas no chão, braços firmes, partir da posição de cócoras, jogar os pés juntos para cima como um coice e retornar à posição inicial.

Tesourinha: partir da posição em pé, braços elevados, apoiar as mãos espalmadas no colchonete e, simultaneamente, chutar uma das pernas para cima e alternar com a outra como em um corte de tesoura. Biomecanicamente, é mais fácil ter sucesso nessa tarefa se for possível apoiar as mãos sobre uma superfície elevada (uns 10 cm-25 cm de altura) como um colchonete enrolado, um plinto de madeira, um *step* de ginástica ou um degrau seguro.

Pés na parede: buscar um apoio vertical que pode ser uma parede livre de objetos, grade ou porta fechada. Posicionar-se de costas para a parede, apoiar as mãos sobre o colchonete, elevar um pé por vez, escalar gradualmente com os pés até chegar à posição de parada de mãos. No início do movimento, as mãos ficarão distantes da parede deixando o corpo inclinado e, aos poucos, de acordo com as habilidades motoras da criança, oriente-a a caminhar com as mãos em direção à parede, verticalizando o corpo.

Talvez a experimentação apresentada até aqui seja suficiente para a maioria dos estudantes. Se quiser aprofundar e aperfeiçoar a parada de mãos, ensine a eles o movimento sem o apoio vertical, parecido com a tesourinha, mas unindo os pés no alto, sustentando o corpo na vertical. Para descer, deve retornar um pé de cada vez ao chão, finalizando o movimento na posição em pé.



Parada de mãos. Fotografia de 2017.

Esse apoio invertido completo deve ter a ajuda do professor, que segurará os pés da criança no alto, puxando-os para cima e impedindo uma queda posterior ou a queda com a cabeça no chão.

As imagens ou demonstrações são estratégias indispensáveis nessa unidade, pois, quando as crianças observam um modelo, elaboram mentalmente os movimentos ginásticos, facilitando a *performance*.



Dialogando sobre a prática

Após a atividade reúna os estudantes e questione-os sobre as impressões que tiveram; quais foram as principais dificuldades; como foi ficar de cabeça para baixo; quais foram as principais regiões do corpo solicitadas durante a atividade; quais foram as capacidades físicas presentes, como força muscular, equilíbrio ou flexibilidade; como deve ser o local de prática para conseguirem realizar os movimentos com segurança; como podem ajudar os colegas com dificuldade. Deixe-os responder às suas perguntas, valorizando a fluência e a compreensão oral. Observe as falas dos estudantes e registre os pontos importantes que evidenciam a aprendizagem deles ou aqueles que necessitam de intervenção. Valorize as atitudes positivas e o esforço dos estudantes em aprender novos movimentos e superar desafios.



Registrando

Peça aos estudantes que desenhem o mundo que observaram na posição invertida. Se julgar necessário, faça uma nova prática, dessa vez estimulando-os a se auxiliarem quanto à segurança das práticas. Peça-lhes que escrevam: qual região do corpo sentiram mais durante a atividade; qual foi a capacidade física mais solicitada – a força muscular ou o equilíbrio; como foi receber a ajuda dos colegas para realizar os movimentos; e o que o desenho representa.

Os desenhos dos estudantes podem ser expostos para que todos observem e leiam os registros dos colegas. Questione os estudantes sobre as diferenças entre o que foi desenhado e o que foi descrito, conduzindo um diálogo sobre a importância do respeito às diferenças. Assim como na conversa após a atividade, registre as falas que representam as aprendizagens deles.



Avaliação

Utilize as produções dos estudantes e as anotações do seu relatório de observação como avaliação, identificando o emprego de estratégias por parte dos estudantes para a realização dos movimentos, a percepção de limites e de potencialidades do corpo, o autocuidado e o zelo com os colegas.

Prática 2: EQUILIBRANDO JUNTOS



Conhecendo a prática corporal

O equilíbrio do corpo pode ser classificado como estático ou dinâmico. Na ginástica, alguns exemplos de equilíbrios estáticos são o avião, a parada de cabeça, os esquadros e as pranchas. Os principais representantes do equilíbrio dinâmico são os rolamentos, os giros, as pirâmides e os movimentos ginásticos sobre a trave.

Sugerimos que experimentem elementos básicos de equilíbrio para os quais necessitem da interação física com os colegas.

Nessa faixa etária, existe uma progressiva transição do ser mais centrado em si para aquele que é capaz de observar e perceber os outros, reconhecer as características e as necessidades alheias, incentivando os estudantes, por meio dessa prática, a agir positivamente em situações de cooperação e a respeitar as divergências de opiniões ou de habilidades.

Nas atividades sugeridas, as crianças terão uma tarefa importante: equilibrar forças, somar esforços e adequar o próprio movimento ao do outro.

Nas atividades em duplas ou coletivas, a mediação do professor é fundamental para intervir ou antecipar situações de injustiça, como uma criança com necessidades educativas especiais não encontrar um parceiro, por exemplo. É essencial facilitar o processo de inclusão e trazer à tona o direito ao acesso de cada indivíduo.

Sugerimos aprofundar os conhecimentos com o uso de algumas imagens de poses de equilíbrios típicas da ginástica para inspirar as crianças a tentar imitá-las ou criar as próprias performances.



Vivenciando a prática corporal

Nessa subseção, foram estruturadas algumas práticas da ginástica geral voltadas ao equilíbrio estático e ao dinâmico nos âmbitos individual e em duplas.

Faça uma roda de conversa com o grupo para criar hipóteses antes da prática.

Pergunte às crianças:

QUESTÕES GERADORAS



Quando vou ficar em um pé só, como o saci-pererê, e não posso me mexer, para onde eu devo olhar?

Ao dar as duas mãos para um colega e girarmos juntos, como deve ser a velocidade durante essa prática?

Se meu parceiro de dupla está com dificuldades para fazer um movimento ginástico, como posso contribuir para o sucesso?

Possivelmente será uma discussão interessante sobre as capacidades físicas como equilíbrio e velocidade; competências socioemocionais, como respeito, responsabilidade, cooperação, tolerância, empatia e resolução de conflitos. Esses são diálogos que possibilitam levar às aulas de Educação Física conteúdos além do saber fazer, como saber ser e saber conviver.

Antes de sugerir às crianças algum movimento ginástico, peça-lhes que, em duplas, experimentem brincar de ginástica. Observe o repertório e faça anotações para encaminhar, se necessário, a sequência pedagógica com ajustes.

Avião

Materiais: colchonetes ou tatames são opcionais para trazer mais conforto, porém qualquer piso liso ou gramado funcionam bem.

Pergunte às crianças: Qual é o meio de transporte mais rápido do mundo? Vocês já observaram um avião voando no céu? Vocês ou alguém da sua família já tiveram a oportunidade de fazer uma viagem de avião?

Introduza a prática ginástica da posição avião, explicando que é um nome popular de um movimento de equilíbrio estático utilizado na ginástica.

Demonstre a posição de avião e oriente os estudantes a experimentá-la sozinhos, testando a perna com a qual terão mais facilidade e a posição mais desafiadora para essa prática.



HERE/SHUTTERSTOCK

Posição de avião. Fotografia de 2017.

Utilizando as letras do alfabeto, solicite-lhes que façam o equilíbrio do avião e pronunciem o alfabeto sequencialmente, "A, B, C, ...", desafiando-os a ver até que letra conseguem permanecer com apoio unipodal. Quando perderem o equi-

lívrio, devem dizer uma palavra com a letra pronunciada no instante em que o equilíbrio foi perdido.

Posteriormente, forme as duplas por critérios livres, sorteio ou alternância de pares, de acordo com os combinados prévios feitos com o grupo. Proponha-lhes o seguinte problema: Vamos fazer um avião em duplas? Nessa faixa etária é muito importante que explorem todas as possibilidades de resolver um desafio. Testar, criar hipóteses, fazer ajustes, observar como outras duplas estão executando, cair e levantar são passos necessários para a construção de respostas no processo de aprendizagem, bem como são ferramentas fundamentais para que os estudantes se tornem cidadãos seguros, autônomos, que argumentem com base em fatos, que sejam curiosos por explicações cientificamente embasadas, competências essenciais para a vida adulta e para o mundo do trabalho.

Ao final dessa prática corporal, sugira a todos os estudantes que se posicionem em círculo, apoiando-se nos ombros uns dos outros, para que façam juntos a posição de avião, pronunciando as letras do alfabeto.

Tartarugas

Materiais: colchonetes ou tatames são opcionais para trazer conforto. No entanto, qualquer piso liso ou gramado funciona bem.

Em duplas, as crianças devem sentar-se no chão na posição costas com costas e braços entrelaçados. O desafio é levantar-se do chão sem soltar os braços, nem apoiar as mãos no solo.

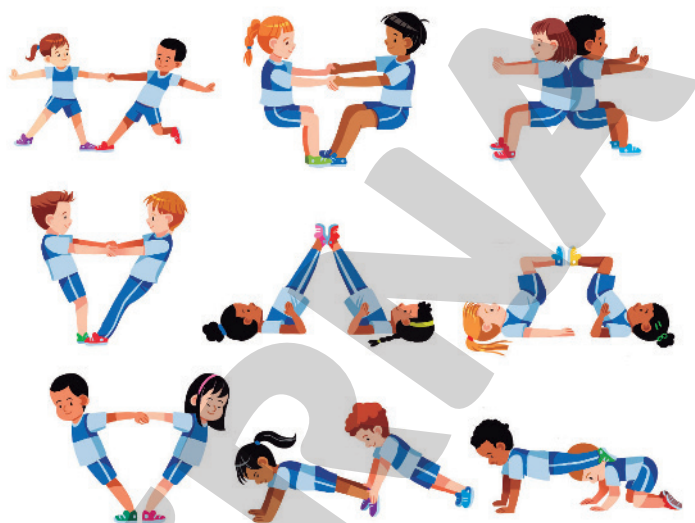
Utilize o sistema numérico para quantificar o tempo para realizar a tarefa de equilíbrio dinâmico em duplas. Incentive as crianças a contar de 1 a 10 ou de 10 em 10 (10, 20, 30...). Variar as duplas pode ser bem interessante.

Durante a atividade, permita às crianças que conversem entre elas, possibilitando a troca de experiências e dicas de como conseguir levantar-se, partindo da posição sentada, sem soltar os braços.



Crianças levantando na posição tartarugas.

Estas são outras possibilidades de atividades em duplas para praticar o equilíbrio. Elas podem ser exploradas em uma próxima aula.



Práticas de equilíbrio em duplas.

De mãos dadas

Material: não exige nenhum material.

Ao dar-se as mãos, frente a frente, um pacto é firmado. Olhos nos olhos e mãos firmes. Uma conexão forma-se em torno de um laço de confiança e de cooperação.

De mãos dadas, as duplas devem girar para a direita e para a esquerda, sincronizando a velocidade.

Inclua à lateralização do corpo estímulos auditivos no momento da troca de direção. As crianças devem girar para um dos lados e, ao sinal, trocar o lado.



Crianças girando de mãos dadas.

Posteriormente, devem deitar em decúbito ventral (barriga virada para baixo), posicionar os braços esticados ao lado dos ouvidos e, com as mãos entrelaçadas, devem rolar para os dois lados com o corpo completamente esticado no chão.



Dialogando sobre a prática

Ao final das experiências, reúna as crianças para uma roda de conversa sobre as práticas da ginástica. Pergunte aos estudantes, escute ativamente e anote as respostas dadas aos questionamentos: Quais movimentos foram realizados? Quais foram mais fáceis? De quais vocês se lembram terem sido bem difíceis? No cotidiano, fazemos movimentos similares a algum desses praticados nas aulas? Quais sensações vocês perceberam ao equilibrar-se sozinhos? Ao dar as mãos para um colega, foi mais fácil ou mais difícil executar um movimento ginástico de equilíbrio? Para uma atividade em duplas funcionar, de quais ações vocês precisam para contribuir? Quais movimentos ginásticos vocês tiveram mais medo de fazer? Como enfrentaram esse medo? Vocês tiveram ajuda de algum colega?

Possibilite aos estudantes que verbalizem as próprias impressões. Observe se respeitam a vez de fala, se ouvem os colegas com atenção, se conseguem expressar-se de modo compreensível, se a fala deles corresponde ao que foi perguntado. Esse momento evidencia as aprendizagens dos estudantes; por isso, observe se existem dificuldades ou confusões que necessitem da sua intervenção.



Registrando

Sugerimos que faça com os estudantes uma atividade de registro na qual se evidencia o gosto pessoal deles. Essa atividade também exercita a contagem.

Utilize um quadro ou um pedaço grande de papel *Kraft*. Escreva algumas questões, conforme as sugestões abaixo.

Você prefere realizar atividades sozinho ou em duplas?	
Sozinho	Em duplas

De qual atividade você mais gostou?		
Tartaruga	Avião	De mãos dadas

Insira outras questões que julgar relevantes de acordo com o desenvolvimento das aulas. Os estudantes devem “votar” ou escrever o nome abaixo da resposta com que mais se identificaram. Ao final, devem juntos fazer a contagem de votos. Baseando-se na informação numérica obtida, como registro, construa um gráfico simples para mostrar a estatística das preferências do grupo, para que reconheçam e valorizem as diferenças de escolhas pessoais.

Solicite aos estudantes que façam um desenho de outras situações do dia a dia nas quais o equilíbrio esteja presente, como andar, subir escadas, segurar um copo com água, ficar em pé em um transporte público etc. Eles devem escrever no desenho por que o equilíbrio é importante na situação desenhada. Faça um mural com as produções dos estudantes intitulado: “O equilíbrio em minha vida”.

Convide os estudantes de outras salas, professores e funcionários da escola para visitar o mural.



Avaliação

A análise do modo como contextualizaram as experimentações da aula, os seus registros das falas dos estudantes e as observações durante as práticas podem compor um portfólio de avaliação sobre as ginásticas.

NÃO PARE POR AQUI

As atividades sugeridas podem ser adaptadas de acordo com a estrutura física escolar, a disponibilidade de materiais e a diversidade dos estudantes, garantindo a todos a oportunidade de vivência. É importante considerar, na proposta das atividades, as dimensões do conhecimento da Educação Física, as competências do componente e de área e as competências gerais, bem como a oportunidade de estabelecer relações com os outros componentes curriculares.

Procure dialogar especialmente com o professor de Língua Portuguesa, visando à contribuição da Educação Física no desenvolvimento da *Política Nacional de Alfabetização – PNA* –, exercitando a fluência oral, a compreensão e a produção de textos e o vocabulário.

Você pode adicionar elementos e experiências em seus roteiros de aula, tais como:

Elementos básicos de ginástica no solo: <<https://www.youtube.com/watch?v=FbmXhh6RrYU>>. Acesso em: 19 mar. 2021.

Movimentos básicos da ginástica: <<https://www.youtube.com/watch?v=gfRgQGqXBQc>>. Acesso em: 19 mar. 2021.

Outros materiais podem ser encontrados em:

ARAÚJO, Carlos. *Manual de ajudas em ginástica*. 2. ed. Várzea Paulista: Fontoura, 2012.

NUNOMURA, Myrian. *Fundamentos das ginásticas*. 2. ed. Várzea Paulista: Fontoura, 2016.



KALIBRE/GETTY IMAGES

Brincadeira rítmica. Fotografia de 2019.

Habilidades e competências presentes nesta unidade

(EF12EF11) Experimentar e fruir diferentes danças do contexto comunitário e regional (rodas cantadas, brincadeiras rítmicas e expressivas), e recriá-las, respeitando as diferenças individuais e de desempenho corporal.

(EF12EF12) Identificar os elementos constitutivos (ritmo, espaço, gestos) das danças do contexto comunitário e regional, valorizando e respeitando as manifestações de diferentes culturas.

Competências Gerais: 1, 2, 3, 4, 5, 8 e 10

Competências de Linguagens: 1, 2, 3, 4, 5 e 6

Competências de Educação Física: 1, 2, 6, 7, 8 e 10

Objetivos

- Recriar as danças do contexto comunitário e regional.
- Identificar os elementos constitutivos das danças regionais e comunitárias.
- Experimentar e fruir movimentos associados a diferentes tempos rítmicos.
- Reconhecer o lugar que a dança tem na história e na cultura comunitária e regional.
- Conhecer, valorizar e respeitar as diferentes manifestações culturais.

PROSEANDO SOBRE DANÇAS

Para este ano, prosseguiremos com o estudo das danças com foco no desenvolvimento da noção espaço-temporal, e dos conceitos de esquerda e direita, frente e trás, em cima e embaixo. A orientação espacial possibilita a alguém nortear-se em um espaço em relação a determinado objeto; por exemplo, uma bola ou outra pessoa. Conforme a criança desenvolve a orientação no espaço, identifica com mais precisão tamanhos, formas e volumes, o que a ajuda na compreensão cada vez mais complexa do ambiente.

Por sua vez, há uma orientação temporal que consiste no desenvolvimento da noção do tempo necessário para a ação, fazendo com que o pensamento para a ação ocorra de maneira antecipada, sintonizando os gestos. Por isso, a criança precisa conhecer a sequência de eventos que determina a ação para tomar boas decisões. O tempo, assim como acontece com a organização espacial, é ordenado por um sistema de operações concretas, indissociável da experiência, daí a fundamental importância das práticas na aprendizagem do movimento na infância.

A relação entre espaço e tempo também envolve a noção de velocidade, pois é na ação que a noção espaço-temporal acontece. A criança deve, assim, organizar seu pensamento-ação para realizar os gestos e os deslocamentos das partes do corpo necessárias para ocupar novos espaços.

Nesse sentido, as atividades rítmicas são uma excelente ferramenta para desenvolver a noção espaço-temporal e a velocidade da ação em crianças do 2º ano, pois, ao praticá-las, a criança realiza movimentos em determinado tempo.

O programa de Educação Física para o 2º ano do Ensino Fundamental prevê a abordagem das danças do contexto comunitário e regional, expressos nessa unidade por meio das brincadeiras rítmicas.

PRATICANDO DANÇAS

Prática: BRINCADEIRAS RÍTMICAS



Conhecendo a prática corporal

As brincadeiras rítmicas são fundamentais para o desenvolvimento da criança. Elas proporcionam a compreensão da organização do movimento no espaço e no tempo, estimulam a memorização, a percepção das rimas e o aprimoramento da coordenação motora e do senso rítmico, essenciais para essa faixa etária.

Nessa idade, as crianças conhecem uma série de cantigas de roda e de brincadeiras rítmicas, o que possibilita explorar o ato criativo por meio da experiência acumulada em relação ao tema. Por isso, na apresentação do tema da aula, procure

valorizar tudo o que as crianças sabem sobre as cantigas, como a letra e a maneira de realizar os movimentos.

Sugerimos algumas brincadeiras cantadas, porém é importante utilizar aquelas relacionadas ao contexto comunitário dos estudantes.

Partindo das experiências das crianças, pergunte-lhes:

QUESTÕES GERADORAS



Vocês já praticaram alguma cantiga executando gestos como bater palmas e pés no ritmo da cantiga?

Como podemos fazer para captar o ritmo (tempos) de uma cantiga?

Como podemos cantar e executar movimentos e gestos ao mesmo tempo?



Vivenciando a prática corporal

Samba Lelê

Material: equipamento de som.

Em um espaço amplo peça aos estudantes que formem um círculo, e sugira-lhes que acompanhem o ritmo da música com um movimento corporal. Para marcar o ritmo, explore movimentos pendulares, palmas e pisadas alternadamente com cada um dos pés no solo.

Explore os movimentos de alguns segmentos corporais; por exemplo, tocando na cabeça, de acordo com a sugestão da letra da cantiga.

Outra sugestão para o desenvolvimento e a exploração dos movimentos, é propor aos estudantes, que em roda, realizem o deslocamento, ora para um lado, ora para o outro, marcando o ritmo com o mesmo pé, direito ou esquerdo. Quando perceber que todos estão no mesmo ritmo, proponha ao grupo bater palmas nos tempos, ou seja, quando os pés tocam o chão.

Nesse momento, identifique aqueles estudantes que possivelmente apresentem maior dificuldade com o ritmo. Não se preocupe, pois essa é uma tarefa que exige operações mentais e motoras complexas.

Lembre-se de que eles devem ser incentivados e elogiados; por isso, faça com que se sintam acolhidos.

A partir do momento em que perceber que os estudantes se apropriaram dos movimentos apresentados, estimule-os a criar outros gestos que poderiam ser substituídos ou adicionados à dança. Escute-os e proponha-lhes que testem as sugestões e avaliem o resultado.

Como sugestão de aprofundamento pode-se apresentar o vídeo “Samba Lelê – Barbatuques | Tum Pá”, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=_Tz7KROhuAw> (aceso em: 23 mar. 2021), para que observem os movimentos e os gestos, os ritmos e o espaço. Incentive-os a criar novos

gestos e movimentos, assim como também explore outros ritmos e o espaço.

SAMBA LELÊ

SAMBA LELÊ ESTÁ DOENTE
ESTÁ COM A CABEÇA QUEBRADA
SAMBA LELÊ PRECISAVA
É DE UMAS BOAS LAMBADAS
SAMBA , SAMBA, SAMBA Ô LELÊ
PISA NA BARRA DA SAIA Ô LALÁ (23 REFRÃO)

Ó MORENA BONITA,
COMO É QUE SE NAMORA?
PÕE O LENCINHO NO BOLSO
DEIXA A PONTINHA DE FORA

Ó MORENA BONITA
COMO É QUE SE CASA
PÕE O VÉU NA CABEÇA
DEPOIS DÁ O FORA DE CASA

Ó MORENA BONITA
COMO É QUE COZINHA
BOTA A PANELA NO FOGO
VAI CONVERSAR COM A VIZINHA

Ó MORENA BONITA
ONDE É QUE VOCÊ MORA
MORO NA PRAIA FORMOSA
DIGO ADEUS E VOU EMBORA

(Cultura popular)

Áudio disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/cancoes-populares/samba-lele.html>>. Acesso em: 23 mar. 2021.



Brincadeira rítmica Samba Lelê.

Borboletinha

Material: giz.

Essa atividade é uma adaptação da cantiga Borboletinha. A ideia é que as crianças executem uma sequência baseada em saltitar em determinadas posições, orientadas pelo ritmo marcado pela cantiga.

Você pode desenhar as posições dos pés no chão, conforme a indicação do quadro a seguir.



Sequência de passos da brincadeira rítmica Borboletinha.

Peça às crianças que cantem a cantiga Borboletinha e executem a sequência de passos no ritmo da cantiga.

De acordo com o quadro, a criança salta para a primeira posição, percorrendo todo o percurso no ritmo da cantiga, e obedecendo à posição estabelecida na sequência.

Ao percorrê-lo, a criança deve pular para fora do percurso e fazer o caminho de retorno para o lado de onde ela iniciou o movimento.

Peça aos estudantes que exercitem a sequência de passos em ritmo lento e, depois, aumentem a progressão ao ritmo normal da cantiga.



//// ////
Crianças executando sequência rítmica da cantiga Borboletinha.

Palma palma pé

Material: não há necessidade de materiais específicos.

A brincadeira rítmica Palma palma pé consiste na execução de palmas, quando pronunciada a palavra “palma”, e batida nas pernas, quando pronunciada a palavra “pé”, conforme a sequência:

Palma Palma Pé	Palma Palma Pé Pé	Palma Palma Palma Pé	Palma Palma Pé Pé Pé
----------------	-------------------	----------------------	----------------------

A execução da sequência deve obedecer ao ritmo em que as palavras “palma” e “pé” são pronunciadas e à aceleração ao decorrer da brincadeira.

Para ilustração da sequência, observe o passo a passo a seguir:

Palma Palma Pé			Palma Palma Pé Pé					
Palma	Palma	Pé	Palma	Palma	Pé	Pé		
Palma Palma Palma Pé				Palma Palma Pé Pé Pé				
Palma	Palma	Palma	Pé	Palma	Palma	Pé	Pé	Pé

ILUSTRAÇÕES: MILA HORTENCIO

//// ////
Sequência rítmica da brincadeira Palma palma pé.

Você pode recriar essa brincadeira, propondo às crianças variações ou, até mesmo, ampliando o grau dificuldade, de modo que elas tenham várias experiências com a brincadeira rítmica.

Veja algumas opções para recriação:

1. Executar os movimentos em dupla: nas “palmas”, as crianças devem bater nas mãos uma da outra, e nos “pés”, cada uma bate sobre as próprias pernas.

2. Executar os movimentos batendo sobre a mesa: nas “palmas”, as crianças batem palma e, nos “pés”, batem com as mãos sobre a mesa, para variar o som produzido pela melodia feita entre batidas de mãos e batidas sobre a mesa.
3. Executar os movimentos com um copo acrílico: nas “palmas”, as crianças batem palma e, nos “pés”, batem um copo acrílico com a “boca” virada para a mesa. Ao pegar o copo com uma das mãos para executar o movimento, a criança terá outras exigências cognitivas em relação à versão original praticada.



Dialogando sobre a prática

Após a atividade, dialogue com as crianças sobre as práticas, perguntando-lhes: São cantigas que vocês conhecem? Já as praticaram? Sabem o significado das letras das cantigas, como Borboletinha?

Deixe-as verbalizar as próprias impressões, incentivando e valorizando a participação de todas.



Registrando

Solicite aos estudantes que pesquisem, junto aos familiares e pessoas da comunidade, cantigas com outras personagens que remontem à infância delas. Podem ser animais, pessoas, profissões ou locais como rua, praia, mar, rio ou objetos. Peça-lhes que tragam os resultados das pesquisas e os compartilhem com os colegas, propondo experimentações e recriando essas cantigas. Pode-se utilizar a sala de informática para que pesquisem, ouçam as músicas e observem os modos de prática. O incentivo ao uso de recursos digitais é importante para desenvolver na criança o desejo de utilizá-los como instrumentos na busca de informações.



Avaliação

Construa com os estudantes um relatório de aprendizagens. Escreva na lousa, em um quadro ou em um papel alguns apontamentos com o objetivo de evidenciar as aprendizagens deles, como:

1. Quais foram os movimentos que realizaram (saltar, girar, agachar, andar de frente, andar de lado, dar-se as mãos, etc.)?
2. Quais foram as principais capacidades físicas envolvidas, como equilíbrio, força muscular ou flexibilidade?
3. De quais ritmos mais gostaram? Rápidos ou lentos?
4. Escreva uma das histórias que as letras das cantigas contam.

5. Como acham que as cantigas surgiram?

Peça aos estudantes que lhe entreguem as respostas e avalie as aprendizagens deles, retornando-lhes com observações quando julgar necessário; por exemplo, devem perceber que muitas cantigas surgiram pelo hábito dos antigos em criá-las para representar assuntos do dia a dia ou situações vivenciadas por eles; que recriar as cantigas perpetua a cultura da comunidade; que ao dançar podemos desenvolver diversas capacidades físicas e aprender novos movimentos.

Oriente os estudantes a registrar as palavras que não conhecem e a pesquisar os significados delas, visando a ampliar o vocabulário sobre as danças e contribuir com a interpretação da letra das cantigas.

NÃO PARE POR AQUI

As atividades aqui apresentadas são algumas possibilidades para a prática de danças do contexto comunitário e regional; porém, outras podem ser acrescentadas, lembrando-se sempre de construir o roteiro de aula com base nas dimensões do conhecimento, observando a formação de competências tanto gerais quanto as da área de Linguagens e as específicas de Educação Física e suas habilidades.

As atividades sugeridas nessa unidade podem ser adaptadas de acordo com a estrutura física escolar, a disponibilidade de materiais e a diversidade dos estudantes, garantindo a todos a oportunidade de vivência.

Outras brincadeiras rítmicas podem ser encontradas em:

Fome come: <<https://www.youtube.com/watch?v=DrcO1Ojpn4Q>>. Acesso em: 8 abr. 2021.

Pipocas dançantes: <<https://www.youtube.com/watch?v=fcYYlpLqEB0>>. Acesso em: 8 abr. 2021.

Yapo: <<https://www.youtube.com/watch?v=rcBvsh7jqnc>>. Acesso em: 8 abr. 2021.

Outros materiais de consulta podem ser encontrados em:

BITTENCOURT, Alessandra Torres. *Atividades rítmicas e dança*. Curitiba: IESD, 2020.

SCHWARTZ, Gisele Maria; TREVISAN, Priscila Raquel Tedesco da Costa; CATIB, Norma Ornelas Montebugnoli; AMATO, Daniel. *Atividades rítmicas e expressivas: no ritmo do cotidiano escolar*. Curitiba: CRV, 2016.



ANA FERNANDEZ/SOPA IMAGES/LIGHTROCKET/GETTY IMAGES

Festival de tecnologia na Holanda, 2019.

Competências Gerais

(2) Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.

Competências de Linguagens

(6) Compreender e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares), para se comunicar por meio das diferentes linguagens e mídias, produzir conhecimentos, resolver problemas e desenvolver projetos autorais e coletivos.

Há muito se discute sobre a tecnologia na escola. Com o advento da internet, a evolução tecnológica e a acessibilidade aos equipamentos eletrônicos, como computadores, celulares e projetores, o foco sobre a tecnologia se voltou quase exclusivamente à utilização das ferramentas digitais como instrumentos de aprendizagem.

No entanto, uma questão importante é a de que o termo “tecnologia” não se restringe à utilização de ferramentas digitais. Pensando em evolução do ser humano, a tecnologia acompanhou o desenvolvimento das sociedades desde tempos remotos. A utilização, por parte de nossos ancestrais, de lanças feitas com pontas de pedra ou ossos pontiagudos, por acaso, não seria um exemplo de tecnologia? Ouvimos muito falar sobre a revolução que foi a “invenção da roda”, termo que nos dias de hoje utilizamos para nos referir a algo fora do comum ou a algo que alguém já fez.

Partindo desse pressuposto, pode-se dizer que tudo o que o ser humano cria para melhorar a sua vida é tecnologia? De acordo com Veraszto *et al.* (2008)¹, existem diversas concepções sobre tecnologia, que se resumem em:

[...] um conjunto de saberes inerentes ao desenvolvimento e concepção dos instrumentos (artefatos, sistemas, processos e ambientes) criados pelo homem através da história para satisfazer suas necessidades e requerimentos pessoais e coletivos. O conhecimento tecnológico é o conhecimento de como fazer, saber fazer e improvisar soluções, e não apenas um conhecimento generalizado embasado cientificamente (VERASZTO *et al.*, 2008, p. 38).

Desse modo, consideramos que as ações dos estudantes nas adaptações dos materiais, as ocupações, as transformações dos ambientes da escola, as produções utilizando múltiplas práticas de linguagens

¹ VERASZTO, Estéfano Vizconde *et al.* *Tecnologia: buscando uma definição para o conceito*. Prisma.com, n. 8, 2009. Disponível em: <<https://ojs.letras.up.pt/index.php/prismacom/article/view/2065/1901>>. Acesso em: 13 jun. 2021.

(corporal, visual, oral e escrita) para registrar, divulgar e apresentar o que sentem nas aulas são tecnologias que os fazem expressar sentimentos e dialogar com os colegas e com o mundo.

EDUCAÇÃO FÍSICA

(EF12EF01) Experimentar, fruir e recriar diferentes brincadeiras e jogos da cultura popular presentes no contexto comunitário e regional, reconhecendo e respeitando as diferenças individuais de desempenho dos colegas.

(EF12EF05) Experimentar e fruir, prezando pelo trabalho coletivo e pelo protagonismo, a prática de esportes de marca e de precisão, identificando os elementos comuns a esses esportes.

(EF12EF08) Planejar e utilizar estratégias para a execução de diferentes elementos básicos da ginástica e da ginástica geral.

(EF12EF11) Experimentar e fruir diferentes danças do contexto comunitário e regional (rodas cantadas, brincadeiras rítmicas e expressivas), e recriá-las, respeitando as diferenças individuais e de desempenho corporal.

Brincadeiras e jogos: antes da experimentação das brincadeiras e jogos da cultura popular, sugere-se propor aos estudantes situações problematizadoras em que eles possam, de forma cooperativa, planejar e construir soluções para que todos participem das práticas de modo ético, inclusivo e democrático.

Esportes: antes da experimentação dos esportes de marca e de precisão, sugere-se propor aos estudantes situações problematizadoras nas quais, de forma participativa, eles criem implementos característicos dos esportes de marca e de precisão.

Ginásticas: pode-se sugerir aos estudantes a criação de vídeos com eles e os próprios familiares experimentando juntos, no lazer, alguns elementos da ginástica como forma de disseminação do conhecimento sobre os movimentos da prática corporal.

Danças: sugere-se apresentar aos estudantes situações problematizadoras em que eles possam, de forma participativa, utilizar as ferramentas de busca para pesquisar por danças do contexto comunitário e regional onde vivem.

ARTE

(EF15AR05) Experimentar a criação em artes visuais de modo individual, coletivo e colaborativo, explorando diferentes espaços da escola e da comunidade.

(EF15AR06) Dialogar sobre a sua criação e as dos colegas, para alcançar sentidos plurais.

(EF15AR14) Perceber e explorar os elementos constitutivos da música (altura, intensidade, timbre, melodia, ritmo etc.), por meio de jogos, brincadeiras, canções e práticas diversas de composição/criação, execução e apreciação musical.

(EF15AR15) Explorar fontes sonoras diversas, como as existentes no próprio corpo (palmas, voz, percussão corporal), na natureza e em objetos cotidianos, reconhecendo os elementos constitutivos da música e as características de instrumentos musicais variados.

(EF15AR16) Explorar diferentes formas de registro musical não convencional (representação gráfica de sons, partituras criativas etc.), bem como procedimentos e técnicas de registro em áudio e audiovisual, e reconhecer a notação musical convencional.

As artes estão intimamente ligadas ao desenvolvimento científico e tecnológico. Grandes artistas da Antiguidade, para produzir suas obras, tinham de ser cientistas, engenheiros, arquitetos e pensadores, como filósofos e professores. Essas habilidades foram importantes para desenvolver suas tintas, ferramentas para esculpir, máquinas que pudessem auxiliar no seu trabalho, entre outros.

Os instrumentos musicais são os exemplos mais evidentes, sendo feitos de diferentes materiais, como partes de animais (ossos, chifres, peles, vísceras), madeira, ligas metálicas, polímeros e elementos eletrônicos. Além dos instrumentos, a música utiliza diferentes equipamentos eletrônicos para suporte, cujo alcance foi ampliado com o surgimento da internet. Da composição à execução; da gravação e do armazenamento à reprodução, além da música gravada, o estudo e a preparação da *performance* podem ser auxiliadas por aparelhos de medição, como metrônomos², afinadores, dos mais rudimentares aos mais modernos, hoje em dia disponibilizados em aplicativos para celulares.

² Aparelho utilizado para determinar o andamento musical.

Outro elemento importante de tecnologia está ligado à escrita da música por meio de representação gráfica, por notação musical³ tradicional ou pela chamada partitura criativa⁴.

No 2º ano, propõe-se a articulação da Educação Física com a Arte (Música) por meio da percepção auditiva relacionada à identificação de timbres de diferentes fontes sonoras (vozes, objetos, elementos naturais); compreensão de melodia relacionada à execução vocal das parlendas, diferenciando fala, recitação e canto; e a representação das danças por meio de notação em partituras criativas. São exemplos de aplicação da articulação entre a Arte e a Educação Física nas práticas:

Brincadeiras e jogos: na brincadeira “Esconde-esconde”, pode-se trabalhar a escuta como mais uma habilidade. A percepção auditiva está estreitamente ligada ao sentido de localização e pode ser acionada pela criança que está no “pique” para localizar a direção do movimento das outras crianças enquanto se escondem, assim como identificar sons específicos oriundos dos locais de esconderijo. Nos exercícios preparatórios, pode-se reservar um momento para exercitar a percepção das crianças colocando-as de olhos fechados em círculo ou outras formações. O professor nomeia uma criança para “ouvir” e toca outra criança que deve dizer uma palavra escolhida por todos. A criança nomeada deve identificar a outra e apontar a direção de onde veio sua voz. Outra atividade pode ser feita para sensibilização da escuta do espaço onde se realiza a aula, propondo às crianças que identifiquem, no ambiente, diferentes fontes sonoras e as descrevam. Tanto a percepção quanto a observação e a classificação, habilidades trabalhadas nessas atividades, são fundamentais para estimular competências científicas por meio das experiências e percepções do próprio corpo para utilizar estratégias que agucem as habilidades sensoriais.

Na brincadeira “Corre cutia”, o elemento melodia é o mais evidente a ser trabalhado, pois há o uso de uma parlenda falada no ritmo, em volume bem forte, sem o aspecto melódico. O professor pode apontar a diferença entre falar o texto linearmente com ritmo, recitar, imprimindo contorno melódico às palavras, e cantar, o que envolve o ajuste da voz a alturas definidas. Para enriquecer ainda mais a atividade, o professor pode perguntar às crianças se sabem cantar a parlenda ou mesmo propor uma pesquisa: as crianças podem perguntar aos pais, avós ou outros familiares se conhecem a melodia, gravá-la e compartilhá-la com os colegas, comparando os resultados e discutindo se há ou não o aspecto melódico, incentivando o uso da tecnologia para a produção de conhecimentos. Um exemplo da parlenda recitada pode ser ouvido em: <https://www.youtube.com/watch?v=cqp4N_Hqxvs>. Acesso em: 14 jun. 2021.

Ginásticas: pode-se propor a grupos de estudantes que pratiquem os apoios e reflitam sobre os aspectos visuais artísticos aplicados nas ginásticas. Eles devem experimentar e refletir sobre como o corpo se comporta, sobre como eles sentem os músculos, como forma de estimular a observação, elemento importante na construção do conhecimento científico.

Danças: propõe-se, em danças, articular com a música o conceito de notação musical e partitura criativa, aproveitando a forma como elas são apresentadas na unidade. Na brincadeira rítmica “Borboletinha” é proposto que as crianças desenhem as sequências feitas com os pés. Em “Palma palma pé” também é proposta uma sequência de imagens dos movimentos. Podemos dizer que essas formas de representar o que será executado, corporalmente, com a voz ou em um instrumento musical, são chamadas de partituras. O professor pode propor à turma que crie uma partitura para a execução de “Samba Lelé”, como meio de incentivar a criação e a recriação de instrumentos a serem empregados na atividade proposta.

LÍNGUA PORTUGUESA

(EF15LP01) Identificar a função social de textos que circulam em campos da vida social dos quais participa cotidianamente (a casa, a rua, a comunidade, a escola) e nas mídias impressa, de massa e digital, reconhecendo para que foram produzidos, onde circulam, quem os produziu e a quem se destinam.

(EF15LP08) Utilizar *software*, inclusive programas de edição de texto, para editar e publicar os textos produzidos, explorando os recursos multissemióticos disponíveis.

(EF15LP18) Relacionar texto com ilustrações e outros recursos gráficos.

(EF02LP02) Segmentar palavras em sílabas e remover e substituir sílabas iniciais, mediais ou finais para criar novas palavras.

(EF02LP14) Planejar e produzir pequenos relatos de observação de processos, de fatos, de experiências pessoais, mantendo as características do gênero, considerando a situação comunicativa e o tema/assunto do texto.

³ De acordo com Stanley (1994, p. 656), um equivalente visual do som musical, que se pretende um registro do som ouvido ou imaginado, ou um conjunto de instruções visuais para intérpretes.

SADIE, Stanley (ed.). Notação musical (verbete). *Dicionário grove de música*. Edição concisa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

⁴ Na partitura criativa, os símbolos da notação musical tradicional são substituídos por desenhos, gráficos, imagens, relevos ou outras formas que representem a música.

(EF12LP11) Escrever, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor, fotolegendas em notícias, manchetes e lides em notícias, álbum de fotos digital noticioso e notícias curtas para público infantil, digitais ou impressos, dentre outros gêneros do campo jornalístico, considerando a situação comunicativa e o tema/assunto do texto.

Podemos considerar que ciência, tecnologia e educação são conceitos indissociáveis. De acordo com Kenski:

O conceito de tecnologias engloba a totalidade de coisas que a engenhosidade do cérebro humano conseguiu criar em todas as épocas, suas formas de uso, suas aplicações. [...]

A linguagem, por exemplo, é um tipo específico de tecnologia que não necessariamente se apresenta através de máquinas e equipamentos. A linguagem é uma construção criada pela inteligência humana para possibilitar a comunicação entre os membros de determinado grupo social (KENSKI, 2007, p. 22-23)⁵.

Com base nessa interpretação, podemos considerar as diversas linguagens, entre elas a verbal – oral, escrita e digital –, como saberes culturais, tecnologias a serem exploradas na educação.

De acordo com Brasil (2018)⁶, as competências e as habilidades relacionadas ao uso das tecnologias devem ser desenvolvidas tanto de forma transversal como de forma direcionada, tendo como fim seu uso, isto é, utilizá-las com os estudantes para que construam conhecimentos com e sobre o uso dessas tecnologias digitais de informação e comunicação.

Para que a alfabetização e o letramento, digital ou não, conduzam aos aprendizados desejados, é preciso que as tecnologias estejam ajustadas e adequadas aos processos educacionais.

No que diz respeito aos componentes Educação Física e Língua Portuguesa, no 2º ano do Ensino Fundamental, a articulação que podemos promover, considerando as múltiplas linguagens em sua dimensão tecnológica, é adequar as atividades de cada eixo aos objetivos a serem alcançados, dando continuidade ao processo de alfabetização e letramento estreado nos anos anteriores e iniciar o letramento digital.

Brincadeiras e jogos: a atividade “Esconde-esconde” contribui para desenvolver a leitura e a descoberta de palavras escondidas em outras palavras. Assim, uma primeira pergunta poderia ser: “Que palavra se esconde em ‘esconde-esconde’?”. E assim por diante, em “repolho”, “olho”, “caqui”, que tem “cá” e “aqui”, como uma maneira de estimular o olhar de ângulos e pontos de vista diferentes, exercício importante para o desenvolvimento de competências científicas. Um vídeo com a proposta dessa atividade, que pode ser desenvolvida oralmente ou por escrito, e também com palavras sugeridas pelas crianças, pode ser visto em: <<https://www.youtube.com/watch?v=U9OwJFMqdZ0>>. Acesso em: 14 jun. 2021.

Esportes: como as modalidades de salto são esportes olímpicos e paralímpicos, é fácil encontrar fotografias de atletas em atividade de salto na internet. Uma busca prévia, com pré-seleção de *sites* pelo professor, pode dar início à atividade, para que os estudantes observem e apreciem os movimentos e as expressões faciais do corpo em ação, comentando suas observações para chegar à produção de fotolegendas. Legendar significa não só descrever o que se vê nas fotos, mas também adicionar informações resultantes da observação pessoal.

A mesma atividade poderia ser realizada com fotografias dos estudantes que realizaram os saltos e atuaram no boliche. Todo o processo de transferência das fotografias digitalizadas para os aplicativos adequados à realização da tarefa poderia ser acompanhada pelos estudantes como mais um aprendizado envolvendo as linguagens digitais e estimulando a habilidade de classificação da informação.

Ginásticas: a atividade com apoios invertidos propicia uma experiência rica para a expressão verbal da criança. Além dos desenhos produzidos, ou mesmo com base neles ou ainda com eles, é possível propor aos estudantes uma produção escrita que se iniciaria com as provocações: “E se... o que aconteceria?”, “E se o mundo virasse de ponta-cabeça?”, “E se meu quarto, minha casa, minha família estivessem de cabeça para baixo?”. Outra sugestão é a proposta de imaginar o mundo ao contrário: “E se a noite fosse dia/E se o dia fosse noite?”. Essa é uma oportunidade para estimular a formulação de hipóteses e a imaginação.

Uma brincadeira com a própria língua também seria possível: a língua ao contrário. Os estudantes iniciariam cada um escrevendo o próprio nome com as sílabas invertidas (“Camila-Lamica, Pedro-Drope”) e, em seguida, um pequeno texto que se tornaria enigmático, com todas as palavras com mais de uma sílaba, escritas dessa maneira, a ser decifrado pelo colega. Por exemplo, “Lamica diupe ao Drope uma dabilam no tevisor de telacocho, mas lee não deu”. Seria uma forma de praticar a ginástica com as palavras, a ginástica da língua!

⁵ KEINSKI, Vani Moreira. *Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação*. 7. ed. Campinas: Papirus, 2007.

⁶ BRASIL. Ministério da Educação. *Tecnologias digitais da informação e comunicação no contexto escolar: possibilidades*. Caderno de práticas e aprofundamento para a implementação da Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/implementacao/praticas/caderno-de-praticas/aprofundamentos/193-tecnologias-digitais-da-informacao-e-comunicacao-no-contexto-escolar-possibilidades>>. Acesso em: 3 jun. 2021.

REFERÊNCIAS

AULETE, Francisco J. Caldas. *Dicionário Aulete*. Versão digital: Lexikon. Disponível em: <<https://www.aulete.com.br/ritmo>>. Acesso em: 19 abr. 2021.

A obra digital oferece para consulta aproximadamente 818 mil verbetes, definições e locuções presentes na Língua Portuguesa.

BLACK, Paul J. *et. al.* Working inside the black box: assessment for learning in the classroom. *Phi Delta Kappan*, v. 86, n. 1, p. 9-21, 2004. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/44835745_Working_Inside_the_Black_Box_Assessment_for_Learning_in_the_Classroom>. Acesso em: 23 abr. 2021.

Sequência de um texto anterior, “Inside the black box”, no qual os autores demonstraram que a melhora da avaliação formativa aumenta o desempenho dos estudantes, “Working inside the black box” parte da ideia de que, embora as evidências fornecessem muitas ideias para melhoria, faltavam detalhes que possibilitassem aos professores implementá-las nas salas de aula. O artigo traz relatos de um projeto de acompanhamento que tem ajudado os docentes a mudar a sua prática e os estudantes a mudar o seu comportamento no compartilhamento de responsabilidade pela aprendizagem deles.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 5 fev. 2021.

A *Base Nacional Comum Curricular – BNCC* – é um documento que rege a prática pedagógica brasileira na Educação Básica. Está alinhada com pesquisas contemporâneas, compreendendo os componentes curriculares como um meio, e não como um fim, e entendendo que a educação formal escolar deve propiciar aos estudantes o desenvolvimento de competências e habilidades essenciais não apenas para o prosseguimento dos estudos no Ensino Superior, mas também para a formação cidadã, crítica e ética.

BRASIL. Ministério da Educação. *Caderno de educação em direitos humanos: educação em direitos humanos – diretrizes nacionais*. Brasília: Secretaria Nacional de Promoção e Defesa dos Direitos Humanos, 2013. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=32131-educacao-dh-diretrizesnacionais-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 13 jun. 2021.

O documento, dividido em quatro unidades, traz orientações aos profissionais da educação para atender aos objetivos de promoção da inclusão e da prática da educação em direitos humanos em todos os níveis de ensino. Na primeira unidade é feita uma contextualização dos direitos humanos no Brasil e em outros países; na segunda, é expressa a trajetória da educação em direitos humanos em outros países e no Brasil e descrito o conceito de educação em direitos humanos; na terceira, são apresentadas as diretrizes nacionais para a educação em direitos humanos, a sua contextualização e aplicação e como seriam propostas na Educação Básica; na quarta unidade são apresentadas proposições metodológicas para desenvolver a educação em direitos humanos.

BRASIL. Ministério da Educação. *Decreto n. 9.765, de 11 de abril de 2019*. Institui a Política Nacional de Alfabetização. Diário Oficial da União, 11 abr. 2019. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/Decreto/D9765.htm>. Acesso em: 5 mar. 2021.

Decreto institucionalizado em 2019 que tem como meta melhorar a qualidade da alfabetização no Brasil e combater o analfabetismo absoluto e funcional. A PNA tem como embasamento seis componentes: consciência fonêmica, instrução fônica sistemática, fluência em leitura oral, desenvolvimento de vocabulário, compreensão de textos e produção escrita.

BRASIL. Ministério da Educação. *Diretrizes nacionais para a educação em direitos humanos*. Brasília: MEC, 2012. Disponível em: <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/educacao-em-direitos-humanos/DiretrizesNacionaisEDH.pdf>>. Acesso em: 13 jun. 2021.

Documento elaborado pelo Conselho Nacional de Educação – CNE –, as *Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos* trazem, inicialmente, uma apresentação sobre a educação em direitos humanos, e, posteriormente, apresenta um breve histórico dos direitos humanos e da educação em direitos humanos em outros países e no Brasil. Na segunda parte, estabelece os fundamentos da educação em direitos humanos e os princípios dessa fundamentação. Prossegue descrevendo os objetivos da educação em direitos humanos e como esta se manifestaria na Educação Básica e no Ensino Superior. O documento finaliza com uma reflexão sobre os desafios de se estabelecer uma cultura em direitos humanos na educação.

BRASIL. Ministério da Educação. *Tecnologias digitais da informação e comunicação no contexto escolar: possibilidades*. Caderno de práticas e aprofundamento para a implementação da Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/implementacao/praticas/caderno-de-praticas/aprofundamentos/193-tecnologias-digitais-da-informacao-e-comunicacao-no-contexto-escolar-possibilidades>>. Acesso em: 3 jun. 2021.

O documento apresenta possibilidades de implementação dos princípios da *Base Nacional Comum Curricular*, sugerindo práticas, aprofundamentos e material de apoio às redes de ensino de todo o Brasil.

BRASIL. Ministério da Educação. *Temas contemporâneos transversais na BNCC: contexto histórico e pressupostos pedagógicos*. Brasília: Secretaria de Educação Básica, 2019. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/contextualizacao_temas_contemporaneos.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2021.

O texto propõe inicialmente uma apresentação dos temas contemporâneos transversais, que têm o papel e as condições de fazer as ligações entre os componentes curriculares, a escola e o seu cotidiano. Traz um histórico dos temas transversais propostos nos PCN e as resoluções do CNE com alguns temas contemporâneos, como as *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana* – Resolução CNE/CP nº 1/2004; as *Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos* – Resolução CNE/CP nº 1/2012; e as *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental* – Resolução CNE/CP nº 2/2012, que na versão final da *Base Nacional Comum Curricular* passaram a se chamar “temas contemporâneos”. Propõe em sequência a organização dos temas contemporâneos em macroáreas temáticas; por fim; orienta os pressupostos pedagógicos para a abordagem dos temas contemporâneos transversais.

CARNEIRO, Ida Martins. *As relações do professor de educação infantil com a brincadeira: do brincar na rua ao brincar na escola*. Piracicaba: Unimep, 2009. Tese apresentada ao programa da pós-graduação em Educação. Disponível em: <http://iepapp.unimep.br/biblioteca_digital/pdfs/2006/RAPQEBFSXBAY.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2021.

A tese de Ida Martins Carneiro, apoiada na teoria histórico-cultural proposta pelos estudos de L. S. Vygotsky, apresenta uma investigação das relações que professores de Educação Infantil estabelecem com as brincadeiras tanto em sua história pessoal, vivida durante a infância, como em suas práticas pedagógicas e de formação, buscando apreender em seus depoimentos as suas concepções sobre a infância, o brincar e a Educação Infantil, demonstrando a importância do brincar e o seu potencial educativo.

CBAT (Confederação Brasileira de Atletismo). *História do atletismo*. Disponível em: <<http://www.cbat.org.br/novo/>>. Acesso em: 9 mar. 2021.

A CBAT é entidade federativa que regulamenta a modalidade no Brasil, reunindo em seu canal de comunicação as informações oficiais sobre o atletismo.

CBBOL (Confederação Brasileira de Boliche). *História do boliche*. Disponível em: <<http://boliche.com.br/cbbol/>>. Acesso em: 9 mar. 2021.

Nesse site é possível acompanhar os componentes básicos do boliche. A instituição é responsável pelos torneios, pela regulamentação e pela condução da modalidade formalmente. Além das regras e notícias sobre a modalidade é possível acompanhar o calendário, os cursos e eventuais modificações nas regras e atualizações sobre o boliche.

GALLAHUE, David L.; OZMUN, John C.; GOODWAY, Jackie D. *Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos*. Porto Alegre: AMGH, 2013.

Essa obra é uma das maiores, senão a maior, sobre o desenvolvimento motor. Quase sempre citada em artigos atuais, apresenta informações sobre todas as fases de desenvolvimento, desde o período fetal até o envelhecimento. Esse é um livro extremamente útil para a compreensão das habilidades e do desenvolvimento motor das crianças em idade escolar.

KEINSKI, Vani Moreira. *Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação*. 7. ed. Campinas: Papirus, 2007.

Nesse livro, Vani Moreira Kenski trata da relação entre educação e tecnologias em uma linguagem acessível a todos os que se interessam por educação. Traça um histórico dos usos tecnológicos em diferentes épocas e sua relação com o poder. Apresenta também exemplos de propostas de ensino mediadas pelas Tecnologias de Informação e Comunicação – TICs.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org.). *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação*. São Paulo: Cortez, 1997.

A obra apresenta uma coletânea de artigos conduzidos pelo Grupo Interinstitucional sobre o Jogo na Educação, da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, discutindo a natureza do jogo, suas manifestações e funcionalidades na área da aprendizagem, constituindo importantes referenciais teóricos sobre as brincadeiras, os jogos e o contexto pedagógico.

ONU (Organização das Nações Unidas). *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. Resolução 217 A III. Paris: Assembleia Geral das Nações Unidas, 1948. Disponível em: <<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Declara%C3%A7%C3%A3o-Universal-dos-Direitos-Humanos/declaracao-universal-dos-direitos-humanos.html>>. Acesso em: 13 jun. 2021.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos, criada após a tragédia humanitária da Segunda Guerra Mundial, é um documento redigido coletivamente e adotado pela ONU em 1948, apresentando os direitos humanos básicos.

SADIE, Stanley (ed.). *Notação musical (verbete)*. *Dicionário grove de música*. Edição concisa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

O *Dicionário grove de música* é obra de referência para definição de termos e conceitos musicais, biografias curtas de compositores e intérpretes, e informações sobre formas, gêneros, estilos e instrumentos musicais.

SEKEFF, Maria de Lourdes. *Da música: seus usos e recursos*. São Paulo: Unesp, 2007.

Nesse livro, Maria de Lourdes Sekeff comenta os diferentes usos e recursos da música além da apreciação estética, fazendo uma defesa da importância da educação musical. Ela relaciona a música a diferentes aspectos do desenvolvimento humanofísico, mental, social, emocional e espiritual. Além disso, aponta a interdisciplinaridade da música, articulando-a com psicologia, psiquiatria, antropologia e musicoterapia.

VERASZTO, Estéfano Vizconde *et al.* *Tecnologia: buscando uma definição para o conceito*. Prisma.com, n. 8, 2009. Disponível em: <<https://ojs.letras.up.pt/index.php/prismacom/article/view/2065/1901>>. Acesso em: 13 jun. 2021.

Para os autores, o termo tecnologia apresenta diferentes definições e formas de interpretação quando estudado de perspectivas distintas ao longo da história. No artigo procuram, então, definir ou classificar as diferentes concepções de tecnologia apresentadas na literatura, por meio de uma revisão bibliográfica e histórica, a fim de encontrar uma definição atual para o termo.



MODERNA



MODERNA

ISBN 978-85-16-13327-6



9 788516 133276